



Manoel José Ferreira de Carvalho

A CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL

Edvard Passos (organizador)



A CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR *João Carlos Salles Pires da Silva*

VICE-REITOR *Paulo Cesar Miguez de Oliveira*

ASSESSOR DO REITOR *Paulo Costa Lima*



E D U F B A

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA *Flávia Goulart Mota Garcia Rosa*

CONSELHO EDITORIAL *Alberto Brum Novaes*

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

A CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL

Manoel José Ferreira de Carvalho

Edvard Passos (organizador)

Salvador EDUFBA 2016

2016, autores.

Direitos dessa edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO *Equipe Edufba*

FOTOGRAFIA DA CAPA *Nilton Souza*

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO *Letícia Rodrigues*
Sandra Batista

SISTEMA DE BIBLIOTECAS — UFBA

C331 Carvalho, Manoel José Ferreira de

A cidade efêmera do carnaval. Organizado por Edvard Passos, Salvador: Edufba, 2016.

232 p.

ISBN 978-85-232-1548-4

1. Carnaval z Salvador (BA). 2. Festas Populares z Salvador (BA). 3. Cidade do Carnaval x aspectos físicos. 4. Cidade do Carnaval x aspectos ambientais. 5. Cidade do Carnaval x aspectos territoriais.

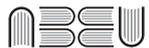
I. Passos, Edvad (org.). II. Título.

CDU 394.25(813.8)

Editora afiliada à



ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Câmara Bahiana do Livro

EDITORA DA UFBA

Rua Barão de Jeremoabo

s/n - Campus de Ondina

40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

Fax: +55 71 3283-6160

www.edufba.ufba.br

edufba@ufba.br

SUMÁRIO

A FORÇA ORGANIZADA DA CULTURA 7

URBANISMO EFÊMERO 11

1

CIDADE CARNAVAL CIDADE 17

A construção ritual dos espaços de Salvador 19

Cidade Carnaval Cidade 27

Configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador 39

2

UM PLANO PARA A CIDADE EFÊMERA 49

Características atuais do Carnaval de Salvador 56

A apropriação do espaço/tempo da cidade pelo Carnaval 57

O Carnaval de Salvador como um “megaevento de rua” 65

Os “modelos conceituais” da atual configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador 67

A relação da “cidade efêmera do Carnaval” com a “cidade cotidiana” 71

Áreas temáticas do Plano 73

Produtos propositivos 83

3

AS PROPOSTAS PARA O CARNAVAL DE SALVADOR 121

Ordenamento 124

Ambientação 130

Imagem ambiental 136

Outras propostas 140

GLOSSÁRIO 147

CARTOGRAFIA E FOTOS AÉREAS DA CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL 153

ERÓTICA, SAGRADA E LÚDICA: A CIDADE SEGUNDO MANOEL 171

A VOZ DE MANOEL SE ELEVA OUTRA VEZ 175

SOBRE O AUTOR 179

NOTAS 217

REFERÊNCIAS 219

A FORÇA ORGANIZADA DA CULTURA

por **João Carlos Salles**, filósofo, reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA

Os documentos aqui reunidos, dispendo-se entre o ensaio e o projeto, com sabor misto de peça teórica e instrumento prático, deixam entrever parte da grandeza múltipla de Manoel José Ferreira de Carvalho, aqui a organizar o movimento, a orientar o Carnaval. Não são apenas peças de teoria e pesquisa, mas envolvem extensão e mesmo intervenção, passando seu gesto teórico a fazer parte do objeto que deseja compreender.

Manoel José prezava a singularidade. Estranho talvez insistir nesse aspecto, referindo-me a quem ficou conhecido por articular como ninguém um trabalho conjunto, envolvendo associações diversas, e por também destacar-se em um movimento institucional partidário, que lhe fazia sobrepôr às inclinações pessoais as exigências de um coletivo. Conseguia assim, como poucos, afirmar-se ele próprio e ser acolhedor.

Não só foi um dos nomes destacados em nossa terra ao tempo do combate à ditadura militar, como foi, enquanto professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), um de seus quadros institucionais mais destacados da Faculdade de Arquitetura e da UFBA inteira. Em alguns momentos, aliás, como pude testemunhar, sua argúcia, dedicação e capacidade política foram essenciais a nosso equilíbrio institucional.

Sua personalidade forte o fazia tanto afirmar contra preconceitos e limitações, escolhas as mais pessoais, quanto a estar preparado para a novidade das ideias, para a força mesma dos objetos teóricos. Singularidades e heresias, nada que se acomodasse à rigidez dos livros, nada que o afastasse de estar colado à força da práxis, pessoal ou coletiva.

Movimentos que são construções, rituais que são transfigurações, espaços não mais travados pela fixidez da arquitetura, mas antes uma arquitetura que se faz movimento e transfigura a cidade. Uma arquitetura efêmera, a ser cuidada como projeto, no qual a esperança, no olhar do arquiteto crítico, pretende fazer o espaço depender da reinvenção pela festa ou pela movimentação política, por rituais e rotinas, por coloridos e pessoas.

Aqui, a técnica, antes preparada para o ordinário, para a rotina de reprodução da cidade, é chamada a agarrar o efêmero e a reinventar-se nesse esforço de compreender o construído e desconstruído pelo espaço da festa, decifrando ordens e configurações, limites e estruturas, onde parecia imperar o simples caos pulsante. E aqui também brilha a face do gestor, pois a teoria logo se desdobra em política de compartilhamento do espaço, em olhar democratizante do público, em intervenção, em contribuição para o aprimoramento do espaço da festa.

Os documentos aqui resgatados recuperam então o pesquisador militante, mesmo quando desenha um simples projeto. Vemos nos textos a inquietação teórica, o olhar atento à singularidade do objeto mesmo que pretende tocar, seu encantamento nada burocrático com isso que, entretanto, pretende submeter a estudo preciso e a transformação, como gestor preocupado com políticas públicas capazes de fazer valer a força mesma da cidade.

O evento, pensado em sua singularidade, pode então ser compreendido em sua natureza cíclica, repetível e, enfim, integrada à configuração da própria cidade, cujas demandas se materializam na apropriação fugaz do espaço público durante o Carnaval, sem prejuízo de histórias precisas.

O pesquisador tem preocupações de gestor. Quer preparar e disciplinar o espaço, garantir a segurança, adequar os lugares, constituir portais, mas também guarda a face de amante e teórico, que deseja preservar, dar vazão, viver e entender as razões da festa. O Carnaval, assim agarrado em múltiplas dimensões, é tanto um megaevento que solicita a excelência de um planejamento quanto um caminho para desvendar, por exemplo, os laços íntimos entre festa e ordem urbana – laços especialmente visíveis

nos pontos de fricção entre a montagem e desmontagem da cidade efêmera do Carnaval, enquanto contraposta ao tecido da cidade cotidiana.

Dadas a confluência de interesses e a fragmentação de textos que servem a propósitos diversos, talvez o leitor tenha dificuldade de perceber em todos eles a conjugação de olhares e atitudes que fez Manoel José tão único e admirável. Misto de gestor e político, de teórico e fauno, de cidadão e líder de um grupo de pesquisadores-extensionistas, Manoel trazia essa energia múltipla para o tema do Carnaval. E, com seu bordão de que extensão era estritamente pesquisa, galvanizava a todos, sendo sempre capaz de revirar a placidez de estudantes e colegas, de organizar a narrativa e fazer a festa.

Os documentos são preciosos, mesmo quando nos fazem lamentar que, com seu fôlego e seu brilho, tendo falecido tão cedo, Manoel não tenha podido produzir muitos outros materiais, à altura do encantamento que sua passagem por nossas vidas suscitou. De todo modo, aqui transpira aquela força toda sua, uma energia que era capaz de imantar os olhares e nos dar vontade de ir às ruas e à luta. Esse conjunto revela-se, pois, um testemunho desse ator gigantesco, de voz e presença poderosas, corajoso no enfrentamento de sua saúde e de sua doença, de suas escolhas e de suas lutas, em seu espaço mais pessoal e em sua militância a mais pública.

URBANISMO EFÊMERO

por **Naia Alban**, arquiteta, diretora e professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA

O Carnaval de Salvador é uma das maiores festas de rua do Brasil e subverte, a cada ano e por aproximadamente uma semana, a lógica de funcionamento de uma das maiores metrópoles brasileiras. Apesar dos desafios que esse evento apresenta em termos de adequação tanto urbanística quanto arquitetônica, até hoje poucas foram as ocasiões em que os pesquisadores da Faculdade de Arquitetura da UFBA se dedicaram à tentativa de compreendê-lo e, principalmente, a encontrar novos caminhos para equacionar os problemas de fluxos, infraestrutura e organização espacial, dentre outros, colocados, não apenas, mas principalmente, pelo Carnaval de Salvador.

Essa metamorfose espacial foi problematizada por nosso querido Manoel Jose nos anos 1990. Professor da Escola desde 1984, sistematizou uma pesquisa que, para além de revelar uma complexidade urbana efêmera que se superpunha anualmente ao tecido urbano de Salvador, intencionava equacionar suas lógicas, territorialidades e individualidades reveladas. Com a seriedade de um acadêmico, Manoel se divertia com as transfigurações dos espaços, de grupos e pessoas que durante o Carnaval eram desconstruídas e reconstruídas diariamente.

Trabalhamos uma vez juntos propondo espacialidades para o Carnaval. Dominava como ninguém a escala do evento, uma escala difícil para a construção cênica, uma escala que, a seu ver, deveria estar carregada de ludicidade e humor, características carnavalescas indispensáveis.

A atualidade do tema é indiscutível, como comprova a Bienal de Veneza, que dedicou um de seus principais espaços, intitulado “Urbanismo efêmero”,

à pesquisa desenvolvida, a partir de 2012, por professores e alunos da Harvard Graduate School of Design sobre a impermanência de configurações urbanas, baseando-se no argumento de que, para que as cidades contemporâneas sejam sustentáveis, elas precisam acomodar fluxos cada vez mais temporários nas suas estruturas, o que se torna mais relevante do que se acomodar em configurações materiais estáticas.

Esta publicação recupera, em boa hora, a pesquisa desenvolvida sob a coordenação do professor Manoel José de Carvalho entre 1997 e 2003, que correspondeu à pioneira e até o momento mais importante ocasião em que os professores e alunos da Faculdade de Arquitetura se concentraram em entender esse importante fenômeno urbano que é o Carnaval de Salvador. Esperamos que esse resgate incentive os jovens docentes, pesquisadores e alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia a novamente lançar seus olhares para a compreensão desse fenômeno e centrar seus esforços no desenvolvimento de propostas urbanísticas e arquitetônicas voltadas a superar os desafios impostos por esse evento.

Algo que Manoel fazia com muito profissionalismo, prazer e paixão.

A Bahia não é uma cidade de contrastes.

Quem pensa assim está enganado.

*Tudo aqui se interpenetra, se funde,
se disfarça e volta à tona sob os aspectos
mais diversos, sendo duas ou mais coisas
ao mesmo tempo, tendo outro significado,
outra roupa, até outra cara.*

*De contrastes seria se fosse uma cidade
com coisas que uma nada tem ver com a
outra, mas aqui tudo tem que ver.*

*Tudo é misturado, gente, coisas, costumes,
pensares. Vindos de longe ou sendo
daqui, tudo misturado.*

Carybé, 1950

Quando eu era diretor da Faculdade de Arquitetura¹, de 1995 a 1999, nós enfrentamos uma reforma de currículo já prometida e desejada há pelo menos 20 anos. Um trabalho muito interessante, fruto de um esforço grande de uma parcela significativa de professores e alunos da Escola, e foi o momento em que se questionava: o que a Escola de Arquitetura deveria mudar? Qual deveria o ser o perfil da Escola a partir dali? Surgem, então, questionamentos em todos nós, professores, de quais os conteúdos e práticas que ainda não estavam incluídas na Faculdade. E, dentre essas, uma coisa que me chamava muito a atenção era o fato de que, sendo Salvador uma cidade que praticava com intensa normalidade eventos de rua, apropriação dos espaços públicos, a Escola de Arquitetura nunca tinha se envolvido, de uma maneira direta, nessa área, nesse tipo de manifestação que nós chamamos de “arquitetura efêmera”, que são as apropriações temporárias do espaço público e as edificações, que são construídas já com um tempo de vigência previamente definido. Foi nesse momento, então, que nós percebemos que na Pró-Reitoria de Extensão,² dirigida pelo professor Paulo Lima³, começava um movimento muito importante de aglutinar os pesquisadores da Universidade que trabalhavam com o Carnaval de Salvador. Como é que se imaginaria uma Faculdade de Arquitetura, sediada em Salvador, que não tivesse uma linha permanente de investigação e de serviço em relação aos eventos de rua? Foi essa a nossa motivação e a partir daí que nós começamos esse trabalho. Foi um grande desafio trabalhar com o planejamento do Carnaval porque conceitualmente o instrumental que nós

temos ao nível do urbanismo e da arquitetura tinha que ser interpretado para essa situação.

Ou seja, na verdade, nós não estamos planejando o Carnaval de Salvador, nós estamos planejando a cidade de Salvador enquanto submetida ao Carnaval. E isso é muito importante até para que se entenda qual é o papel e a participação que a Faculdade de Arquitetura tem neste trabalho.

CIDADE CARNAVAL CIDADE

A CONSTRUÇÃO RITUAL DOS ESPAÇOS DE SALVADOR

Na minha formação de arquiteto, a palavra “ritual” junto da palavra “construção” é alguma coisa que soa estranho, porque nós sabemos muito bem o que é construção e também sabemos muito bem o que é ritual. No entanto, “construção ritual” é uma grande provocação para nossa disciplina, para nossa leitura do espaço, para nossa forma de ver a vida. Tanto assim que eu me detive exatamente nessa frase e vou tentar colocar um pouco da minha visão, como arquiteto, sobre como eu vejo a questão das transfigurações de Salvador.

A primeira coisa que eu me perguntei é se existiriam construções transfigurantes. Ou seja: será que, nesta cidade, ou em todas as cidades, existiriam construções que transfigurariam a própria cidade? Construções que apontassem na dimensão do duradouro, na dimensão do sólido, na dimensão do perene, sempre tão distantes da dimensão do ritual? E aí me veio a ideia não só de construções, mas de desconstruções também, construções e desconstruções de edificações, de sítios, de paisagens naturais e de paisagens construídas.

Pergunto-me: seria o Elevador Lacerda uma construção transfigurante? Imaginemos o que representou para nós, baianos, aquela silhueta límpida, vertical, à frente daquele casario secular, na cidade de Salvador. E pergunto a mim e aos colegas arquitetos se os institutos de preservação permitiriam, hoje, a construção do Elevador Lacerda. O que representaria, hoje, a construção do Oceania?⁴ Nas fotos da época de sua construção, ele desponta sólido, um prisma extremamente regular, na entrada da Baía de Todos-os-Santos, disputando visualmente espaço com o Farol da Barra e cercado de sobrados de, no máximo, dois pavimentos. Seria também o Oceania transfigurante da cidade do Salvador? E o que falar da demolição da Igreja da Sé e dos quarteirões da Sé? Não seria também uma desconstrução

transfigurante da cidade? O conjunto Júlio César, que despontou sozinho no areal da Pituba e era visto praticamente de todos os pontos da cidade, também não poderia assim ser enquadrado? As avenidas de Vale também?

Arriscaria ainda dizer que as obras transfigurantes não seriam aquelas apenas planejadas pelos gestores da cidade ou pelos grupos econômicos. Nós temos também as obras transfigurantes acidentais – que não é bom esquecer –, pois elas também fazem parte de nossa vida, como as decorrentes de desabamentos, de enchentes e, quem sabe ainda, aquelas para as quais eu não encontrei nome, frutos da vontade, do desejo ou da necessidade daqueles que ocupam os espaços. Seriam as invasões de Salvador também obras transfigurantes? Ou como nós poderíamos chamá-las?

Mas não é para falar dessas construções que nós estamos aqui. Estamos aqui para falar das transfigurações da cidade pela construção ritual dos espaços, essa belíssima frase que Ordep colocou na ementa do tema de hoje.

Ora, o que seriam ritos de construção dos espaços? Imagino que os ritos de apropriação dos espaços seriam um conjunto de movimentos, gestos, procedimentos, atitudes, através dos quais determinados grupos de usuários exercem seus interesses em determinado território, em relação com outros grupos e com outros ambientes. Para nós, arquitetos, falar em ritual soa como dar à arquitetura um movimento. Dar à arquitetura o sentido do tempo que, na verdade, é o elemento fundamental para nós, que trabalhamos com o espaço. Ainda que tantas vezes essa variável seja esquecida nos projetos dos edifícios, nos projetos das praças – que aparentam ser formas inertes, cenários vazios –, não se pode ignorar completamente a vida das pessoas que irão se apropriar daqueles espaços e sobre o qual irão construir os seus cotidianos. Portanto, esse é um tema fundamental para nós, arquitetos, não só pelo que ele representa, mas pelo que poderá representar num processo de visão mais aberta do exercício da arquitetura em relação à cidade.

Acredito que nós poderíamos perguntar: “em que circunstâncias os ritos de apropriação transfiguram a cidade?”. Ora, a cidade é transfigurada não só na paisagem e na imagem: ela se transfigura na forma, nos sons, nos cheiros, na distribuição funcional sobre a sua superfície e também

na definição dos protagonistas da cena urbana. A festa, que é o objeto que nós estamos trabalhando aqui, é, portanto, um desses ritos transfigurantes de apropriação da cidade de Salvador.

Gostaria de me deter um pouco, antes de entrar na festa, pois não só a festa transfigura ritualmente a cidade; nós temos inúmeras oportunidades, dentro do cotidiano dessa cidade, de experimentar ações transfiguradoras. Eu gostaria de citar algumas aqui, até como uma homenagem. Algumas ações transfiguradoras e performáticas, de indivíduos que marcaram ou marcam a cidade. Os menos jovens, da minha faixa de idade, não esquecerão jamais da mulher de roxo, uma senhora que desfilava na rua Chile, ricamente vestida em veludos, e que fazia parte, incorporava-se àquela cena e a transfigurava. Quem esqueceria o guarda Pelé, que fazia do exercício da profissão, na esquina da prefeitura, um espetáculo performático para o qual as pessoas paravam para assistir? Como não lembrar Floripis, que descia a rua Chile, invariavelmente com aquele tom de voz grave e, acintosamente, desfilava a sua frescura masculinizada numa voz intensa, daquela rua até o relógio de São Pedro? Essas pessoas conviveram com as elites desta cidade, com as elites políticas, com as elites sociais, porque habitavam o mesmo espaço, o que lhes permitia, performaticamente, incorporar-se àquela cena e transfigurá-la. Jaime Figura, um artista plástico contemporâneo, não consegue entrar num *shopping center*. Pergunto: cresceu ou decresceu a nossa intolerância à transfiguração? A mulher de roxo entraria num *shopping center*? Será que ela teria chance de habitar aquele espaço e de transfigurá-lo? Conseguiria conviver com aqueles segmentos que hoje habitam essas ruas artificiais e contaminam a nossa identidade, fazendo com que o desprezo pelo público, o desprezo pelos espaços abertos, o desprezo pelos espaços dos pobres, cresça cada vez mais? Para os ricos, os *shoppings*; para os pobres, os mendigos, os marginais, os meninos de rua, as ruas. Então, essa menção que eu faço é uma homenagem a essas pessoas que, na verdade, não compõem o espaço transfigurante da festa, mas que, com sua atitude performática, trazem ou trouxeram, para dentro do cotidiano da cidade, ações transformadoras da maior relevância.

Antes de retomar ao Carnaval, eu gostaria ainda de falar de um momento de transformação que, para mim, pessoalmente, foi de intensa emoção. Foi quando a fila de manifestantes do Movimento dos Sem Terra chegou a Salvador. Eu tive a oportunidade de assisti-los na Pituba, atravessando a Manoel Dias da Silva. Foi uma das imagens mais chocantes que eu já tive de Salvador. Aquela coluna de lavradores tristonhos, cabisbaixos, carregando suas ferramentas dentro da Pituba. Havia um conflito de imagens entre a Pituba e os Sem Terra, uma coisa de tamanha força que eu parei e assisti a passagem deles durante quase 15 minutos. Parei o carro e fiquei assistindo. Depois, voltei a vê-los no Vale dos Barris e no Dique do Tororó. A imagem permanecia. Uma imagem dramática, forte, de transfiguração desta cidade. Talvez um dos maiores desfiles, dos mais significativos desta cidade, no seu contemporâneo. Infelizmente, não sei se foi registrado por alguém que tenha percebido o quanto aquilo poderia contribuir para essa leitura transfigurante da cidade no momento.

Volto à transfiguração pela festa e gostaria de lembrar uma coisa importante: a cidade do Salvador, como Miguez⁵ colocou muito bem, é uma cidade muito rica nas configurações dos seus eventos de rua. Acredito que isso não só nos define, como nos dá muito prazer, apesar de todos os problemas que temos de vivenciar, muitos resolvidos, outros ainda não, em relação à essa vertente da formação dessa cidade. Em relação ao Carnaval de Salvador, uma coisa que me preocupa hoje é o que eu chamaria de carnavalização do cotidiano e cotidianização do Carnaval de Salvador. O que é que nós percebemos? O Carnaval tem, na sua essência, a necessidade de ser o momento de ruptura do cotidiano. A essência do Carnaval é essa. É aquele momento em que se transfiguram as pessoas, transfiguram-se os costumes, transfiguram-se os hábitos e, durante certo intervalo da vida de cidade, permite-se o estabelecimento de relações diferenciadas do cotidiano. O que nós estamos assistindo em Salvador – uma coisa que nós precisamos nos deter e aprofundar – é um processo de carnavalização do cotidiano. Ou seja, as músicas de Carnaval já não

são mais músicas de Carnaval: são músicas do ano inteiro. Os cantores de Carnaval já não são mais os cantores de Carnaval: são cantores do ano inteiro. As roupas de Carnaval, salvo raríssimas exceções, são também do ano inteiro. O que se faz no Carnaval, faz-se no ano inteiro. O que se faz no ano inteiro, faz-se no Carnaval.

Pergunto: onde está ainda localizado o sentido de transfiguração que o Carnaval de Salvador traz para a cidade se, durante o ano, em vários momentos, eu posso praticar ritos de apropriação do espaço semelhantes aos do Carnaval, em áreas abertas, em áreas fechadas e descobertas? Onde fica a transfiguração do Carnaval, se o São João das cidades do interior foi contaminado pelo Carnaval e desapareceu lentamente, sob a força dos trios, dos blocos? Onde estão as tradições daquelas cidades, que faziam com que o São João de Senhor do Bonfim fosse diferente do São João de Ubaitaba que, por sua vez, era diferente do São João de Cruz das Almas? Quando nós íamos a essas festas nós sabíamos o que encontraríamos. Hoje, todos os eventos sucumbem a um processo extensivo e predatório de carnavalização generalizada dos ritos de apropriação do espaço dessas cidades. Como se isso não bastasse, dentro do próprio Carnaval, um evento tão rico e tão diversificado, fenômeno semelhante ameaça a própria festa. O Carnaval, que é uma mistura de desfile, cortejo, festa de largo, *show*, aos poucos vai se reduzindo a uma dimensão unificada, uniforme, aplastada, que lamentavelmente nós precisamos evitar que aconteça.

Eu gostaria de citar apenas, como exemplo dessa riqueza dos ritos de apropriação dos nossos eventos de rua, o 2 de Julho, que é uma das festas que eu mais gosto. O 2 de Julho consegue ser um somatório tão diferenciado de festas que dá, inclusive, vontade de enumerar. Pela manhã, nós temos um cortejo, e quem já acompanhou o caboclo da Lapinha ao Terreiro de Jesus sabe o que eu quero dizer. As pessoas participam, vêm tocar o carro do caboclo e da cabocla, acompanham, aplaudem, descem das suas casas. Ou seja, há um rito de inteira interação com aquilo que está passando. Ao meio-dia, um te-déum, já é outra forma, as autoridades se recolhem na

catedral, as pessoas ficam na rua, os caboclos aguardam. À tarde, já não é mais cortejo, já é desfile. As relações das pessoas com o que aparece ali já é uma relação completamente diferenciada. Ao final da tarde, no Campo Grande, é uma festa de largo. Já é outra festa dentro da festa. As pessoas circulam, comem pipoca, há todo um ritual diferenciado que envolve o Campo Grande e que é um momento singular dessa praça durante o ano. Como se não bastasse isso, ainda temos o retorno da cabocla, uma das coisas mais bonitas, mais divertidas e mais lúdicas, em que os carros dos caboclos são reconduzidos de volta à Lapinha, de uma maneira extremamente alegre, por aqueles que os trouxeram. Isso é Salvador: essa riqueza de ritos de apropriação, que tem que ser preservada. É necessário que se entenda que, por mais que existam interesses diferenciados em relação às festas, por mais que se queira reduzir as nossas festas a mercadoria, a produto de troca, é preciso alertar, inclusive àqueles que fazem isso, que eles poderão estar matando a galinha dos ovos de ouro. Porque esse é o sentido maior desta cidade. Essa possibilidade de inúmeras formas de apropriação. Inúmeras construções ritualísticas do espaço.

Finalizando, eu gostaria de focar o último aspecto que é a questão do efêmero e do perene na construção ritual da cidade. Eu lembro que, no final da Copa do Mundo de 1998, quando nós lamentávamos a perda e os franceses comemoravam efusivamente a conquista da Copa, uma imagem me deixou perplexo. Quando foi projetado, no Arco do Triunfo, em tamanho agigantado, a silhueta, o rosto de todos os jogadores da França, um por um, a começar por Zidane. O que aquilo significava? Eu fiquei perplexo, olhando. O Arco do Triunfo acabava de incorporar novos heróis ao seu *pantheon*. Porque ali se comemorava o triunfo, a vitória. Portanto, nada mais adequado do que utilizar como suporte exatamente o Arco do Triunfo, pelo que ele representa como símbolo de triunfo da nacionalidade francesa. Uma forma completamente inusitada de incorporar novos heróis àquele *pantheon*. Certamente nenhum deles terá o nome gravado nas lápides que estão colocadas na base do

Arco do Triunfo, nas quais figuram centenas de heróis franceses, inclusive alguns brasileiros. No entanto, eles se incorporaram àquele monumento de forma perene, porque aquele momento, em que eles tiveram a sua silhueta projetada sobre o Arco, jamais será esquecido por todos os franceses que o circundavam e celebravam a vitória da França na Copa do Mundo de 1998.

Isso nos coloca outra frente de discussão importante. O que é, de fato, efêmero, e o que é, de fato, perene? Perene seria tudo aquilo que é construído na dimensão sólida? Efêmero seria toda aquela dimensão não tangível da nossa cultura? Os rituais são efêmeros ou são perenes? As construções são perenes ou são efêmeras? Esse é um grande dilema que nós temos de nos colocar, nós arquitetos e nós estudiosos, se quisermos entender melhor essa cidade secular, sacudida diariamente por eventos efêmeros que transfiguram a sua identidade, acrescentam novos símbolos e novos elementos.

Gostaria de concluir fazendo duas homenagens: primeiro, há dois símbolos efêmeros fundamentais desta cidade. O primeiro, o Gandhi,⁶ que, em minha opinião, é a sua marca indelével. A imagem do Gandhi atravessando a Praça Castro Alves, vista de cima, ainda consegue perpetuar a presença das emissoras de televisão na Praça Castro Alves, porque é um momento que nenhuma delas se abstém de mostrar. É uma belíssima imagem formada a partir de 5.000 pontos de turbantes brancos, apenas isso. A bela construção pictórica em cima de um dos lugares mais bonitos da cidade. Essa ainda é, ainda continua sendo, um símbolo desta cidade, que os empresários do entretenimento não conseguiram exportar para nenhuma outra matriz. Essa é exclusivamente nossa.

E a segunda homenagem que eu gostaria de fazer é ao Ilê Aiyê,⁷ que resiste, inclusive, à geografia da cidade, à medida que não abdicou de sair do Curuzu. Sai do Curuzu, vai até o Elevador da Liberdade, desaparece magicamente e reaparece no Campo Grande, para continuar o seu desfile. Acho fundamental essa resistência, para que não se faça a concessão de abdicar do seu território e de abdicar desse momento mágico,

que desafia inclusive a dimensão sólida desta cidade. E nós temos que encontrar alguma forma de fazer com que esse momento em que, abstratamente, o desfile se processa entre o Elevador da Liberdade e o Campo Grande, continue existindo no imaginário de todos nós.

A professora Odete Dourado⁸ falou em dada palestra sobre as obras de reforma da Praça da Sé. Lamentavelmente, uma obra que eu considero desastrosa, ainda que feita por um grande mestre nosso da arquitetura. Mas, particularmente, é interessante perceber que, na Praça da Sé – talvez até pela maldição de aquele espaço ter sido criado pela destruição desnecessária de um espaço tão importante desta cidade –, nada que se faz ali dura. Eu já assisti a quatro obras de reforma da Praça da Sé. Eu não posso esquecer o calçadão de Juarez Paraíso, que eu só vim a descobrir depois que eu subi o edifício Themes, belíssimo e que ele não conseguiu preservar nessa última intervenção, apesar do seu apelo para que aquilo fosse preservado pela beleza que tinha. Ele foi banido e substituído por um piso de *shopping center*. Ora, o que é que a gente percebe? A Praça da Sé de hoje não deixa o Gandhi passar. O Gandhi não sobe mais do Pelourinho. O Gandhi está sendo montado na Praça Municipal, porque, finalmente, a Praça da Sé conseguiu interditar um ritual desta cidade. Um ritual importante, porque o Gandhi fazia suas obrigações religiosas no Pelourinho e subia em cortejo branco por todas as suas vielas – uma das imagens mais bonitas do Carnaval de Salvador, que provocava êxtase em quem assistia –, para se compor como bloco na Praça da Sé e daí descer. Pois bem, a Praça da Sé, nessa atual reforma, não permite ao Gandhi passar. A minha esperança é que eu sei que essa Praça da Sé é efêmera, mas o Gandhi não: ele é perene nesta cidade.

CIDADE CARNAVAL CIDADE

Já há algum tempo, nós, professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vimos trocando ideias sobre a necessidade de a Escola contribuir de uma forma mais efetiva em relação à questão do Carnaval. Nos incomodava muito que o Carnaval de Salvador acontecesse, nas proporções em que ele se apresenta hoje, com um nível de impacto que ele tem em relação à cidade e com toda a complexidade que ele demanda, não só sob o ponto de vista da montagem, mas principalmente na relação dele com a cidade, e a Faculdade de Arquitetura sequer se dispusesse a discutir especificamente essa questão.

Foram longas as conversas que eu tive com Isaías de Carvalho, que foi a primeira pessoa com quem eu troquei ideias com relação a isso, com Paulo Miguez, depois com Mônica Mcallister. Nessas conversas nós vimos que seria possível, a exemplo das iniciativas de outras unidades de ensino da UFBA, que começássemos a estruturar um trabalho e que esse trabalho pudesse envolver alunos, professores da Faculdade, não só da graduação como da pós-graduação, outros pesquisadores, arquitetos, técnicos da área de arquitetura que trabalham em órgãos públicos, que têm uma vinculação direta e indireta com o Carnaval. A dificuldade era saber por onde começar e aí surgiu a ideia – que foi, inclusive, uma ideia brilhante de Isaías – de que nós deveríamos começar pela graduação. Ou seja, pela graduação seria possível se moldar o ponto de partida.

Nós resolvemos assumir uma turma de uma das disciplinas práticas de projeto da Faculdade de Arquitetura, Planejamento VII e Planejamento VIII. É uma turma de alunos concluintes e convidamos os alunos antes do semestre, explicando qual era a nossa ideia, o nosso propósito e, consequentemente, o nível de compromisso e responsabilidade que significava aderir a esse projeto. Para felicidade nossa, para as 20 vagas que a turma teria, nós conseguimos a adesão de 29 estudantes e uma lista de espera, o que demonstra que havia, na verdade, um interesse grande dos alunos em trabalhar com esse tema.

Iniciamos em agosto e tivemos um primeiro semestre de trabalho, que concluímos em dezembro. Nesse primeiro semestre, fizemos previamente um amplo levantamento bibliográfico de tudo o que poderia existir, que tratasse o Carnaval relacionado com o espaço físico, com o espaço da cidade, com o espaço urbano. Foi um trabalho de garimpagem porque, na verdade, a literatura que existe sobre o Carnaval, na sua grande maioria, não é referente à nossa área, mas sim referente a outras áreas do conhecimento. No entanto, ficávamos felizes quando, após ler dois, três, quatro, cinco capítulos, encontrávamos um em que havia uma abordagem mais direta. Outro aspecto difícil é que os trabalhos que abordam o Carnaval têm como referência muito mais forte o Carnaval do Rio, e não o Carnaval de Salvador, o que dificulta também a compreensão nesse particular. O fato é que conseguimos elencar uma quantidade razoável de livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos, revistas e, com o trabalho dos alunos, material fotográfico, arquivos de clubes carnavalescos antigos de Salvador, recortes de jornais, fotografias, arquivos fotográficos etc.

O primeiro semestre, portanto, foi dedicado a um trabalho de levantamento e de investigação. Dividimos a turma em quatro oficinas: a primeira ficou encarregada de proceder a um levantamento da história do Carnaval de Salvador, sob o ponto de vista da forma como apropriava a cidade, desde o final do século XIX até hoje; a segunda oficina estudou a relação do Carnaval com a cidade, tentando entender como se dava essa relação no cotidiano; a terceira oficina estudou o processo de montagem do Carnaval, os projetos específicos que envolviam a montagem do Carnaval sob o ponto de vista físico-espacial; e a quarta oficina estudou as relações que existiam entre a imagem da cidade e a imagem do Carnaval, tentando entender como se dava essa relação na prática. Foi um trabalho muito difícil, porque é uma temática nova para todos nós.

Eu vou apresentar aqui, em linhas bem rápidas, o tema central do nosso trabalho: a apropriação do espaço da cidade pelo Carnaval na sua configuração contemporânea. A configuração contemporânea que nós temos, hoje, é a configuração dos circuitos. Nós dividimos o trabalho em cinco grandes itens que, na verdade, representam cinco linhas

temáticas ou cinco linhas de pesquisa que nós estamos tentando estruturar: a compreensão do circuito, hoje, contemporaneamente, como a forma hegemônica do Carnaval de agora; a configuração espacial do que nós chamamos cidade do Carnaval, que é a configuração daquela mancha da cidade que é apropriada durante o Carnaval: a relação da cidade com esta cidade do Carnaval; o eixo de discussão (Carnaval baiano ou Carnaval na Bahia?) e, finalmente, o planejamento físico-espacial do Carnaval, as possibilidades e os desafios que isso encerra.

A nossa discussão é que o circuito é a forma hegemônica do Carnaval de agora. No que pese existirem algumas formas que sobrevivem e outras que surgem, se nós quisermos falar do Carnaval de Salvador, sob o ponto de vista físico-espacial, teremos que falar do circuito. Isso se torna uma coisa tão forte que já se tornou institucionalizada, na medida em que a própria Empresa Salvador Turismo (Emtursa) fala do circuito Osmar e do circuito Dodô. A palavra “circuito” é hoje a palavra-chave para o entendimento da forma como a cidade é apropriada pelo Carnaval.

A oficina de história conseguiu estudar claramente que, ao longo desses 100 anos, ou mais de 100 anos de Carnaval, quando, por uma postura do Governo, se resolveu proibir o entrudo, que era uma forma conhecida como barbárica de Carnaval, e se substituiu o entrudo pelo Carnaval. A partir daí, nós temos alguns ciclos muito claros que o Carnaval passa a percorrer, sob o ponto de vista da sua configuração espacial.

Num primeiro período, nós tínhamos o salão e a rua. O baile era uma forma clara de Carnaval, no seu primeiro ciclo, desde a época do Teatro São João, do Teatro Politeama, do Fantoques da Euterpe e, mais recentemente, do Baiano de Tênis, do Iate Clube, da Associação Atlética. Havia um processo de percurso livre, o desfile não tinha um percurso estabelecido rigorosamente. Os blocos, os afoxés, os cordões, as batucadas circulavam livremente pela cidade, apropriando territórios os mais diversos, geralmente territórios que tinham uma relação muito direta com o território dos participantes: podia ser um bloco ou uma batucada de um bairro, como poderia ser de uma categoria profissional ou vinculada a um clube festivo.

Daí surgem algumas formas muito interessantes como o préstito, que era o desfile dos grandes clubes que acontecia à noite: o Fantoches da Euterpe, o Cruz Vermelha e o Inocentes em Progresso. Nós achamos que o embrião, a gênese, a forma inicial do que nós temos hoje como circuito, surge em 1885, quando esses três clubes resolvem, pela primeira vez, desfilarem no mesmo percurso. Nós conseguimos, inclusive, resgatar o percurso nominalmente, rua por rua, do grande Carnaval de 1885, quando esses três clubes fizeram um percurso unificado. Esse foi o registro mais longínquo que nós encontramos do que se poderia chamar o percurso como elemento definidor do que seria futuramente o circuito.

A partir daí, temos outras formas também muito interessantes: o curso, em que as pessoas desfilavam em carros abertos e depois iam para os salões; a prancha, que era uma forma inusitada de Carnaval em que se usavam os novos trilhos e os novos bondes da cidade – decoravam os bondes, tiravam os bancos, colocavam a orquestra própria, e ali saíam algumas famílias com seus amigos, desfilando livremente sobre os trilhos, muitas vezes parando inclusive na porta de suas casas, na Ribeira, em outros lugares. Isso é uma forma de Carnaval que existiu, pelo menos, durante uns 10 a 15 anos antes da Segunda Guerra Mundial.

Havia, na verdade, nessa etapa, uma nítida visão de territórios e uma nítida visão de Centro de cidade. Era uma fase extremamente rica e uma fase que demonstra no Carnaval de Salvador, desde então, alguns elementos de segregação. O desfile dos ricos e dos brancos se dava pelo eixo de cima da cidade: rua Chile e, posteriormente, avenida Sete. Os negros não desfilavam nesse trecho. Os desfiles dos negros se apropriavam do Pelourinho, do Passo, da Baixa dos Sapateiros, do Largo de São Miguel, que era um ponto importantíssimo, e da Barroquinha. Cid Teixeira nos falou que encontrou uma notícia de 1905, quando, pela primeira vez, um afoxé de negros resolveu subir a Barroquinha e afrontar os brancos, desfilando na Praça Castro Alves. Isso para mostrar que essa questão de discriminação não é nova no Carnaval e que ela desenha o Carnaval da Bahia desde sua gênese.

O trio elétrico é um elemento fundamental porque ele vem e subverte completamente os ritos de apropriação do espaço. O que existia, até então, se configura de uma forma diferente, porque o trio elétrico não respeita percursos, mistura as pessoas, não admite a rigidez do préstito nem os horários. O trio traz consigo, no início da década de 1950, toda uma gênese de uma nova ordem de apropriação do espaço. A partir daí, nós temos ainda a praça, a rua e o salão. E é bom lembrar, inclusive para os mais novos, que a praça já foi o espaço simbólico mais importante do Carnaval de Salvador durante, pelo menos, 15 ou 20 anos. Nas músicas de Carnaval do ciclo Caetano Veloso, Moraes Moreira e até mesmo ainda nos ciclos mais recentes, encontramos algumas alusões à praça como elemento simbólico. E vejamos: praça não é desfile. A matriz espacial da praça é bastante diferente do que a gente encontra hoje ao nível do circuito. Nessa fase, o que a gente vê claramente é a praça e a rua se afirmando e o salão desaparecendo. Na verdade, o salão vai para a avenida, os bailes deixam de existir e aquela parcela de burguesia e de elites socioeconômicas que viviam nos salões passam a ocupar as ruas. Surgem os blocos Amigos do Barão, Mor-domia, Jacu e outros que passam a abrigar aquelas pessoas que faziam seus Carnavais prioritariamente dentro dos clubes.

Até que chegamos, hoje, a uma quarta etapa, na qual temos a avenida e menos a praça, mas fundamentalmente a avenida; o salão vem para a avenida e o trio elétrico é aprisionado dentro das cordas dos blocos. É o que caracteriza essa etapa de hoje.

Esse Carnaval do qual nós estamos falando agora é um Carnaval que tem uma configuração muito clara. É um produto do mercado de lazer e diversão, tem uma vertente cultural e turística muito nítida, e o circuito do qual nós falaremos agora não é outra coisa senão uma configuração espacial compatível com essas demandas. O Carnaval, hoje, é uma festa promovida e a gestão e a promoção da festa é uma parceria entre poder público e iniciativa privada. As palavras-chave para se entender o Carnaval hoje são “planejamento”, “investimentos”, “negócios”, “organização” e, fundamentalmente, “controle”, que é a palavra que define o que é um circuito.

O circuito do Carnaval, hoje, poderia ser definido espacialmente a partir desses elementos básicos. Primeiro, é um percurso controlado. Não é mais possível qualquer bloco entrar no circuito onde ele quiser. Ou entra na lista que é controlada pelos promotores do evento ou não entra, o que é muito diferente do que acontecia no passado, quando os blocos que vinham do Tororó entravam no circuito na Praça da Piedade, outros entravam pelo Garcia, outros desciam o Pelourinho. Há de se registrar que hoje só existem três entidades que são transgressoras do circuito: o Gandhi, que continua saindo do Pelourinho e não sai de onde as outras entidades saem, o Olodum que, na sexta-feira, também sai do Pelourinho, e o Ilê, que mantém a sua tradição de sair da Liberdade. Fora essas três entidades, todas as outras já capitularam e seguem rigorosamente o rito estabelecido de controle do circuito.

Outro elemento que caracteriza singularmente o circuito é o fato de que ele é um fluxo contínuo. Há uma ordem na apresentação e há um controle de tempo. Além disso, todos os espaços na margem do circuito são comercializados, há um ordenamento dos serviços, da infraestrutura. Finalmente, um elemento fundamental para se conhecer e se compreender a configuração do circuito é o olho eletrônico da mídia, ou seja, não se desfila mais para as pessoas que estão na rua apenas nem, talvez, principalmente para elas; se desfila para a mídia. E esse elemento acaba por definir, inclusive, o tempo em que o circuito existe durante o Carnaval.

Se nós quisermos entender a lógica do Carnaval, sob o ponto de vista espacial, temos que partir da linha de desfile. Tudo acontece a partir da linha de desfile, diferentemente de outras lógicas anteriores, como na época da hegemonia da Praça Castro Alves, em que não era a linha de desfile que definia o centro de gravidade do Carnaval. A partir dessa linha de desfile, definida nos dois grandes circuitos, é que nós temos um comprometimento diferenciado das áreas que a envolvem.

A partir da proximidade, ou da distância, ou das condições que essas áreas têm em relação à linha de desfile, nós as classificamos em três camadas.

Nós chamamos de primeira envolvente aquele espaço que ladeia o desfile, ou seja, as ruas, os passeios, os canteiros, os largos, as praças,

os jardins, as galerias de prédios, os estacionamentos, as encostas, as janelas, as árvores, as marquises, das quais é possível ver, assistir, pular e cada vez menos acompanhar o desfile. Essa parcela de espaço, tanto no circuito do Centro quanto no circuito Barra-Ondina, é o que nós chamamos de primeira envolvente.

A segunda envolvente seriam aquelas áreas das quais não se consegue ver o desfile, mas que ainda está em Carnaval, a exemplo das ruas internas da Barra, do Largo do Politeama, Largo Dois de Julho, entrada do Garcia, Largo de São Bento, estacionamento atrás da Praça Castro Alves, que são áreas onde as pessoas estão para circular, paquerar, beber, comer, descansar. Eventualmente, essa matriz é fundamental para o entendimento do Carnaval de Salvador, porque essa é a matriz das nossas festas de largo que convive junto com a primeira envolvente.

E, finalmente, a terceira envolvente, que são aqueles pedaços da cidade onde a cidade do Carnaval se conecta com a cidade do Salvador. São os locais onde nós chegamos, saímos, onde se encontram os atendimentos médicos, as polícias, os serviços. Aí estão os terminais de ônibus, os pontos de táxi, os estacionamentos, os postos médicos, os módulos de polícia. Aí está a avenida Joana Angélica, aí está a avenida Garibaldi, na Ondina, está o Apipema, está a avenida Centenário, todas essas áreas que estão ao redor dos circuitos da primeira e segunda envolventes.

A partir dessa configuração teórica, nós começamos a estudar que relação a cidade tinha com a cidade do Carnaval. Através de um trabalho feito na Oficina II, foi possível compreender que o que nós chamamos de circuitos contínuos do Carnaval apropriam, na verdade, 12 desenhos diferentes de cidade. Após um trabalho de caracterização urbanística de cada um desses trechos, foi possível dividir o pedaço da cidade que a cidade do Carnaval apropria em 12 trechos, que têm características próprias diferenciadas: têm uma forma diferente, um relevo diferente, as ruas são diferentes, as edificações também são diferentes na forma e nos seus usos, o que confere uma diversidade muito grande dentro de um circuito que se pretende unitário. Foi possível destacar esses trechos a começar da Ondina, avenida Ademar de Barros, que é o trecho mais

novo do circuito, o trecho que vai dos hotéis até a entrada do Apipema, o trecho que vai do Apipema até o Clube Espanhol, o que vai do Clube Espanhol até o Morro do Cristo, do Morro do Cristo até o Farol. Depois, no circuito do Centro, nós temos a Vitória, que é diferente do Campo Grande, o trecho que vai do Campo Grande à Casa da Itália, o trecho que pega a avenida Sete e Carlos Gomes e, finalmente, a Praça Castro Alves, a rua Chile, a Praça da Sé e o Pelourinho.

Cada um deles foi estudado sob dois enfoques: o cotidiano desses trechos e o desempenho que esses trechos têm durante o Carnaval. Nós podemos afirmar que a diversidade de configurações dessas áreas da cidade – relevo, condições ambientais, relações com a cidade, sistema viário, áreas livres, edificações, tipologias e uso etc. – determina níveis diferenciados de desempenho na cidade do Carnaval. O que nós percebemos é que o fluxo do desfile, a qualidade do som, a interação folião-atração, os fluxos e a circulação dos foliões, as condições de segurança, as condições de acesso, entrada e saída, são diferenciados em cada trecho desses, porque cada trecho imprime uma forma diferente de reagir à matriz do circuito que passa sobre ele.

A partir desse estudo, nós começamos a entrar numa outra vertente de discussão extremamente importante. O que nós fazemos aqui é um Carnaval baiano ou é um Carnaval na Bahia? Qual é a relação que essa configuração espacial tem com o lugar onde a festa acontece? E nós trabalhamos, nesse particular, dois elementos básicos: o que nós chamamos de matriz baiana do Carnaval e o que nós chamamos de matriz Sambódromo, que são coisas completamente distintas. Na matriz baiana, o espaço do Carnaval é o espaço da cidade, enquanto que, na matriz Sambódromo, o espaço do Carnaval é apenas um espaço na cidade, que pode ser um espaço qualquer.

Todos aqui conhecem um Sambódromo. Ele se caracteriza por uma linha de desfile ladeada de arquibancadas e camarotes. É um espaço segregado, fechado, onde entram as pessoas que, controladamente, têm o acesso facultado, diferentemente da nossa matriz de Carnaval, onde

se tem uma área de desfile, mas se tem uma mancha contínua que apropria a cidade de uma forma indefinida, que é uma forma bonita, inclusive, de apropriação, completamente diferente da matriz Sambódromo.

Nós queremos ressaltar que na matriz da cidade do Salvador, que é a nossa matriz de Carnaval, a apropriação se dá em mancha contínua, o eixo do desfile e as envolventes são apropriadas, e temos uma mistura extremamente importante, que é o que caracteriza a matriz facial do nosso Carnaval, a mistura entre o desfile e a festa de largo. Nosso Carnaval não é só desfile nem é só festa de largo, mas essas duas coisas intimamente vinculadas na forma de apropriação do espaço. Isso permite uma diversidade de expressão e participação, e o folião, de bloco ou “pipoca”, mais o espectador, definem o conjunto do que poderíamos chamar de “participação”.

A matriz Sambódromo, diferentemente, é um espaço fechado, controlado, ele não tem nenhuma relação com o entorno de forma direta, ou seja, ele acaba na arquibancada. Atrás da arquibancada já não é mais Carnaval. Há um isolamento, há uma ruptura entre o espetáculo e o espectador, as pessoas que estão na arquibancada estão vendo o Carnaval, não estão pulando o Carnaval. Ninguém que assiste a Mangueira passar no Sambódromo acha que está desfilando com a Mangueira.

Nós entendemos que a matriz dos carnavais fora de época, que hoje acontecem em quase todas as cidades do Nordeste, não é a matriz do Carnaval de Salvador, é a matriz do Carnaval Sambódromo, pois acontece em qualquer avenida da cidade, geralmente as mais largas, onde se pode colocar arquibancadas, e se reedita, dentro de uma arquitetura desmontável, o Sambódromo do Rio, a exemplo do que acontecia no Rio de Janeiro, antes da construção do Sambódromo, quando as arquibancadas eram montadas na avenida Presidente Vargas. Nós entendemos essa diferenciação como uma diferenciação fundamental, porque, na verdade, se confunde muito quando se diz que é possível levar o Carnaval de Salvador para Miami, que é o que a gente vai discutir em seguida: o compromisso que a festa tem com o próprio espaço.

Temos dois elementos que consideramos fortíssimos nessa discussão. O primeiro: é a cidade do Salvador que garante a identidade físico-espacial de nosso Carnaval. É uma coisa que sempre nos intrigou e a Oficina IV se debruçou diretamente sobre isso. Se a gente vir o que da cidade do Salvador é apropriado pelo Carnaval, nós concluímos que a cidade oferece ao Carnaval os sítios mais bonitos, sob o ponto de vista natural e sob o ponto de vista construído. Quem pula Carnaval e que já pulou no circuito do Centro nunca vai esquecer a emoção que é descer a Ladeira de São Bento, num final de tarde, e se deparar com o vazio da Praça Castro Alves, com o mar como pano de fundo e aquela multidão imensa na Praça Castro Alves. Isso é um prazer estético que raramente uma cidade pode oferecer a alguém que a visita dentro de uma festa. O mesmo em relação a desfilar na Barra, tendo o mar ao lado.

No entanto, até então, o Carnaval de Salvador não apropria a cidade na sua forma de identidade. Por exemplo, se nós analisarmos a decoração do Carnaval de Salvador, vemos que ela ignora a cidade do Salvador. Ela não decora a cidade. Ele coloca adereços que nenhuma relação tem com a cidade, muito pelo contrário. Muitas vezes nós vemos a Praça Castro Alves, essa belíssima paisagem, obstruída por monstregos imensos que são colocados ali na frente, que não têm relação nenhuma com a paisagem, que não contribuem com aquele sítio, muito pelo contrário.

Numa cidade bonita como Salvador, o espaço tem que fazer parte do Carnaval como elemento de identificação do próprio Carnaval. E nós não entendemos como decoração, sinalização e *marketing* podem ser feitos de forma tão grotesca, tendo uma cidade tão bonita como pano de fundo. Esse elemento é importantíssimo, porque existem aqueles que acham que o Carnaval de Salvador pode ir para a Paralela, pode ir para o Imbuí, pode ir para a Liberdade, pode ir para qualquer canto, como se o Carnaval de Salvador não tivesse uma íntima vinculação com a imagem, com a identidade da cidade, não só no nível da imagem como no nível da ambiência que generosamente a cidade oferece para esses dois circuitos.

A outra discussão é quanto às estruturas que são montadas no Carnaval, o mobiliário do Carnaval, as barracas, as arquibancadas, os camarotes,

os postos de serviço – polícia, saúde, controle. Esses elementos precisam ser mais bem pensados. Não vai aqui nenhuma visão saudosista de querer que as barracas de Carnaval hoje tenham a mesma configuração que tinham há 40, 50 anos atrás. No entanto, entendemos que é necessário se fazer uma reinterpretção, mesmo porque a maioria dessas estruturas não são oriundas do Carnaval de Salvador. As estruturas de arquibancada e camarote têm muito mais a ver com o Carnaval de Sambódromo. O ato de ficar sentado numa arquibancada, para um folião baiano, não dá a ele a noção de que ele está pulando Carnaval. Nós temos o folião que pula andando no bloco, temos o que nós chamamos de “pipoca” que anda, e aquele “pipoca” que não anda, que todo ano vai com os mesmos amigos para o mesmo lugar e fica ali parado, vendo as entidades passarem e tem consciência clara de que ele está brincando o Carnaval. A arquibancada é uma estrutura que radicaliza muito essa relação entre participante e plateia.

O planejamento na dimensão físico-espacial para nós, arquitetos, é um esforço muito grande, porque pressupõe não adotar nessa análise as mesmas matrizes, as mesmas configurações a que habitualmente nós nos reportamos, quando fazemos planejamento urbano, ou seja, o Carnaval apropria a cidade no negativo. Nós não trabalhamos no Carnaval prioritariamente as edificações, nós trabalhamos os espaços abertos. Hierarquicamente, a importância sempre é dada ao contrário, às edificações. No Carnaval, a dimensão dos espaços abertos sobrepõe as dimensões das edificações, haja vista que ele é exatamente um elemento que apropria fundamentalmente os espaços abertos.

O planejamento do Carnaval pressupõe o tratamento do Carnaval como atividade contínua. Esse é um primeiro elemento fundamental. No momento em que o planejamento do evento e a previsibilidade na apropriação dos espaços interferem no cotidiano da cidade – nós colocamos que o Carnaval não interfere na cidade apenas naqueles 30 dias entre montagem e desmontagem, ele interfere o ano todo –, no momento em que se tem uma previsão do circuito e uma possibilidade de especulação e investimento, isso traz um elemento novo para a forma de apropriação desses espaços, seja na valoração dos imóveis, seja na expectativa de

rendimento, seja na possibilidade de apropriação de mídia e de *marketing*. O Carnaval deixa de ser apenas aqueles poucos dias para ser uma atividade de ano inteiro.

Esse planejamento deveria garantir o melhor desempenho das áreas apropriadas pelo Carnaval, contribuindo para a segurança, o conforto e bem-estar das pessoas, não só as envolvidas com o Carnaval, como também aquelas que não se envolvem com o Carnaval e são moradores da cidade, que têm todo o direito de continuar vivendo na cidade nesse período, equacionando o impacto da festa sobre a cidade nos seus mais diversos aspectos.

O Carnaval de Salvador já tem alguns indicadores de desempenho: o fluxo de turistas, o número de vagas preenchidas em hotéis, o tempo de divulgação pela televisão, a mídia que ele conseguiu alcançar, a comercialização dos produtos, o número e a natureza de atendimentos médicos, a quantidade de conflitos com vítimas, o controle de nível sonoro de trio etc. Esses indicadores são colocados ao final do Carnaval, numa tentativa de demonstrar onde o Carnaval melhorou, onde ele conseguiu um maior nível de desempenho. Evidentemente, não estão colocados, como nós vemos aqui, como indicadores que possam estabelecer elementos do desempenho físico-espacial das áreas da cidade do Carnaval. Primeiro, estamos investigando que as configurações específicas das áreas interferem na qualidade do desempenho do Carnaval – a densidade, o limite de saturação, a fluidez, a circulação de pessoas, a sensibilidade, a segurança, as condições ambientais – e vemos que, para se conseguir perceber esses indicadores, o desafio é montar uma metodologia que possa construir esses indicadores. Uma tentativa de associar o desempenho do Carnaval exatamente com essas matrizes, ou seja, de compreender que, se alguns trechos do Carnaval hoje, nesses circuitos, apresentam maiores índices de violência, ou menor índice de desconforto, maior rendimento, maior ou menor fluidez, esses elementos têm uma vinculação com a configuração física daquela área.

CONFIGURAÇÃO FÍSICO-TERRITORIAL DO CARNAVAL DE SALVADOR

O Carnaval de Salvador é conhecido e reconhecido como o “Carnaval participação”. Essa é a sua singularidade. “Participação” significa facultar a todos o papel de ator, sujeito do espetáculo. A condição de espectador é minoritária. Todos querem “brincar” o Carnaval.

É o Carnaval do folião pipoca. Eles são a imensa maioria entre os milhões de participantes da festa. São todos os que brincam fora da corda, naquele momento. Mesmo os que desfilam em blocos, quando estão fora das cordas. Não há Carnaval participação sem folião pipoca.

É também o Carnaval das atrações. Bandas, cantores e dançarinos arrastam os blocos e os milhões de foliões pipoca. Poucos afoxés e blocos ainda preservam a condição de atração. Os demais, a cada dia, são menos atrações do que as atrações que conduzem sobre os seus trios.

É um grande concerto popular. Dos maiores do planeta, em duração, espaço e público. O aprimoramento técnico do trio elétrico permitiu esse feito. Um palco que se desloca, levando som e imagem para milhões de pessoas... O Carnaval de Salvador é hoje uma vitrine da indústria fonográfica nacional. Atrações mais destacadas no mercado cultural e artístico disputam espaço e visibilidade nos trios.

Música e dança formam um binômio indissociável. Todos cantam, dançam e se movimentam. As músicas ensinam as danças, as coreografias do momento. As mesmas que servem de tema para o mercado de roupas, calçados, brinquedos, adereços e outros produtos de consumo imediato. Os foliões precisam de um espaço livre e contínuo, no qual possam dançar, mexer, quebrar, sem tropeçar. Melhor uma beira de calçada que um degrau de arquibancada. Em pé, andando, dançando, sempre em pé. Sentar, só para descansar, tomar uma ou engrenar uma paquera.

Essa é uma forma lúdica de ocupar o espaço da rua, da praça ou de qualquer lugar. Circular, encontrar e fazer amigos. Sentar numa barraca, beber, beliscar, arriscar uns passos numa roda de samba. Ver e ser

visto. Isso é a festa de largo. E o Carnaval de Salvador é a maior de todas. Totalmente profana, sem novena, sem padroeiro. Despregada, definitivamente, do sagrado.

A festa tornou-se exclusivamente de rua. Acabaram-se os bailes, nos salões e nos clubes. Cresceu a disputa pelo mesmo espaço e tempo. Definiram-se os territórios, numa tentativa de acomodar interesses. Alguns espaços valem mais. Alguns horários também.

Durante o Carnaval a cidade vive em função da festa. Evento único, polarizador da dinâmica urbana. Pensar o Carnaval de Salvador é pensar também a vida de toda a cidade durante o período, os que brincam, os que trabalham, os que saem, os que chegam, os que ficam, mas não participam. Monta-se sobre a cidade cotidiana a cidade efêmera do Carnaval. Não é mais o evento de alguns dias. Tomou-se uma presença permanente. Durante todo o ano, planeja-se, arruma-se, especula-se, montam-se os produtos.

O Carnaval de Salvador tornou-se uma complexa rede de negócios. De pequenos, médios e grandes negociantes. Agregar qualidade aos serviços, à infraestrutura e aos produtos é a intenção dos que promovem a festa. Acelera-se a substituição da rede informal de comércio e serviços. Agora tudo deve ser encarado com profissionalismo. Alega-se que não poderia ser diferente.

Em síntese, o Carnaval de Salvador é hoje uma mistura indissociável de desfile, concerto e festa de largo. Um grande negócio, polarizador da vida da cidade. É um desafio prover o espaço e as condições necessárias a um megaevento de rua com tamanha pluralidade de interesses.

A ATUAL CONFIGURAÇÃO FÍSICO-TERRITORIAL DO CARNAVAL

Nos cento e poucos anos de história, o Carnaval de Salvador experimentou inúmeras configurações físico-territoriais influenciadas pelas mudanças na cidade, nos costumes e na festa. Bailes, desfile dos grandes clubes, corso, pranchas, primeiros afoxés. Explícita divisão de territórios: pobres e ricos, brancos e negros, centro e bairros, rua e salão.

Contradições sempre presentes em toda a história da festa. A chegada do trio elétrico subverte a ordem: os novos ritos embaralham os territórios. À noite: bailes nos salões e desfile dos grandes clubes na rua. De dia: mascarados, batucadas, cordões, blocos e afoxés, permeados pelo arrastão do trio. O trio vira palco, aprende a cantar. A Praça Castro Alves leva a festa de largo para dentro do Carnaval. Depois, a conquista da avenida para todos, dia e noite. Cresce a polarização do Carnaval do Centro da cidade. Difícil sustentar a festa nos bairros. Novos blocos, compositores, músicos e bailarinos. Novos ritmos, novas danças. Incorporam-se outros territórios à festa: Barra e depois Ondina. Aprisionam o trio dentro das cordas dos blocos, que passam a ser o fio condutor do Carnaval. Estruturam-se os circuitos.

Atualmente, o circuito é a forma hegemônica do Carnaval de Salvador. Impõe um rígido controle no espaço e no tempo da festa. É um desfile de percurso controlado, com o trajeto previamente estabelecido: fluxo contínuo de apresentação das entidades.

Controle de tempo de desfile, principalmente nos pontos do trajeto de maior visibilidade. Ordem de desfile definida em função dos melhores horários para exibir as atrações. Regulamentação das características dos veículos utilizados no desfile. Ordenamento prévio da ocupação das áreas laterais ao trajeto, incluindo a comercialização de áreas para espectadores, pontos de venda e serviços. Bloqueio de vias. Controle de acesso de moradores em algumas áreas. Proteção de monumentos, praças e edificações. Montagem de módulos de atendimento, comércio e serviços. Venda dos espaços públicos para a publicidade.

O circuito apropria o espaço urbano a partir do trajeto do desfile. Forma-se uma imensa mancha contínua, mais tênue na medida em que se afasta do trajeto do desfile. Um dos símbolos atuais do Carnaval de Salvador.

A rigor, existem atualmente apenas dois circuitos no Carnaval de Salvador: o do Centro e o Barra/Ondina. O Carnaval do Pelourinho, antigo território do Carnaval de Salvador, não tem configuração de circuito.

Outros espaços do Carnaval de Salvador, fora da área dos circuitos, não têm merecido o mesmo estímulo. O Carnaval da Liberdade resiste graças

à determinação do Ilê Aiyê, em manter a saída do Curuzu. A Mudança do Garcia, remanescente do período anterior à consolidação do circuito, tem sido, no máximo, tolerada.

Os espaços que envolvem lateralmente o trajeto do desfile exercem papéis diferenciados na configuração físico-territorial dos circuitos. Dependendo da proximidade e visibilidade do desfile, classificam-se em áreas de primeira, segunda e terceira envolventes ao desfile.

As áreas da primeira envolvente estão situadas diretamente às margens do trajeto do desfile. Todos os pontos de onde se possa ver, ouvir e participar diretamente. Passeios, canteiros, largos, praças, jardins, becos, transversais, galerias, estacionamentos, janelas, árvores.

Nas margens dessas áreas, atrás de edificações e de outras barreiras visuais, temos a segunda envolvente. É a festa de largo dentro do Carnaval. Daí não é possível ver o desfile. Nesses espaços, porém, os foliões sentem-se também participando da festa.

Nas áreas da terceira envolvente estão os acessos à festa: terminais de transportes coletivos, estacionamentos e os caminhos dos que vêm e voltam a pé.

Essa forma de apropriação do espaço só ocorre no Carnaval de Salvador. Nos inúmeros carnavais fora de época, de outras cidades, é diferente. O espaço previsto para o evento resume-se ao trajeto do desfile e duas laterais de espectadores, acomodados em arquibancadas e camarotes que bloqueiam, separam a festa do entorno. Essa é a configuração do Sambódromo, do Carnaval espetáculo. Impõe uma ruptura entre espetáculo e espectador e comporta um público incomparavelmente inferior aos milhões de foliões do Carnaval participação de Salvador. Aqui essa configuração ocorre no Campo Grande e no lado dos hotéis, em Ondina. Imaginem o que seria estendê-la a todo o percurso dos circuitos...

Os circuitos do Carnaval de Salvador apropriam espaços urbanos com diferentes configurações: traçado do sistema viário, espaços abertos disponíveis, relevo do terreno, tipologia e uso das edificações, condicionantes ambientais, atividades cotidianas das áreas e sua relação com a

cidade. As características específicas de cada trecho devem ser consideradas no planejamento físico dos circuitos, na montagem da infraestrutura e na distribuição dos serviços de apoio.

O controle do horário do desfile tem crescido a cada ano. Isso impõe uma rígida divisão de tempo, que se repete em todos os dias de Carnaval. A presença da Empresa de Limpeza Urbana (Limpurb) sinaliza o final de mais um dia da festa. Inicia-se a preparação do próximo dia. Concluída essa etapa, está tudo pronto para recomeçar. Antes do início do desfile, durante algumas horas, o folião pipoca apropria, livremente, os espaços da rua. O mesmo volta a acontecer após a conclusão formal do desfile.

Quatro períodos de tempo – reposição, pré-desfile, desfile e pós-desfile – determinam a rotina diária das áreas dos circuitos, do entorno e da cidade do Carnaval.

Nos últimos anos, ao final do Carnaval volta-se insistentemente ao mesmo tema: o Carnaval de Salvador precisa ser ampliado. As inúmeras alternativas levantadas resumem-se em três propostas: ampliar o trajeto dos atuais circuitos; criar outro circuito além dos existentes; e, finalmente, desativar um dos atuais circuitos, ou ambos, e transferir toda a festa para outro local.

O conhecimento adquirido no desenvolvimento dos trabalhos já realizados pelo Projeto Cidade Carnaval Cidade possibilita a participação efetiva nesse debate e a formulação das seguintes propostas:

Promover a ampliação lateral dos atuais circuitos, aumentando as possibilidades de uso das áreas situadas às margens do trajeto do desfile, na primeira, segunda e terceira envoltentes. Defende-se o enfoque integrado de toda a área lateral ao desfile, e não apenas a valorização da primeira envolvente. Ampliar as condições de conforto e segurança de todos os que participam: esse é o objetivo maior dessa proposta. Para tanto, é imprescindível:

- Valorizar o espaço de permanência do folião pipoca na primeira envolvente, e não apenas as estruturas destinadas ao público pagante;

- Qualificar a segunda envolvente, tratando os espaços como festa de largo, incentivando o uso dessas áreas pelos foliões que desejam uma alternativa temporária à agitação intensa da primeira envolvente;
- Garantir a acessibilidade e a circulação integrada entre as três envolventes.

Além dos benefícios imediatos, a adoção dessa proposta de ampliação lateral permitirá também aprofundar a compreensão do circuito como configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador. Esse conhecimento será fundamental na formulação de outras alternativas futuras, como a criação de outros circuitos, transferência dos atuais ou até mesmo uma revisão mais profunda do modelo de circuito como espaço do Carnaval.

Simultaneamente à ampliação lateral dos atuais circuitos, o Projeto Cidade Carnaval Cidade defende ainda: valorizar e incentivar outras configurações físico-territoriais existentes no Carnaval de Salvador, a exemplo da atenção dedicada ao Carnaval do Pelourinho. A Mudança do Garcia, o desfile do Ilê Aiyê na Liberdade/Curuzu, a saída do Gandhi e do Olodum do Pelourinho, o encontro dos trios na Praça Castro Alves, o arrastão da Timbalada, entre outros, evidenciam outras possibilidades de apropriação do espaço pelo Carnaval. Outras formas de desfile, de concentração, de participação do folião e interação com a cidade.

Desenvolver um projeto de ambientação cênica do espaço do Carnaval que considere, de forma integrada à paisagem da cidade, as estruturas montadas pela festa, os elementos de bloqueio e proteção de edificações, monumentos e jardins, a publicidade dos patrocinadores e a sinalização para os foliões. Essa será a imagem da cidade durante o Carnaval divulgada pela mídia e pelos turistas.

Finalmente, incentivar o desenho e a produção de estruturas, módulos de comércio e serviços, elementos de proteção temporária de áreas e edificações, utensílios, tecidos e objetos vinculados ao Carnaval. Atender as atuais necessidades, apropriando e interpretando elementos tradicionais das festas de rua de Salvador. Agregar qualidade aos diversos produtos vinculados à festa, a exemplo do processo de aprimoramento técnico dos

trios elétricos e carros de apoio. Ampliar o mercado de produtos vinculados à montagem de megaeventos de rua. Consolidar Salvador como referência maior desse mercado.

O Projeto Cidade Carnaval Cidade, ao apresentar essas propostas, reafirma a intenção de contribuir para o aprimoramento do Carnaval de Salvador como megaevento de rua. Que se considere a diversidade cultural e artística e a participação popular – lúdica, irreverente, imponderável, imprevisível – como elementos fundamentais dessa festa. Que se faça desse evento uma festa de todos: independente da procedência, da condição socioeconômica, da idade, da raça, da cor e do credo dos que queiram participar. Que a montagem da cidade do Carnaval, ainda que efêmera, desperte e estimule em seus cidadãos o propósito de compartilhar, cotidianamente, o espaço e tempo dessa cidade, sem exclusão, sem discriminação.

Logo após o Carnaval de 2000, em uma reunião de avaliação com os órgãos operacionais envolvidos na festa, a Defesa Civil de Salvador (Codesal) sugeriu a elaboração de um Plano Diretor para o Carnaval de Salvador. A sugestão agradou em cheio a presidente da Empresa de Turismo Salvador (Emtursa), atual Empresa Salvador Turismo (Saltur), e logo começamos a ver como construir esse Plano Diretor. Consultamos a Fundação Mário Leal Ferreira que sugeriu a contratação dos serviços de um escritório especializado para a elaboração dos Termos de Referência estabelecendo o que queríamos e o que precisávamos. A gestão da festa, exercida pelo poder público, estava fora de questão, uma vez que a Lei Orgânica do Município de Salvador estabelece que o poder público é responsável pela gestão da festa e define sua coordenação executiva e os órgãos executores, então, necessariamente, não faríamos um Plano Diretor, mas um Plano Físico-Ambiental para o Carnaval, com foco total no espaço da festa (a “cidade efêmera do Carnaval”) e sua interação com a “cidade cotidiana”.

Licitamos o Termo de Referência e o professor Manoel José Ferreira de Carvalho foi o escolhido para a coordenação-geral e a elaboração desse trabalho. Manoel era muito especial porque, além de ser arquiteto-urbanista, era o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Com todo seu conhecimento acadêmico, detinha também uma fundamental vivência prática da festa. Curtia o Carnaval, amava o Carnaval, ajudava nos desfiles do Araketu e sabia da importância da festa para a cidade.

O Termo de Referência ficou pronto em três meses e estabeleceu os estudos e planos específicos necessários para a elaboração do Plano de Estudo do Carnaval (PEC), segunda fase do trabalho.

Merina Aragão

Arquiteta da Empresa Salvador Turismo.

UM PLANO PARA
A CIDADE EFÊMERA

Nós entendemos que, durante o Carnaval, se estrutura uma cidade sobre a cidade cotidiana. Essa é a cidade que nós chamamos de cidade efêmera do Carnaval. Ela se estende numa mancha contínua que vai da Ondina, da esquina da Adhemar de Barros, na Garibaldi, até o Pelourinho. Todo esse espaço é uma mancha de ocupação que define uma área de superfície imensa.

Não só trabalhamos com o espaço, mas a categoria “tempo” passa a ter uma importância muito grande, mesmo porque o Carnaval não apenas subverte o espaço da cidade, mas subverte o tempo da cidade.

O dia padrão do Carnaval é completamente diferente do dia padrão cotidiano. Os horários mudam, as atividades passam a mudar de estruturação e é necessário equacionar melhor a compreensão em relação a isso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto tem por objetivo indicar os conceitos, metodologia e procedimentos para a elaboração e implantação do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador.

O caráter cíclico anual de realização do referido evento condiciona, invariavelmente, a definição dos procedimentos específicos que deverão ser adotados visando à elaboração e implantação deste plano.

É imprescindível, também, considerar o processo integrado de planejamento e realização do Carnaval de Salvador, que desde alguns anos vem se consolidando e se aprimorando como atividade permanente, executado por órgãos públicos que atuam no evento.

No momento em que este documento está sendo elaborado, grande parte do planejamento do Carnaval de 2001 já foi executado, determinando

que o alcance das medidas propostas pelo plano só possam ser implementadas integralmente no planejamento e realização do Carnaval a partir do ano de 2002.

No entanto, é provável e desejável que alguns dos produtos previstos no referido plano possam ser realizados já no próximo Carnaval, ainda que experimentalmente, desde que o tempo disponível seja suficiente para garantir a viabilização dos mesmos, sem acarretar prejuízos na qualidade do que se pretende realizar ou embaraços para o processo de planejamento ora em curso.

Nesse sentido, quanto mais breve for o tempo de início dos trabalhos de elaboração do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, maiores serão as possibilidades de contribuição efetiva no Carnaval de 2001.

Entende-se que dotar a cidade do Salvador de um Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval permitirá um grande avanço no processo de planejamento do evento e da cidade. Considera-se oportuno que essa iniciativa ocorra no momento em que a Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria do Planejamento, realiza a revisão e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano.

A magnitude e complexidade crescente do Carnaval de Salvador impõe o aprimoramento dos instrumentos de planejamento desse evento. Trata-se de planejar não apenas o evento em si, mas planejar a cidade do Salvador, considerando o impacto significativo da realização do Carnaval, que passa a compor, de forma permanente, a dinâmica cotidiana dessa cidade.

Ademais, o Carnaval de Salvador tem uma grande importância para a economia da cidade. É o ponto alto do ciclo de verão, período em que crescem as possibilidades dos empreendimentos na área do turismo e do entretenimento.

Planejar um evento de rua com tais características é um grande desafio. Constitui-se num exercício do planejamento urbano a partir de uma situação específica de apropriação efêmera, e cíclica, do espaço aberto de uso público da cidade.

Acrescente-se, ainda, a diversidade cultural e artística, a pluralidade de manifestações e o caráter popular e democrático dessa festa, que devem ser considerados como pressupostos fundamentais do planejamento do Carnaval de Salvador.

Portanto, o Planejamento Físico-Ambiental deve aceitar o desafio de equacionar as condições de apropriação e uso dos espaços pelo evento, sem, contudo, inibir o caráter lúdico, irreverente, imponderável e imprevisível da participação popular, traço definidor da singularidade do Carnaval de Salvador.

O plano enfoca especificamente o planejamento no âmbito das questões físico-ambientais, considerando-se a prioridade que tais elementos representam no planejamento global e integrado do evento. Contudo, admite-se que o processo ora instalado pode, e deve, suscitar a ampliação para o tratamento de outros âmbitos do planejamento do evento.

Essa iniciativa da Emtursa abre uma nova etapa no planejamento do Carnaval e da cidade do Salvador. É uma tarefa de grande importância pelo seu caráter pioneiro, que não pode prescindir da participação crítica de todos os interessados, principalmente aqueles que já estão envolvidos com o planejamento e execução da festa.

ANTECEDENTES RELATIVOS À ÁREA DE ESTUDO

O crescimento do Carnaval de Salvador a partir da década de 1970 impõe a presença crescente do poder público no planejamento e realização do evento:

- Em 1972, a Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa) firma parceria com a Prefeitura de Salvador;
- Em 1984, através do Decreto nº 6985/84, o prefeito cria o Grupo Executivo do Carnaval (GEC), com a finalidade de adotar medidas necessárias para a realização dos festejos carnavalescos. Com essa medida, a Prefeitura Municipal de Salvador assume de forma mais direta a coordenação do evento, apoiando o trabalho já desenvolvido

pela Bahiatursa. Ainda em 1984, a venda de cotas de patrocínio do Carnaval evidencia a intensificação do caráter mercadológico da festa, que passa a ser pensada como produto. Em 1985, a Polícia Militar de Salvador (PMS) estabelece, através de decreto, normas para o “Fluxo das Entidades Carnavalescas”;

- Em 1988, é fundada a Associação de Blocos de Trio (ABT), que intensifica o processo de organização dos segmentos empresariais diretamente envolvidos com o Carnaval. Outras iniciativas de igual natureza ocorrerão a partir de então;
- No início do ano de 1991 é instalado, na Câmara Municipal, o Conselho Municipal do Carnaval, criado pela Lei Municipal nº 4.274/90. Esse órgão é composto por entidades representativas dos segmentos organizados da sociedade, especialmente aqueles mais diretamente envolvidos com o evento e pelos órgãos públicos vinculados à realização do Carnaval. No ano seguinte, a Câmara Municipal de Salvador promulga e publica a Lei nº 4.538/92, regulamentando os artigos 260 e 261 da Lei Orgânica do Município, que diz respeito à organização do Carnaval, revogando as disposições em contrário, especialmente a Lei nº 4.274/90;
- A partir de 1994, o Carnaval passa a ser trabalhado o ano inteiro.

Consolida-se a regulamentação da ordem de desfile das entidades e os serviços passam a ser contratados mediante licitação pública.

O acelerado crescimento do Carnaval de Salvador, que ocorre a partir dos anos 1990, passa a merecer uma maior atenção do poder público, assumindo de forma mais efetiva a gestão institucional do evento.

Atualmente, está implantado um processo permanente de planejamento e execução do Carnaval de Salvador, coordenado pela Emtursa, contando com a participação de outros órgãos da administração pública municipal e estadual, e das entidades que compõem o Conselho do Carnaval.

Esse processo integrado de planejamento e execução vem sendo aprimorado a cada ano, estruturado, no momento, em seis etapas sucessivas de trabalho, aqui apresentadas de forma esquemática:

1. Março/abril: avaliação do Carnaval realizado. Levantamento de sugestões de melhoria e mudança a serem incorporadas no planejamento do próximo;
2. Maio/junho: estruturação geral do próximo Carnaval. Deliberação quanto às mudanças a serem incorporadas;
3. Julho/agosto/setembro: elaboração dos Planos Operacionais dos órgãos que atuam no Carnaval. Início do processo licitatório dos serviços e do treinamento do pessoal que atuará no Carnaval seguinte. Elaboração do projeto de comercialização dos espaços do Carnaval para *merchandising*. Atualização do cadastro das entidades que participarão do próximo Carnaval, com vista à organização do desfile nos circuitos horários, dias e locais para cada participante;
4. Outubro/novembro: lançamento oficial do Carnaval. Intensificação do processo de divulgação. Conclusão dos Planos Operacionais. Conclusão dos processos de contratação de serviços;
5. Dezembro/janeiro: início do processo de montagem das estruturas. Consolidação e compatibilização dos Planos Operacionais. Ajustes finais no processo de planejamento da festa. Realização de eventos de rua que antecedem o Carnaval (Farol Folia);
6. Fevereiro/março: realização do Carnaval. Início do novo ciclo do planejamento do Carnaval do ano seguinte.

Em todo esse processo, é fundamental destacar o esforço e dedicação dos técnicos dos órgãos públicos envolvidos com o evento, que têm contribuído significativamente para a qualificação dos serviços e melhoria da infraestrutura, através do crescente domínio técnico das múltiplas instâncias de atuação inerentes ao planejamento e realização do Carnaval de Salvador.

CONHECIMENTO DO PROBLEMA

A elaboração do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador pressupõe: o conhecimento das características atuais do evento que são relevantes ao enfoque previsto; a apropriação, do espaço/tempo da cidade pelo Carnaval de Salvador; as demandas atuais referentes ao Carnaval e sua relação com a cidade.

CARACTERÍSTICAS ATUAIS DO CARNAVAL DE SALVADOR

O Carnaval de Salvador é um fato único, polarizador das atenções e atividades urbanas durante o período em que ocorre, época em que toda a cidade vive em função da festa ou, no mínimo, de alguma forma é afetada por esta.

Pensar o Carnaval é pensar a vida da cidade do Salvador durante esse período.

Evento cíclico, previsível quanto à data e ao local, o Carnaval já compõe o cotidiano da cidade, constituindo-se em atividade permanente, não mais um evento de natureza pontual.

Tornou-se uma complexa rede de negócios. São muitos os “produtos” vinculados à festa. As atividades empresariais fundamentais não são mais exclusivas do Carnaval, mas compõem um mercado no qual se mantêm permanentemente.

A festa tornou-se exclusivamente de rua. Acabaram-se os bailes nos salões e nos clubes. Cresceu a disputa pelo espaço e tempo. A “privatização temporária” de alguns espaços da festa pretende compor sobre o espaço público os antigos “territórios” privados. A corda dos blocos, as novas fronteiras dos salões e os camarotes são recursos adotados para garantir a existência de territórios de uso restrito.

A “mídia televisiva” torna-se elemento fundamental na estruturação do espaço e do tempo da festa. O “espaço virtual” passa a interferir na

qualificação do “espaço físico” do evento. O “tempo” da televisão condiciona os melhores horários e oportunidades de maior audiência.

É o Carnaval do “folião pipoca”. Estes são a imensa maioria entre os milhões de participantes da festa. São “foliões pipoca” todos os que estão fora das cordas dos blocos e dos espaços de uso restrito em um determinado momento da festa. Mesmo os que desfilam em blocos são “foliões pipocas” quando estão fora das cordas. Não há “Carnaval participação” sem “folião pipoca”. São dois conceitos indissociáveis no Carnaval de Salvador.

O Carnaval de Salvador tornou-se também o “Carnaval das atrações”. Bandas, cantores, dançarinos arrastam os blocos e os milhões de foliões pipocas. São atrações de destaque no mercado fonográfico nacional. O Carnaval de Salvador é hoje uma vitrine desse mercado. Monta-se um grande “concerto popular”, um dos maiores do planeta, em duração, espaço e público. O aprimoramento técnico do trio elétrico permitiu esse feito. É um palco que se desloca, levando som e imagem para milhões de pessoas.

Música e dança formam um binômio indissociável. As músicas ensinam as danças, as coreografias do momento. Os foliões precisam de espaço livre e contínuo para brincar, dançar e cantar, enfim, para exercer o “espírito do Carnaval”.

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO/TEMPO DA CIDADE PELO CARNAVAL

O Carnaval de Salvador é hoje uma mistura indissociável de cortejo, desfile, *show*/concerto e festa de largo. Formas diferenciadas de apropriação simultânea do espaço da cidade pelo evento.

O “cortejo” pressupõe acompanhar, participar diretamente do séquito, a exemplo das procissões religiosas, passeatas políticas e manifestações de natureza cívica e cultural. Motiva-se a participação dos que se encontram no percurso. Os “promotores” do cortejo misturam-se com os que

queiram participar, livremente. É imprevisível quanto ao tamanho de participantes ao longo do percurso.

No Carnaval de Salvador, o “cortejo” existe desde muito. As batucadas, os cordões(as) e bandinhas de sopro arrastavam os foliões livremente pelas ruas dos bairros e do Centro da cidade. O trio elétrico intensifica a presença do “cortejo” no Carnaval de Salvador. Cortejo libertário, imprevisível, em que todos dançam e participam livremente.

Diferentemente, o “desfile” estabelece nitidamente a diferença de papéis entre os que participam e os que assistem, a exemplo das paradas militares e dos desfiles políticos. A adesão dos que assistem não é estimulada, quando não reprimida com vigor. Diferentemente dos cortejos, os desfiles. Possibilitam um rígido controle da manifestação.

Com a criação dos grandes clubes carnavalescos Fantoques e Cruz Vermelha nas últimas décadas do século XIX, o “desfile” se incorpora definitivamente ao Carnaval de Salvador. O “curso” formado pelos carros dos que exibem suas ricas fantasias nas ruas no percurso para os salões de festa, bem como as “pranchas”, bondes adaptados para desfilarem livremente durante o Carnaval com músicos e convidados, são outras formas de desfile já existentes no Carnaval de Salvador. As escolas de samba também desfilaram nas noites de Carnaval, até a década de 1970.

A presença crescente dos afoxés e dos blocos estabelece uma situação-limite entre cortejo e desfile. As fantasias garantem a identidade dos participantes e a presença da corda assegura a nítida distinção dos que desfilam. No entanto, ao redor desses forma-se um grande cortejo dos que acompanham, fora das cordas, os que desfilam. “Desfile” e “cortejo” acontecem juntos, compondo um novo conceito: desfile/cortejo ou cortejo/desfile.

A criação dos “blocos de trio” traz novos elementos a essa situação. Então o trio, grande estimulador dos cortejos, aprisionado nas cordas dos blocos, estimula mais ainda o folião pipoca a formar um grande cortejo ao redor do bloco que desfila.

A forma de organização atual do desfile dos blocos não estimula os que pretendem acompanhar os blocos. Falta espaço nas laterais das cordas e

entre as cordas dos blocos. No entanto, o cortejo continua presente no Carnaval de Salvador. As “saídas dos blocos” Olodum, Ilê Aiyê, a “saída do Gandhi” e a “Mudança do Garcia” são formas de cortejo. O “arrastão da Timbalada” recoloca o cortejo, agora num formato que se assemelha aos “bandos anunciadores” do passado. O Carnaval do Pelourinho e de outros bairros ainda preservam os pequenos cortejos que acompanham as bandinhas que circulam livremente pelas ruas e praças da cidade.

O *show*/concerto passa a compor o Carnaval de Salvador a partir do momento em que o trio elétrico torna-se um palco para as atrações. Nos anos 1970 surgem os primeiros “cantores de trio”. O aprimoramento técnico do trio elétrico viabiliza sua utilização como palco para grandes *shows* e concertos, com a possibilidade de atingir, ao longo do percurso, um público imensamente maior que a capacidade de um único espaço aberto. Os *shows*/concertos utilizam os trios estacionados em um único ponto, ou até mesmo palcos montados, também existem no Carnaval de Salvador: o “encontro de trios da Praça Castro Alves e do Farol da Barra” e no Carnaval de alguns bairros da cidade.

As bandas, os cantores e os dançarinos passam a ser as atrações principais do Carnaval de Salvador. Polarizam as atenções do público e da mídia televisiva. Nem sempre o bloco é a atração principal, mas sim quem eles transportam sobre os trios. Apenas o Gandhi, o Ilê Aiyê, o Malê de Balé, e alguns outros, ainda preservam o interesse em si mesmos, e na imagem que oferecem. Os “associados” que antes mantinham um forte e duradouro vínculo com a entidade carnavalesca, agora se deslocam entre os blocos de natureza similar, acompanhando as atrações então contratadas para o desfile e em busca de outras vantagens oferecidas pelos promotores.

Essa componente *show*/concerto condiciona o formato atual do Carnaval de Salvador, quanto à forma de apropriação do espaço e à utilização do tempo do evento.

A “festa de largo” é uma forma tradicional de apropriação do espaço público de Salvador. Originada nas festas religiosas, representava o desdobramento “profano/popular” do “novenário” que antecedia a comemoração

do dia do padroeiro. Quermesses, jogos, barracas de comidas e bebidas, rodas de samba, serviam de pretexto para que as pessoas permanecessem no local, compondo um território específico para cada evento. Essa é uma forma lúdica de ocupar o espaço da rua, da praça ou de qualquer lugar. Isso é uma “festa de largo”.

O Carnaval de Salvador tornou-se a maior “festa de largo” de Salvador, a partir da polarização exercida pela Praça Castro Alves nos anos 1970 e 1980. Com ela, a festa de largo incorporou-se definitivamente ao Carnaval de Salvador. Essa forma de apropriação do espaço passa a ser reproduzida em outros espaços da festa, constituindo-se, hoje, numa tendência natural de toda a festa.

O folião não apenas desfila, acompanha o desfile, participa do cortejo, dança e assiste à passagem das atrações. Além de tudo, circula. Circula dentro do espaço da festa, de forma lúdica. Isso também compõe a festa. A presença da “festa de largo” dentro do Carnaval demanda a existência de espaços que possam servir de território para esse fim, o que torna ainda mais complexa a configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador de agora.

Nos cento e poucos anos de história, o Carnaval de Salvador experimentou inúmeras formas de apropriação do espaço da cidade e de estruturação do tempo da festa.

Atualmente, o “circuito” é a forma hegemônica do Carnaval de Salvador. Trata-se de uma forma de apropriação do espaço e do tempo a partir de alguns elementos que foram crescentemente incorporados na estruturação desse conceito:

Desfile das entidades carnavalescas com percurso controlado e trajeto previamente estabelecido, incluindo pontos de início e fim do desfile; Fluxo contínuo de apresentação, com a ordem de desfile estabelecido por critérios de ano de criação da entidade; e

Controle de tempo de desfile nos “palanques”, nos quais se concentram a mídia, autoridades e convidados de maior importância.

A estruturação do “circuito” demanda, ainda, além da definição da linha de percurso:

O ordenamento prévio da ocupação das áreas laterais ao trajeto, incluindo comercialização de espaços para espectadores, pontos de venda e oferta de serviços, e publicidade;

O bloqueio das vias, interdição para acesso de veículos e até mesmo de pedestres, incluindo os moradores de algumas áreas;

A montagem de módulos de atendimento e serviços no entorno do percurso do desfile;

A regulamentação das características dos veículos utilizados no desfile das entidades carnavalescas; e

A proteção de monumentos, praças e edificações.

Existem atualmente apenas dois circuitos no Carnaval de Salvador: o do Campo Grande /Praça Castro Alves e o Barra/Ondina. Outros territórios do Carnaval ainda que designados também como “circuitos” apresentam uma configuração físico-ambiental muito distinta dessa aqui apresentada.

Os elementos que definem o atual “circuito” como configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador originam-se, muitas vezes, em práticas longínquas, hoje já incorporadas à história do evento e da cidade. Tais elementos incorporam, em momentos específicos, novas práticas ao “rito” do Carnaval, retomadas e reinterpretadas tempos depois, com outra abordagem conceitual e dentro de contextos históricos distintos.

Em 1886, os presidentes dos grandes clubes reuniram-se na Associação Comercial com o objetivo de estudar um “itinerário único” para todos os préstitos. Desde então, surge no Carnaval de Salvador o “desfile com percurso previamente definido”, elemento básico na estruturação do conceito atual de “circuito”.

A abertura da avenida Sete de Setembro e da rua Chile, no início do século XX, e, posteriormente, a demolição dos quarteirões da Sé para construção

do terminal de bondes, estruturam a “linha de desfile” do “Carnaval do Centro”, envolvendo também a rua da Ajuda.

Somente no final dos anos 1960, com o alargamento da rua da Faísca e a construção da ligação Aflitos/Palácio da Aclamação, a rua Carlos Gomes é incorporada ao desfile, possibilitando um percurso circular, fechado. Surge então o “circuito do Carnaval”, conceito que passa a definir também o Carnaval da Barra/Ondina, estruturado no início dos anos 1990.

Existem atualmente apenas dois circuitos no Carnaval de Salvador: o do Campo Grande/Praça Castro Alves e o Barra/Ondina.

Os elementos que definem o atual “circuito” como configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador originam-se, muitas vezes, em práticas longínquas.

O conceito “circuito carnavalesco” passa a representar o processo de controle de espaço e tempo do desfile, não necessariamente associado a um desenho circular de espaço. Hoje esse conceito é utilizado indiscriminadamente nos carnavais e micaretas de outras cidades, vinculados sempre à condição de controle do espaço e do tempo do desfile.

Alguns trechos ao longo da linha de desfile passam a ter um valor diferenciado, determinado pela presença da imprensa, das autoridades e de convidados. Nesses pontos, cresce a motivação dos foliões, das atrações e dos promotores das entidades que desfilam, em face da possibilidade de maior visibilidade que esses pontos oferecem.

Essa prática remonta aos anos 1960, quando o “palanque da Praça da Sé” estabelece um ponto obrigatório para aquelas entidades e mascarados que desejassem participar do concurso promovido pela Prefeitura.

Posteriormente, surge o “palanque do Campo Grande” nos anos 1980, que hoje polariza as atenções no circuito Campo Grande/Praça da Sé. O mesmo vem acontecendo com as áreas do Farol e dos hotéis, no circuito Barra/Ondina.

A ampliação do espaço apropriado pelo Carnaval foi acompanhada também da ampliação do tempo da festa.

As primeiras medidas ocorrem ainda no final do século XIX quando, a partir de 1882, o comércio passa a fechar as portas na terça-feira, às 13 horas.

Em 1886, os comerciantes resolvem não abrir mais o comércio na terça-feira.

Nos anos seguintes, a festa cresce no tempo, passando a ocupar, ainda que informalmente, a segunda-feira, incorporando posteriormente também o sábado.

Em 1981, o governador do Estado, através do Decreto nº 27.811/81, suspende o expediente nas repartições públicas estaduais – ademais da segunda e da terça-feira, também na sexta-feira anterior. Acresce-se ao tradicional “tríduo momesco”, a sexta e o sábado. A “abertura oficial do Carnaval” passa a ocorrer na quinta-feira à noite, com o desfile do rei Momo no circuito do Centro.

O evento passa a ter uma semana de duração, período em que ocupa e direciona a vida da cidade e de seus cidadãos.

A ampliação do tempo de duração da festa possibilitou a consolidação dos negócios e o fortalecimento do evento como atividade polarizadora da vida da cidade durante esse período. Por outro lado, tamanha duração para um evento de rua exige a montagem de uma infraestrutura e serviços públicos de grande complexidade.

Somando-se ao tempo de realização da festa, aquele dedicado à montagem e desmontagem das estruturas do Carnaval (arquibancadas, camarotes e módulos de serviço), pode-se afirmar que a presença física do Carnaval na cidade ocorre durante, pelo menos, dois meses do ano.

ESCOPO TÉCNICO DO PLANO FÍSICO-AMBIENTAL DO CARNAVAL DE SALVADOR

O Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador tem por objetivo contribuir no aprimoramento do processo de planejamento e realização do referido evento, a partir do enfoque dos elementos

concernentes à espacialização da festa e sua relação com a cidade, com o propósito de:

Ampliar as condições de segurança e conforto de todos os que participam ou são atingidos direta ou indiretamente pela realização do evento;

Adequar os lugares apropriados pela festa com vistas a possibilitar o bom desempenho das múltiplas atividades que a festa impõe ao espaço;

Preservar e ampliar a identidade cultural e artística do evento e da cidade, garantindo a diversidade de formas de apropriação (física e simbólica) e de uso do espaço;

Enfatizar o caráter público, popular e democrático do evento, garantindo a livre participação de todos, independente da procedência, da condição socioeconômica, do gênero, da idade, das limitações físicas, da raça, da cor e do credo;

Ampliar os investimentos no evento, com vistas a propiciar o desenvolvimento econômico da cidade, gerando múltiplas oportunidades para os grandes, médios e pequenos negociantes;

Consolidar o Carnaval de Salvador como produto para o desenvolvimento do turismo na cidade e na região;

Propiciar o aprimoramento da oferta de serviços, direcionados para as atividades artísticas, culturais, de lazer e de entretenimento;

Estimular a pesquisa de novos insumos, com vistas ao aprimoramento, do processo de construção e desempenho dos elementos físicos, de natureza efêmera, demandados pelo Carnaval e outros eventos de rua de natureza similar;

Consolidar a cidade do Salvador, nacional e internacionalmente, como referência para o planejamento e realização de megaeventos de rua, a exemplo do Carnaval.

ABORDAGEM CONCEITUAL E METODOLÓGICA

Os estudos previstos pelo Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador serão desenvolvidos a partir da seguinte abordagem conceitual e metodológica:

O Carnaval de Salvador como “um megaevento de rua”;

Os “modelos conceituais” da atual configuração físico-territorial do evento; e

A relação da “cidade efêmera do Carnaval” com a “cidade cotidiana”.

O CARNAVAL DE SALVADOR COMO UM “MEGAEVENTO DE RUA”

O Carnaval de Salvador enquadra-se como uma “apropriação de natureza efêmera” do espaço aberto da cidade. Entende-se como tal todas as manifestações de apropriação e uso do espaço que sejam feitas a partir da predeterminação de “prazo de vigência” da ocupação, diferentemente das estruturas urbanísticas e arquitetônicas com propósito de “perenidade”.

As ocupações de natureza “efêmera”, ainda que limitadas no tempo de vigência, devem permitir o pleno desempenho das funções previstas, com o mesmo padrão de qualidade daquelas de natureza “perene”. Nesse sentido, não confundir o conceito de “efêmero” com o de “precário”, como habitualmente ocorre.

Entre as formas de ocupação urbanas e construções arquitetônicas de natureza “efêmera”, destacam-se aquelas conhecidas como “arquitetura de emergência”, direcionada ao atendimento de populações atingidas por desastres de natureza diversa – terremotos, enchentes, incêndios, guerras, epidemias etc. – e as conhecidas como “arquitetura promocional”, vinculada à realização de eventos de natureza esportiva, cultural ou recreacional – grandes feiras, jogos esportivos, festivais, acampamentos de lazer –, na qual se insere o Carnaval de Salvador em sua configuração atual.

Em ambos os casos, trabalha-se com um repertório de soluções similares quanto à concepção formal, construtiva e de desempenho.

Consideram-se como “megaevento de rua” as atividades de natureza efêmera cuja realização impõe, invariavelmente, a ruptura da dinâmica urbana cotidiana de um lugar, do entorno, de toda a cidade, quando não da região. Congregam grande público, ocupando ruas, avenidas, praças, parques, praias e espaços abertos da cidade, com impactos na circulação de veículos, acessibilidade às edificações e, de modo geral, no padrão de desempenho dos serviços públicos e de infraestrutura urbana. Ademais, ocorre também o exercício de atividades de natureza distinta das habituais.

Todos esses fatores determinam mudanças significativas nas condições ambientais da área apropriada e também do seu entorno direto.

Diante do exposto, podemos considerar o Carnaval de Salvador como o maior e mais significativo “megaevento de rua” da região e do país e que, como tal, deve ser encarado nos estudos a serem realizados pelo Plano Físico-Ambiental em questão. A magnitude do espaço apropriado diretamente pela festa, o longo período de duração e a quantidade de pessoas envolvidas configuram a complexidade do problema.

Podemos ainda considerar, dentro do enfoque conceitual dos “megaeventos de rua”, a classificação em “eventos de concentração” – *shows*, concertos, comícios, manifestações religiosas, feiras, jogos esportivos e “eventos de fluxo” – cortejos, desfiles, corridas, maratonas, passeatas etc. Dentro dessa classificação, o Carnaval de Salvador pode ser considerado como um “evento de fluxo” – cortejo, desfile e de “concentração” *show*, concerto e festa de largo. Essa complexidade conceitual deve ser considerada na abordagem do problema.

OS “MODELOS CONCEITUAIS” DA ATUAL CONFIGURAÇÃO FÍSICO-TERRITORIAL DO CARNAVAL DE SALVADOR

A atual configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador estrutura-se a partir da adoção simultânea de modelos conceituais diversos. Nesse sentido, podemos distinguir a abordagem do “Carnaval do Centro” do “Carnaval dos bairros” e dos espaços temáticos.

No “Carnaval do Centro”, o “circuito” é a forma hegemônica do evento.

O circuito apropria o espaço urbano a partir da “linha de trajeto do desfile”. Forma-se uma imensa “mancha de ocupação”, contínua, com densidade decrescente na medida em que se afasta da “linha de trajeto do desfile”, que exerce o papel definidor e polarizador do espaço da festa.

Os espaços abertos que envolvem lateralmente a “linha de trajeto do desfile” exercem papéis diferenciados na configuração físico-territorial dos desfiles. Dependendo da proximidade, visibilidade e interação com o desfile classificam-se em: 1) áreas da “primeira envolvente”; 2) áreas da “segunda envolvente”; e 3) áreas da “terceira envolvente”.

São áreas de “primeira envolvente” todas as que estão situadas diretamente às margens da “linha de trajeto do desfile”. Todos os pontos de onde se possa ver e participar diretamente: passeios, canteiros, largos, praças, jardins, saídas dos becos, ruas transversais, galerias, estacionamentos, janelas, árvores e encostas.

As áreas da “segunda envolvente” estão situadas nas margens da “primeira envolvente” e separadas desta por edificações e outras barreiras visuais, impedindo de assistir o desfile. No entanto, nessas áreas é possível ouvir o que ocorre no desfile e, eventualmente, se deslocar para assistir ou acompanhar uma atração. As áreas de “segunda envolvente” são os “lugares de parada” do folião, a “festa de largo” dentro do Carnaval de Salvador. Nesses espaços devem estar as barracas de alimentação e bebidas, os sanitários públicos, os módulos de serviço, jogos e outras formas de recreação.

Finalmente, as áreas da “terceira envolvente”, nas quais estão situados os terminais de transportes coletivos, pontos de táxi, estacionamento e os caminhos dos que vêm e voltam a pé. É o “território-limite da festa”.

Essa forma de apropriação do espaço é típica do Carnaval de Salvador. No Carnaval fora de época de outras cidades é diferente. O espaço previsto para o evento resume-se, quase sempre, à “linha de trajeto do desfile”, então designada de “passarela do Carnaval”, e duas laterais de espectadores, acomodados em arquibancadas e camarotes que bloqueiam, separam a festa do entorno. Essa é a “configuração do Sambódromo”, do “Carnaval espetáculo”. Impõe uma ruptura entre o espetáculo e espectador, além de comportar um público incomparavelmente inferior aos milhões de foliões do “Carnaval participação” de Salvador. Essa configuração segregadora, ainda que em pequena escala, também é adotada em trechos dos circuitos atuais do Carnaval de Salvador: Campo Grande no circuito do Centro, trechos dos hotéis no circuito Barra-Ondina.

A adoção do “circuito” como forma de apropriação e ordenamento do espaço da festa impõe também o crescente controle do tempo. A definição do horário de desfile nos circuitos condiciona o “dia padrão” do Carnaval do Centro, que se divide em quatro períodos:

- O primeiro constitui o “período de preparação” para o dia de festa. Limpam-se as ruas, recolhe-se o lixo, abastece-se o comércio de comida e bebida, mantêm-se abertas as barreiras do trânsito em algumas áreas, permitindo o acesso dos veículos de serviços e dos moradores da área;
- O segundo período do dia é o do “pré-desfile”. Esse é o período que antecede, de forma imediata, o início do desfile nos circuitos. As barreiras de acesso de veículos são repostas. As equipes técnicas dos blocos arrumam os trios e carros de apoio. Os foliões circulam livremente pelas ruas, ainda desimpedidas. Acontece o desfile dos “blocos infantis” nos circuitos. É também o momento preferencial dos grupos de fantasiados, dos que apresentam suas performances livremente;

- O terceiro é o período do “desfile”. É o que comporta todo o tempo estabelecido oficialmente para a apresentação das atrações previstas para o dia. É o período de tempo controlado rigorosamente, principalmente nos trechos de maior visibilidade – palanques e camarotes.
- Após o encerramento oficial do desfile no circuito, inicia-se o quarto e último período do “dia padrão” do Carnaval do Centro: o período do “pós-desfile”. Novamente, os foliões passam a circular livremente pelos espaços dos circuitos, até serem expulsos pela espuma do serviço de limpeza urbana.

A presença dos funcionários da limpeza urbana na rua sinaliza o final de mais um dia de Carnaval. Essa é a referência simbólica mais consistente que é possível visualizar como limite entre os dias da festa.

A estruturação do “dia padrão” do Carnaval tem horários diferenciados para início e término das etapas em cada um dos circuitos atuais.

O entendimento mais aprofundado desse “modelo conceitual” do Carnaval do Centro pressupõe o tratamento integrado das variáveis espaço e tempo. Cotejar as áreas, previamente conceituadas como de primeira, segunda e terceira envoltentes, com os quatro períodos de tempo do “dia padrão” do Carnaval, permite compreender a diversidade de situações e os contextos específicos a serem trabalhados na busca das soluções para os problemas.

Quanto ao “Carnaval dos bairros” é necessário, preliminarmente, conceituar a natureza desse tipo de evento ainda presente no Carnaval de Salvador. Diferentemente do “Centro da cidade”, território de todos os “bairros”, devem ser os “pós-desfile” considerados como as áreas de uso mais restrito àqueles que habitam e vivem esses lugares. Nesse sentido, é preciso ressaltar que o Carnaval do Pelourinho não deve ser considerado como “Carnaval de bairro”, pois compõe o “Carnaval do Centro da cidade”, ainda que esteja estruturado de forma diversa dos “circuitos” atuais.

O Carnaval do Pelourinho está estruturado a partir da realização simultânea de pequenos cortejos formados pela livre circulação de bandas,

charangas e grupos musicais e de dança. Não há um controle tão rigoroso do espaço e do tempo de apresentação dessas atrações. É facultado ao folião acompanhar o cortejo ou assistir sua passagem nas calçadas, mesas e áreas livres. Diferentemente dos circuitos, é intensa a relação com as edificações da área: as janelas e portas permitem uma acomodação no interior das edificações. Ocorrem também bailes carnavalescos nas praças internas existentes.

As saídas do Gandhi e do Olodum eram, até alguns anos atrás, eventos de grande importância no Carnaval do Pelourinho. Após a concentração dos músicos, associados e foliões, no largo do Pelourinho, formava-se um grande cortejo que subia as ruas, atravessava o Terreiro de Jesus e a Praça da Sé, quando então eram organizados os desfiles com os associados. O novo traçado da Praça da Sé impossibilita a realização desses eventos. As referidas entidades agora montam o início do seu desfile na Praça Municipal.

Quanto ao “Carnaval da Liberdade”, ainda que deva ser considerado como “Carnaval de bairro”, promove em determinado momento da festa um evento de grande interesse para a cidade: a saída do Bloco Ilê Aiyê da sede no Curuzu/Liberdade. Esse evento adota a configuração de um grande cortejo, composto principalmente pelos moradores do lugar.

Além da Liberdade, o Carnaval que ocorre nos demais bairros é apenas do interesse direto dos moradores do lugar: Itapuã, Periperi, Cajazeiras e Largo do Papagaio. A configuração atual adotada no Carnaval de bairro é de “concentração”, que consiste na apresentação de atrações em palcos construídos nos espaços abertos do bairro. Repete-se uma mesma configuração em todos os lugares. Ou seja, trata-se do “Carnaval no bairro” e não do “Carnaval do bairro”. Não há referência quanto ao resgate de formas tradicionais adotadas nesses bairros ou em outros lugares da cidade, antigos territórios do Carnaval de Salvador.

Além do “Carnaval do Centro da cidade” e do “Carnaval dos bairros”, deve ser considerada a existência de outras configurações físico-ambientais,

adotadas pelos territórios aqui designados de espaços temáticos. Entre estes se destacam o “Espaço do Rock”, na praia de Piatã, o “Espaço Infantil do Passeio Público” e o “Palco do Reggae”, na Praça Cairu, no Comércio.

Esses espaços temáticos, estruturados a partir de um interesse específico, podem adotar outras formas de apropriação e uso do espaço da cidade, diferentes das utilizadas no Carnaval do Centro e dos bairros.

A RELAÇÃO DA “CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL” COM A “CIDADE COTIDIANA”

A atual configuração físico-territorial do Carnaval de Salvador, com o circuito e suas áreas envolventes, resulta na montagem da “cidade efêmera do Carnaval” sobre a “cidade cotidiana”.

Entende-se por “cidade efêmera do Carnaval” o território ocupado diretamente pela festa, envolvendo as áreas de primeira, segunda e terceiras envolventes à linha do trajeto do desfile. A proximidade dos circuitos do Centro e do Barra-Ondina, bem como o do Pelourinho, resulta numa ocupação contínua, que tem como limites extremos os bairros da Ondina e do Carmo e lateralmente abrange desde a área da borda interna até parte dos bairros da Barra, Graça, Canela, Garcia, Piedade, Nazaré e Baixa dos Sapateiros. Ou seja, toda a área contínua apropriada pelo “Carnaval do Centro da cidade”.

A “cidade efêmera do Carnaval” deve ser estruturada a partir do “modelo conceitual dos circuitos”, que prevê uma lógica de ocupação padronizada. Ou seja, deseja-se um desempenho satisfatório de todas as áreas apropriadas, principalmente pela linha de trajeto do desfile, independentemente do desenho da cidade em cada um dos trechos apropriados.

Esse é um grande desafio a ser enfrentado: os circuitos, ao apropriarem áreas com diferentes morfologias e dinâmicas cotidianas de natureza diversa impõem, inevitavelmente, a necessidade de abordagens diferenciadas no

desenho da “cidade efêmera do Carnaval”. São áreas urbanas com diferenças significativas no traçado do sistema viário, na geomorfologia do lugar, na tipologia e uso das edificações, nas condicionantes ambientais, nas atividades cotidianas e na relação com o entorno e com a cidade. A convivência entre as duas cidades – a efêmera e a cotidiana – pressupõe o tratamento dos “pontos de fricção” e das “áreas de fronteira/limites”.

Entende-se por “pontos de fricção” todos aqueles que resultam em atrito entre as condições preexistentes da “cidade cotidiana” e aquelas condições desejadas com a montagem da “cidade efêmera do Carnaval”. A localização e tratamento desses pontos de atrito deve preceder o desenho definitivo a ser adotado. É oportuno lembrar que, para tanto, é fundamental o conhecimento prévio de cada área apropriada pelo evento, conceituando-as como “tipologias urbanísticas” distintas. Por outro lado, é também imprescindível o domínio da dinâmica específica do Carnaval, expressa do desenho da cidade efêmera, para que se possam estabelecer, criativamente, os ajustes necessários entre essas duas dimensões da realidade físico-ambiental do espaço trabalhado.

As “áreas de fronteiras/limites” demarcam, de forma efetiva ou simbólica, a interação, ou mesmo isolamento, entre as duas cidades. Os tapumes de proteção de edificações, monumentos, áreas verdes, os elementos de bloqueios de vias são alguns dos elementos físicos utilizados para demarcar os limites e fronteiras. O tratamento desses elementos é importante não apenas durante o período de realização do evento. Todo o processo de montagem e desmontagem das estruturas deve ser conceituado a partir dessa interação, que pressupõe encontrar as condições satisfatórias de desempenho das duas cidades.

Ressalte-se que essa relação entre o cotidiano e o eventual é inerente à realização de todos os “megaeventos de rua”, considerando-se o pressuposto de que será apropriado um espaço para a realização de atividade de natureza distinta do cotidiano. Evidentemente que no Carnaval de Salvador essa relação torna-se mais complexa pelas razões já apresentadas.

ÁREAS TEMÁTICAS DO PLANO

Indica-se que o Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador seja estruturado em três áreas temáticas.

Ordenamento: que aborda a ocupação temporária da cidade pelo Carnaval, nas atuais configurações físico-ambientais adotadas pelo evento;

Expansão: que enfoca as múltiplas possibilidades de expansão do Carnaval de Salvador.

Ambientação: que trata os múltiplos fatores que determinam as condições de ambientação dos lugares da cidade, que assumem temporariamente o papel de territórios da festa.

Em cada uma dessas áreas temáticas estão definidos os objetivos específicos, que delimitam o campo de expectativas quanto ao alcance das ações a serem propostas pelo referido plano.

Visando garantir tais objetivos, indica-se a realização dos “Produtos Intermediários Propositivos”, demandados por cada uma das áreas temáticas. Constatam nas diretrizes aqui apresentadas os objetivos, a justificativa, as atividades, o escopo dos produtos e as aplicações específicas de cada um deles.

Indica-se, também, a necessidade de realização de estudos, pesquisas, atividades e serviços que deverão subsidiar a elaboração dos “Produtos Intermediários Propositivos” e outras propostas do plano. Tais ações, de natureza informativa e analítica, aqui designados de “Produtos Intermediários Informativo/Analíticos”, estão apresentados de forma sintética, através dos mesmos elementos acima relacionados.

O Programa de Trabalho define os procedimentos que serão adotados visando garantir a elaboração desse Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador e, posteriormente, sua difusão e implantação.

ORDENAMENTO

Essa área temática enfoca as questões vinculadas à ocupação da cidade pelo Carnaval, nas atuais configurações físico-ambientais do evento. Ou seja, atuar considerando como referência a realidade efetiva do momento e os problemas decorrentes de tal situação.

Adota-se como pressuposto que é possível ampliar as possibilidades de desempenho dos espaços já apropriados pelo evento, através do adequado ordenamento físico-ambiental. Contesta, portanto, a ideia de que a incorporação de novas áreas ao Carnaval de Salvador é um pré-requisito para a superação dos problemas apontados.

Entende-se por “ordenamento” um conjunto de preceitos que se deve observar no Planejamento Físico-Ambiental do evento e da cidade que o promove. Não deve ser reduzido conceitualmente ao tratamento burocrático, impositivo e autoritário da “ordem” como caminho para a superação do problema. Se tal enfoque mostrou-se inadequado ao planejamento das cidades, no seu cotidiano, mais ainda seria em situações efêmeras de apropriação e uso do espaço público com motivação lúdica, a exemplo do Carnaval.

O ordenamento proposto deve ser estruturado a partir da difícil relação entre a dinâmica cotidiana da cidade e aquela, transitória, imposta pela realização do evento. Ou melhor, visualizar o “transitório” de natureza cíclica a exemplo do Carnaval como elemento do cotidiano da cidade.

Para melhor viabilizar as ações nessa área temática, o ordenamento será tratado em três âmbitos distintos: 1) o Carnaval do Centro da cidade; 2) o Carnaval dos bairros e dos espaços temáticos; e 3) outras áreas da cidade e da região atingidas pelo Carnaval.

Entende-se por “Carnaval do Centro da cidade” aquele que acontece na área contínua apropriada pelo evento, que se estende desde a Ondina ao Pelourinho. Nela estão incluídos os dois grandes circuitos (Centro e Barra-Ondina) e suas respectivas áreas envolventes (primeira, segunda e terceira), o Carnaval do Pelourinho e do Garcia, e os trechos de conexão entre tais territórios Ladeira da Barra/Vitória e rua Chile/Praça da Sé.

No limite lateral, ao Norte, essa área contínua envolve os bairros da Ondina, Chame-Chame, Apipema, Centenário, Barra Avenida, Graça, Canela, Barris, Piedade, Nazaré Desterro, Baixa dos Sapateiros, Carmo e Santo Antônio; ao Sul, os bairros da Vitória, Gamboa, Aflitos, Democratas, Sodré, Comércio e Taboão.

A área contínua apropriada pelo Carnaval do Centro da cidade, pela sua magnitude e complexidade, constitui a “cidade efêmera do Carnaval”, que tem existência efetiva durante os sete dias da festa.

Esse processo de ocupação do Centro da cidade é prioritário no enfoque do Carnaval de Salvador de agora, pelo caráter hegemônico que exerce na configuração do evento. O “Carnaval dos bairros” acontece em áreas da cidade desvinculadas da área contínua do Centro. Apresentam uma dinâmica específica, não diretamente vinculada ao Carnaval do Centro. Exercem, portanto, a polarização de determinadas áreas da cidade, constituindo-se em “subcentros” em relação à festa.

Diante do papel polarizador do “Carnaval do Centro da cidade”, é necessário pensar o “Carnaval dos bairros” a partir dessa sincronia inevitável, na dimensão espaço/tempo, incluindo a mídia simultânea criando o espaço/tempo virtual.

Portanto, o olhar sobre o “Carnaval dos bairros” de agora não pode estar contaminado pela visão saudosista que se reporta à época em que o “Carnaval do Centro da cidade” não exercia tamanha polarização sobre o evento. No entanto, ignorar as peculiaridades de cada lugar pode determinar a supressão dos traços de identidade local, contribuição fundamental para manter a diversidade e renovação do evento determinando como produto – imposição de um “Carnaval nos bairros”, em substituição à desejável multiplicidade do “Carnaval dos bairros”.

Constituem-se como referência para essa área de trabalho o Carnaval realizado na Liberdade, Cajazeiras, Periperi, Itapuã, Largo do Papagaio, Garcia e outros que venham a ser enfocados.

Além do Carnaval do Centro e dos bairros, devem-se focar os espaços temáticos, que são eventos específicos que ocorrem durante o Carnaval,

a exemplo do “Espaço do Rock”, na praia de Piatã; o “Espaço Infantil do Passeio Público” e o “Palco do Reggae”, na Praça Cairu, no Comércio.

A estruturação do espaço para tais eventos não está vinculada, necessariamente, à lógica de ocupação dos circuitos e dos bairros, cabendo inovações criativas, adequadas aos propósitos desses territórios diferenciados da festa.

São considerados espaços temáticos aqueles que se estruturam a partir de demandas específicas de grupos, formados a partir de interesses de natureza cultural e artística, distintas o *rock* e o *reggae*, e de possibilidades diferenciadas de participação no Carnaval para a criança e o idoso.

No entanto, é necessário que essa abordagem temática não venha a fortalecer um sentido de separação entre segmentos distintos, favorecendo o surgimento de guetos no espaço da festa.

Entende-se por “Outras áreas da cidade e da região atingidas pelo Carnaval” aquelas que sofrem o impacto da realização do evento, determinando mudanças significativas na dinâmica cotidiana: a intensificação de uso dos terminais de transportes interurbanos, interestaduais e internacionais; a ampliação do fluxo nas rodovias; as modificações no atendimento dos transportes coletivos urbanos; o deslocamento de público no sentido periferia/centro/periferia para participar da festa; as mudanças significativas no desempenho dos serviços públicos (saúde, segurança etc.) e na infraestrutura urbana; as mudanças no funcionamento do comércio, entre outras. Essa situação, aqui designada de “carnavalização da cidade”, representa uma realidade efetiva da cidade do Salvador, não restrita apenas ao período de realização da festa, mas aos dias que a antecedem.

Com essa área temática pretende-se aprofundar o conhecimento quanto ao que representa, de fato, o Carnaval de Salvador para a cidade, e até mesmo para determinadas áreas da região Ilha de Itaparica e áreas de borda dos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari, Mata de São João (Litoral Norte).

Os objetivos específicos dessa área são:

Ampliar as possibilidades de desempenho das áreas da cidade apropriadas pelo Carnaval a partir do ordenamento das condições de apropriação e uso, que considere a dinâmica urbana da cidade cotidiana em interação com aquela imposta pela realização do Carnaval;

Promover o ordenamento da cidade efêmera do Carnaval, visando adequar as demandas específicas de espaço do evento com as condições físico-ambientais da cidade cotidiana;

Assegurar a realização do Carnaval dos bairros, através do enfoque adequado que considere, por um lado, a inevitável relação com o “Carnaval do Centro” e, por outro, as motivações próprias do lugar e de seus moradores, que constituem o patrimônio cultural e artístico de cada território;

Avaliar o impacto do Carnaval na cidade do Salvador e em outros núcleos urbanos, visando assegurar a adoção das medidas adequadas.

EXPANSÃO

Essa área temática enfoca as múltiplas possibilidades de expansão do Carnaval de Salvador. Em especial, dentro do enfoque pretendido para o plano em questão, a expansão refere-se principalmente à possibilidade de apropriação e uso de outras áreas da cidade pelo evento.

O Carnaval de Salvador experimentou a última grande expansão com a incorporação dos bairros da Barra e Ondina na forma de mais um “circuito” do Carnaval do Centro da cidade. Tal medida intensificou o processo de polarização exercido pelo Carnaval do Centro, que se reflete não apenas na ampliação da área apropriada, mas também na intensificação do uso. Ou seja, a simples incorporação de novos territórios não é suficiente para caracterizar a expansão físico-ambiental da festa, mas é necessário também caracterizar o papel reservado a essas novas áreas.

Em períodos anteriores, quando o Carnaval do Centro ainda não estava estruturado na atual configuração de “circuito”, a cidade era mais amplamente ocupada pelo Carnaval. O Carnaval dos bairros, as linhas aleatórias de desfile dos blocos, cordões e batucadas, os bailes nos clubes,

os livres percursos dos trios, determinavam uma ampla apropriação de espaço. Ampla, porém rarefeita e intermitente. A atual configuração de “circuito” impõe ao conceito de “expansão” a expectativa de intensidade de apropriação e uso, quer na dimensão espacial (altas densidades, formas intensas de ocupação), quer na dimensão temporal (vários dias sucessivos, todas as horas do dia).

Portanto, preliminarmente é necessário precisar, com a devida clareza, qual o conceito de “expansão” que será adotado nessa área temática do plano.

Esse aspecto ganha importância na medida em que a expansão imediata da base física do Carnaval de Salvador é apontada como solução emergencial para muitos dos problemas ora enfrentados pelo evento. Ainda que aparentemente diversas, as opiniões a respeito tem como referência básica, e exclusiva, a atual configuração do Carnaval do Centro ao circuito.

Além da expansão física do evento, com a incorporação de novas áreas, demanda-se também a extensão do tempo de realização da festa. Extensão do tempo com a expansão do espaço que possibilite, através da simultaneidade de eventos similares, a ampliação final do tempo da festa. A defesa de mais um “circuito”, diferentemente do que possa parecer, busca a extensão do tempo da festa, tempo do desfile, tempo de exposição de atrações na mídia – em que a expansão do espaço da festa é vista como um meio para atingir tal objetivo.

Acrescente-se, ainda, a extensão do tempo da festa, através da realização de eventos de natureza similar, no período que antecede ou sucede a festa. Tal possibilidade, já havia sido experimentada pelo Carnaval de Salvador desde o início do século XX, com o surgimento da “micarane”, posteriormente designada como “micareta” e realizada em outras cidades. Os antigos “gritos de Carnaval”, a “segunda-feira gorda da Ribeira”, as tentativas de “carnavalização das festas de largo” – a exemplo da “Lavagem da avenida Contorno na Lavagem do Bonfim” – e o atual “Farol Folia” compõem um amplo e diversificado conjunto de iniciativas similares nos seus propósitos.

O conceito de “expansão” do Carnaval de Salvador aplica-se ainda na crescente tendência de “exportar” o evento para outras cidades. Nessa hipótese, trata-se da extensão física da festa para outros lugares, ou melhor dizendo, “não lugares”, situação esta em que a “expansão” imporá a inevitável descontextualização do território e desvinculação da dinâmica urbana da cidade do Salvador.

Finalmente, a “expansão” da festa deve ser conceituada como uma possível “solução” dos atuais problemas, e não como a ampliação desses problemas sobre uma base física maior. Em suma, o entendimento da situação atual, objeto de trabalho da “área temática 1: ordenamento”, trará os insumos necessários à adequada abordagem das múltiplas e diversificadas possibilidades de expansão da festa, nas dimensões física e temporal.

Os objetivos específicos dessa área temática são: contribuir na sistematização e aprofundamento do debate atual quanto à suposta necessidade de expansão emergencial do Carnaval de Salvador, através do aprofundamento da compreensão da questão; indicar as múltiplas possibilidades de expansão do evento, nas dimensões de espaço e tempo; definir os procedimentos metodológicos necessários à prévia avaliação de novas áreas da cidade que possam ser incorporadas como espaços para o evento; subsidiar as iniciativas de extensão do Carnaval através de eventos similares nos períodos que antecedem e sucedem a realização do mesmo.

AMBIENTAÇÃO

Essa área temática trata das questões vinculadas ao processo de planejamento e execução dos inúmeros elementos definidores dos múltiplos ambientes do Carnaval de Salvador.

A formulação do conceito de “ambientação” a ser adotado pelo Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador deve considerar como pressuposto básico a condição desse “megaevento de rua” ser realizado, em sua quase totalidade, nos espaços abertos da cidade. Diferentemente daqueles realizados em lugares concebidos para esse fim (o Sambódromo no Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo), os “megaeventos de

rua” impõe, invariavelmente, a necessária adequação dos lugares da cidade às demandas da festa. Monta-se sobre a “cidade cotidiana”, a “cidade efêmera do Carnaval”. O ambiente da festa será, portanto, a resultante dessa interação entre as “duas cidades”.

A “ambientação” pretendida deve equacionar, de forma criativa, a superposição dessas duas formas da realidade a ser trabalhada. Conhecer em profundidade a “ambientação” oferecida pela cidade, bem como a ambientação pretendida pela festa é um pressuposto fundamental para a caracterização dessa área temática do plano proposto.

O tratamento das dificuldades decorrentes da interação entre essas duas componentes da “ambientação da cidade para festa” deve ser considerado como desafio maior a enfrentado.

Considere-se também que, sendo o Carnaval de Salvador um “megaevento de rua” de natureza cíclica e com previsibilidade das áreas da cidade a serem apropriadas no ano seguinte, a “ambientação” pretendida para a festa deixa marcas indeléveis na “ambientação” do lugar, incorporando-se de forma duradoura em muitos dos lugares apropriados pelo evento.

Oportuno reafirmar que os múltiplos ambientes que configuram a “cidade do Carnaval”, ainda que efêmeros, devem garantir as condições adequadas de desempenho. A “ambientação” pretendida tem inegavelmente um caráter efêmero, que não implica em ser precária ou inadequada. O tratamento projetual de todos os elementos que compõem a ambientação da festa deve considerar esse pressuposto básico.

A adoção do “desenho ambiental urbano”, como referência conceitual para essa área temática do plano, pressupõe o tratamento multidimensional e multissensorial do ambiente natural e construído apropriado pela festa.

Os elementos que compõem a referida ambientação podem ser agrupados a partir da natureza específica que os definem: desenho de vias de circulação; áreas de permanência; estruturas de suporte público, auto-ridades e imprensa; módulos de serviços; módulos de comercialização de bebidas e alimentos; estruturas de bloqueio de áreas e acessos; elementos de proteção de edificações, monumentos e jardins; elementos

de bloqueio de vias sinalização; estruturas suporte de publicidade; sinalização; decoração; veículos adaptados e utensílios diversos.

Inclua-se ainda: iluminação pública especial; fornecimento e armazenamento de água potável; esgotamento sanitário adaptado; coleta de lixo e limpeza das vias públicas. E nos espaços privados: camarotes; áreas para permanência de público; áreas de comercialização de bebidas e comidas; balcões de comercialização de produtos, inclusive bebidas e comidas.

Para melhor viabilizar as ações nessa área temática, a ambientação será tratada em três âmbitos distintos: 1) a ambientação do Carnaval do Centro da cidade; 2) a ambientação do Carnaval dos bairros; 3) a ambientação dos eventos de rua com natureza simular.

O “Carnaval do Centro de cidade”, conceituado na área temática 1, demanda uma ambientação própria, que envolve os dois circuitos com suas respectivas áreas envolventes, o Carnaval do Pelourinho e do Garcia, e os trechos de conexão entre esses territórios. Trata-se de equacionar no todo e nas partes a ambientação da “cidade efêmera do Carnaval”.

O “Carnaval dos bairros” pressupõe o tratamento diferenciado da ambientação para cada lugar e situação. Diferentemente do Carnaval do Centro da cidade, a ambientação está restrita a um tempo parcial de vigência do evento no bairro. Ou seja, não ocorre uma total submissão da “cidade cotidiana” à “cidade do Carnaval” nesses territórios específicos de bairros, que não estão diretamente vinculados ao território apropriado pelo “Carnaval do Centro de cidade”.

Os “eventos de rua com natureza simular”, que ocorrem mais intensamente no período que precede o Carnaval, serão trabalhados por esse Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, ainda que apresentem configurações distintas quanto à apropriação e uso do espaço público. Os pressupostos conceituais e metodológicos, e os procedimentos operacionais das diversas áreas de trabalho do plano em questão são adequados também ao tratamento desses eventos de rua. A natureza e forma diversas pressupõem a abordagem específica desses eventos: festas de largo, *show*/concertos, Farol Folia, entre outros. O Farol Folia deve merecer uma atenção especial, pois vem se constituindo no

embrião do “Carnaval fora de época de Salvador” e apresenta uma configuração muito similar ao Carnaval de Centro da cidade, ainda que em torno de um único circuito, o Barra/Ondina.

Acrescente-se ainda na conceituação de “ambientação” do território apropriado pela festa a dimensão do “espaço virtual”, estruturado a partir da presença crescente da mídia, particularmente da televisão. A interação entre o “espaço real” e o “espaço virtual” do evento é fundamental para o tratamento da “ambientação”.

A ambientação do “espaço virtual do Carnaval de Salvador” trabalhará a relação entre a dimensão física e a virtual na configuração atual do espaço da festa. A crescente tendência do Carnaval de Salvador ser trabalhado mais intensamente pela mídia busca adequá-lo a condição de “espetáculo televisivo”.

Em suma, a dimensão virtual do espaço da festa pode interferir decisivamente na formulação do espaço real, atribuindo, inclusive, valores diversos aos territórios a serem ambientados a partir do critério de “visibilidade” que os mesmos terão através da mídia televisiva.

Os objetivos específicos dessa área temática são: contribuir para a melhoria das condições ambientais do Carnaval de Salvador e outros eventos de rua de natureza similar, a partir do tratamento adequado da questão, pelo Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador; estabelecer as orientações adequadas à elaboração de projetos de desenho ambiental urbano, tridimensional, dos territórios de natureza efêmera, estruturados pela festa nas áreas da cidade do Salvador, apropriadas para esse fim; incentivar o *design* e a produção dos equipamentos, mobiliário e outros componentes do ambiente do Carnaval de Salvador, através da orientação adequada ao processo de elaboração e execução de tais elementos; consolidar a cidade do Salvador como referência nacional para o mercado de produtos direcionados à ocupação temporária dos espaços abertos, para a realização de megaeventos de rua, a exemplo do Carnaval; ampliar o desempenho da infraestrutura de saneamento e redes de abastecimento e comunicações estruturadas

para o Carnaval e outros eventos de rua, a partir da formulação dos projetos específicos concebidos de forma integrada; contribuir para a qualificação da imagem ambiental do Carnaval, através da abordagem projetual que enfatize a dimensão cênica do espaço da cidade apropriado pela festa; subsidiar a estruturação de um novo enfoque do Carnaval de Salvador a ser veiculado pela mídia (televisiva, em especial) e pela internet, com vistas a valorizar, de forma mais ampla, as características culturais e artísticas do evento.

PRODUTOS PROPOSITIVOS

CARTOGRAFIA ESPECÍFICA PARA O CARNAVAL E EVENTOS DE RUA DE SALVADOR

A realização deste serviço tem por objetivo produzir uma base cartográfica das áreas da cidade do Salvador apropriadas pelo Carnaval e outros eventos de rua, que contenha as informações necessárias ao planejamento e realização desses eventos.

Os mapas do Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (SICAR)/ Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia não são satisfatórios para o desenvolvimento dos trabalhos previsto no Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, pois não retratam com a precisão necessária os espaços abertos apropriados pelos eventos de rua. A projeção das edificações impede a visualização de áreas abertas situadas às margens das vias públicas e faltam informações precisas de alguns elementos importantes para a abordagem em questão: mudanças de pisos, locação de árvores e postes, bancas de revistas, abrigos de transporte coletivo, escadas, rampas e caminhos, linhas de drenagem existentes, entre outros.

Atividades

Definição das áreas a serem trabalhadas, incluindo as áreas do Carnaval do Centro da cidade, dos bairros e outros locais de interesse para a realização de eventos de rua de natureza similar. Considerar nesse levantamento as áreas já trabalhadas pela Emtursa e adotar a base cartográfica de Salvador em Mapinfo (base cartográfica digital).

Realizar o trabalho de campo de retificação de dados e informações quanto aos elementos físicos a serem considerados na estruturação dessa base cartográfica específica: forma das vias e das áreas abertas; meio-fio e outros elementos-limites de mudanças de piso; caracterização dos pisos; pontos de acesso das edificações; áreas cobertas locação de árvores, postes, orelhões, grades, bancas e módulos de serviços, bocas de lobo, bueiros, calhas de drenagens, escadas, rampas.

Registrar as informações em plantas das áreas trabalhadas.

Aplicação

No desenvolvimento de estudos, propostas e projetos das três áreas temáticas desse Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, e também nos Planos Operacionais elaborados pelos órgãos públicos que atuam no Carnaval em outros eventos de rua.

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS PLANOS, PROJETOS E PROPOSTAS URBANÍSTICAS PREVISTOS PARA AS ÁREAS DA CIDADE APROPRIADAS PELO CARNAVAL E OUTROS EVENTOS DE RUA

A realização deste estudo tem por objetivo conhecer os planos, projetos e propostas urbanísticas previstas para as áreas da cidade apropriadas pelo Carnaval e outros eventos de rua, com o intuito de avaliar as possíveis modificações que essas intervenções poderão trazer na configuração físico-ambiental desses lugares, e que devam ser consideradas no planejamento da ocupação dessas áreas por tais eventos.

O Planejamento Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador demanda o conhecimento da situação atual e futura da cidade, especialmente das áreas já apropriadas, ou que se pretenda apropriar, para a realização do referido evento. Nesse sentido, é fundamental conhecer e avaliar as mudanças que venham a ocorrer com a realização de obras que possam repercutir na realização do Carnaval e outros eventos de rua. Sendo o Carnaval um evento de rua que polariza a vida da cidade do Salvador com grande intensidade, devem ser consideradas nesses estudos não apenas as intervenções previstas para as áreas diretamente atingidas pela festa, mas todas aquelas que possam trazer mudanças significativas para a vida da cidade e seus cidadãos. As mudanças ocorridas na cidade do Salvador desde muito repercutem diretamente na configuração físico-ambiental do Carnaval: a urbanização do Campo Grande, a abertura da avenida Sete de Setembro e da rua Carlos Gomes; a ampliação da rua da Faísca com a ligação Aflitos/Casa da Itália, a construção do viaduto Mercês/Politeama e, mais recentemente, as obras de reforma do Pelourinho e da Praça da Sé são alguns exemplos. Inclua-se também a construção do Centro Administrativo na Paralela, o deslocamento do comércio varejista da rua Chile para a Barra, a consolidação do setor hoteleiro da Ondina como outras mudanças de grande repercussão na trajetória histórica do Carnaval de Salvador. Outrossim, adotado como pressuposto a manutenção do evento em determinadas áreas da cidade, assim como a incorporação de novas, é desejável que os planos, projetos e propostas também considerem, na sua formulação, a apropriação temporária desses lugares pelo Carnaval e outros eventos de rua. Afinal, o planejamento do Carnaval deve interagir de forma permanente com o planejamento da cidade do Salvador.

Atividades

Proceder ao levantamento junto aos órgãos públicos de todos os planos, projetos e propostas urbanísticas previstas para as áreas da cidade em tela.

Realizar o mapeamento desses planos projetos e propostas, indicando de forma gráfica a localização e área de influência dessas iniciativas,

bem como o cronograma previsto para a elaboração dos projetos e execução das obras.

Proceder à avaliação crítica da repercussão dessas iniciativas na cidade e, em especial, nas áreas diretamente apropriadas pelo “Carnaval do Centro dos bairros” e de outros eventos de natureza similar.

Aplicação

Na elaboração dos produtos de natureza propositiva das três áreas temáticas do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, no processo de planejamento da cidade do Salvador e nos Planos Operacionais para o Carnaval de Salvador, elaborados pelos órgãos públicos envolvidos com a montagem e realização do evento.

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DAS ÁREAS DA CIDADE APROPRIADAS PELO CARNAVAL E OUTROS EVENTOS DE RUA

A realização deste estudo tem por objetivo fornecer a caracterização morfológica das áreas da cidade apropriadas pelo Carnaval, com o intuito de avaliar as possibilidades de desempenho desses lugares, quando submetidos à apropriação temporária pelo referido evento e outros de natureza similar.

O Carnaval de Salvador, em especial o do Centro da cidade, apropria áreas urbanas com distintas configurações morfológicas. Esse fato repercute de forma direta no desempenho diferenciado do evento em cada trecho, acarretando, também, efeitos diversos em cada uma das áreas ocupadas. Esse fato torna-se mais evidente na área apropriada pelo evento no Centro da cidade. Os territórios contíguos, de configuração morfológica distinta, existente nos limites da “cidade efêmera do Carnaval”, são apropriados indistintamente pelo evento, resultando em padrões de desempenho nitidamente diferenciados. A rigor, sob esse enfoque pode-se afirmar que existem “vários carnavais” dentro do Carnaval do Centro, com características próprias determinadas em grande parte pela diversidade morfológica do lugar. Em suma, configurações morfológicas distintas

podem contribuir de forma diferenciada para a estruturação do contexto ambiental da festa em cada território, determinando padrões diversos de satisfação dos propósitos estabelecidos para o evento, no geral e em aspectos específicos de grande relevância, a exemplo das condições de conforto e segurança para os que dela participam. Abordar, com a consistência necessária, a relação da forma urbana com o desempenho do evento será uma grande contribuição desse estudo para o Planejamento Físico-Ambiental do Carnaval e de outros eventos de rua de natureza similar. A caracterização morfológica pretendida com este estudo deve considerar prioritariamente a leitura dos elementos de maior relevância para o Planejamento Físico-Ambiental do Carnaval e de outros eventos de rua. Para tanto, é necessária a adoção de um enfoque metodológico adequado, com os procedimentos específicos adequados.

Atividades

Proceder ao levantamento das características morfológicas das áreas apropriadas pelo “Carnaval do Centro da cidade” e dos bairros, com o objetivo de identificar e distinguir cada trecho, segundo as “tipologias urbanísticas” que apresentam. Para esse estudo serão considerados os elementos morfológicos de maior relevância para a apropriação e uso transitórios desses territórios para eventos de rua: forma das avenidas, ruas e vias de acesso de veículos e sua relação com o sistema viário do entorno e da cidade; forma das áreas abertas de uso público existentes do local; forma e uso das edificações; geomorfologia da área; elementos naturais; vegetação; condições ambientais (ventilação, isolamento) imagem ambiental; identidade cultural e morfológica; elementos simbólicos de identidade da área (naturais e construídos, tangíveis e intangíveis).

Realizar o mapeamento das tipologias urbanísticas identificadas nas áreas abordadas pelo estudo: 1) todo o trecho compreendido nos limites do “Carnaval do Centro da cidade”, segundo limites estabelecidos nesse Termo de Referência; e 2) três bairros de Salvador onde ocorre, ou ocorreu Carnaval, a serem indicados pelo Grupo de Coordenação-Geral de Elaboração do Plano.

Proceder à avaliação das tipologias urbanísticas identificadas, com vistas a destacar: 1) os elementos críticos que se apresentam diante da possibilidade de ocupação transitória pelo Carnaval ou outro evento de natureza similar; 2) a “vocação” de cada tipologia para o exercício de determinados usos dentre os previstos pelo Carnaval; 3) a interação das áreas contíguas que apresentam tipologias distintas, com vista a determinar os “elementos-limites de transição” a serem considerados pelo desenho ambiental urbano dos territórios; e 4) a composição das grandes áreas do Carnaval, a partir do somatório interativo de várias tipologias urbanísticas.

Aplicação

Na elaboração dos produtos de natureza propositiva das três áreas temáticas do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador e nos Planos Operacionais para o Carnaval de Salvador, elaborados pelos órgãos públicos envolvidos com a montagem e a realização do evento.

CARACTERIZAÇÃO DA DINÂMICA URBANA COTIDIANA DAS ÁREAS DA CIDADE APROPRIADAS PELO CARNAVAL

A realização deste estudo tem por objetivo caracterizar a dinâmica urbana cotidiana das áreas da cidade apropriadas pelo Carnaval, com o intuito de subsidiar a definição das condições a serem consideradas na configuração da “dinâmica específica de cada área”, quando ocupada pelo evento.

O Carnaval de Salvador, em especial o do Centro da cidade, impõe às áreas diretamente apropriadas pelo evento uma dinâmica urbana nitidamente diferenciada daquela estabelecida para a área no seu cotidiano.

Em algumas situações, o Carnaval já se incorporou de forma permanente à dinâmica urbana dessas áreas, como ocorrência cíclica e previsível.

A mudança, por vezes radical, das formas de apropriação e uso dos territórios acarretam grandes dificuldades a serem trabalhadas quanto aos conflitos resultantes da “fricção” entre a “cidade cotidiana” e a “cidade efêmera do Carnaval”.

Nas áreas ocupadas pela festa, subvertem-se os usos, acrescentam-se novos usuários e suprimem-se temporariamente outros, impõem-se uma estruturação diferenciada do espaço e do tempo do lugar, moldam-se territórios, demarcam-se as fronteiras/limites entre as duas cidades.

Compreender previamente a dinâmica urbana cotidiana de cada lugar apropriado pelo Carnaval justifica a realização deste estudo, pela contribuição que trará ao Planejamento Físico-Ambiental que se pretende realizar através do plano em questão.

A realização deste estudo demanda a estruturação de procedimentos metodológicos compatíveis com a singularidade do objeto e a especificidade do propósito estabelecido.

Atividades

Considerar para a realização desse estudo: 1) as áreas apropriadas pelo Carnaval do Centro da cidade, segundo limites estabelecidos nesse Termo de Referência; e 2) três bairros de Salvador onde ocorre, ou ocorreu Carnaval, a serem indicados pelo Grupo de Coordenação-Geral de Elaboração do Plano. Caracterizar preliminarmente cada trecho que compõem as áreas supracitadas, a partir da dinâmica cotidiana específica, que o identifica e distingue dos demais.

Caracterizar a dinâmica cotidiana de cada área a partir da identificação do conjunto de atividades que caracterizam, prioritariamente, a apropriação e uso dos espaços abertos de uso público do lugar, nos diversos momentos do dia, da semana e de outros ciclos de uso mais amplos (verão, eventos locais, datas cívicas etc). Estabelecer a relação entre essas formas de apropriação e uso desses espaços abertos de uso público com as edificações e espaços de uso restrito existentes na área. Detectar os pontos críticos entre essas duas dimensões da dinâmica cotidiana da área.

Proceder ao mapeamento das áreas, identificando e caracterizando as dinâmicas específicas de cada trecho nos diversos períodos que compõem o ciclo de apropriação e uso da área.

Realizar a avaliação das dinâmicas cotidianas; identificadas, com vistas a destacar: 1) os elementos críticos que apresentam diante da possibilidade

de ocupação transitória pelo Carnaval ou outro evento de natureza similar; 2) a “vocalização” de cada trecho, a partir da dinâmica cotidiana existente, para o exercício de determinados usos dentre os previstos pelo Carnaval; 3) a interação de dinâmica cotidiana distinta em áreas contíguas, com vista a determinar os elementos-limites de transição a serem considerados no desenho ambiental urbano dos territórios; e 4) a composição das áreas do Carnaval a partir do somatório interativo de várias dinâmicas cotidianas.

Aplicação

Na elaboração dos produtos de natureza propositiva das três áreas temáticas do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador e nos Planos Operacionais para o Carnaval de Salvador, elaborados pelos órgãos públicos envolvidos com a montagem e a realização do evento.

PROPOSTA DE REDE INTEGRADA DE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E VEÍCULOS NA ÁREA DO CARNAVAL DO CENTRO DA CIDADE

Conceituar, definir e implantar uma rede integrada de circulação de pessoas e veículos, nos limites da “cidade efêmera do Carnaval”, que equacione a multiplicidade e a diversidade de fluxos que ocorrem, simultaneamente, durante o período da festa.

O adequado equacionamento dos fluxos de circulação na “cidade efêmera do Carnaval” é de fundamental importância para garantir as condições de segurança e conforto de todos os que vivenciam essa área da cidade durante o período da festa: os que participam da festa, os que trabalham na manutenção dos serviços e da infraestrutura e os que residem na área em questão. A “mobilidade” está presente em todos os momentos e lugares da festa. O fluxo do desfile/cortejo de cada circuito, os inúmeros fluxos de circulação dentro das “áreas de primeira, segunda e terceira envoltentes” e, entre essas áreas, os deslocamentos entre os circuitos, os fluxos de chegada e saída da festa, o acesso aos terminais de transportes e caminhos são algumas das situações a serem equacionadas pela

proposta. A diversidade de fluxos é determinada não apenas pelas condições específicas de cada território da “cidade efêmera do Carnaval”, como também pelas condições específicas de cada período de tempo do “dia padrão” do Carnaval do Centro. Essa proposta deve equacionar também as condições de acessibilidade e fluxos de circulação de veículos: trios elétricos, carros de apoio, viaturas policiais, ambulâncias, veículos operacionais, imprensa, comercialização de produtos e prestação de serviços, veículos dos moradores da área, entre outros. A complexidade das questões vinculadas à circulação de pessoas e veículos na área do Carnaval do Centro justifica o enfoque específico objeto dessa proposta.

Atividades

Proceder, de forma preliminar, à identificação tipológica de todos os fluxos de circulação de pessoas e veículos existentes na área do “Carnaval do Centro da cidade” com suas respectivas caracterizações: natureza, componentes, propósitos, expectativas e comportamento, período de ocorrência, vias preferenciais, interação com o lugar, interação com outros fluxos de circulação, fatores de risco, a partir dos registros existentes do Carnaval de Salvador dos últimos três anos.

Fazer um mapeamento preliminar dos fluxos identificados e caracterizados nos quatro períodos do “dia padrão” do Carnaval do Centro, localizando os pontos críticos e as situações de risco. Utilizar os registros existentes e as plantas gerais de ocupação do Carnaval dos últimos três anos.

Elaborar a “versão preliminar” da proposta de rede integrada de circulação de pessoas e veículos na área do “Carnaval do Centro da cidade”, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final da proposta, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Na formulação dos outros produtos do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador: proposta de ordenamento e uso do solo na cidade efêmera do Carnaval, projeto de ambientação das vias de circulação e espaços de permanência, projeto de ambientação cênica do Carnaval que requeiram, como pré-requisito, a definição previa dos fluxos de circulação de veículos e pessoas na área do Carnaval do Centro da cidade.

Para subsidiar os Planos Operacionais do Carnaval – policiamento, contingências, vigilância sanitária, entre outros –, que devem equacionar suas propostas específicas, considerando as necessidades básicas de circulação de pessoas e veículos abordada pela proposta em questão.

PROPOSTA DE ORDENAMENTO E USO DO SOLO NA ÁREA DO CARNAVAL DO CENTRO DA CIDADE

Conceituar, definir e propor o ordenamento das atividades e usos, demandados pela “cidade efêmera do Carnaval”, promovendo a adequada distribuição e interação entre tais atividades – de natureza transitória – com aquelas – de natureza efetiva – que caracterizam a dinâmica cotidiana dessa área da cidade.

O “Carnaval do Centro da cidade” ocupa uma grande área contínua, durante os sete dias da festa, atingindo uma significativa população fixa e transitória. Esse processo de ocupação impõe, inevitavelmente, a subversão do ordenamento e usos existente e a imposição de novas atividades, não apenas nas áreas livres de uso público, como também nas edificações e áreas privadas de uso restrito. Constitui-se um grande desafio planejar uma “ocupação de natureza efêmera” que seja compatível e ajustada com o desenho da área apropriada, definido pelos usos de natureza efetiva. O “modelo conceitual” de ordenamento e uso do Carnaval do Centro, partindo da “linha do eixo do desfile” e das “áreas de primeira,

segunda e terceira envolventes”, estabelece as diretrizes básicas para o tratamento dessa questão. No entanto, é importante lembrar que a “cidade efêmera do Carnaval” contém também o Pelourinho, o Garcia e os trechos de ligação entre os dois circuitos. A proposta de rede integrada de circulação de pessoas e veículos na área do Carnaval do Centro, que se constitui em um dos produtos desse plano, deve ser considerada, também, como subsídio básico para a realização desse trabalho. Portanto, o ordenamento e uso do solo na “cidade efêmera do Carnaval” é de fundamental importância para garantir o pleno desempenho dos propósitos do evento, dentro das condições adequadas de conforto e segurança para todos os que participam e trabalham no Carnaval e também os que residem na área.

Atividades

Proceder, de forma preliminar, a identificação dos usos demandados em toda área apropriada pelo “Carnaval do Centro da cidade”, a partir dos registros existentes do Carnaval de Salvador dos últimos três anos. Caracterizar: natureza da ocupação, território preferencial, período de realização, impacto ambiental, relação com outros usos, relação com o lugar, interação com os fluxos de circulação, fatores de risco. Adotar os modelos conceituais do “circuito e suas áreas envolventes” e das “quatro etapas do dia padrão do Carnaval do Centro” como referência para a estruturação do trabalho.

Fazer um mapeamento preliminar dos usos identificados e caracterizados nos quatro períodos do “dia padrão” do “Carnaval do Centro da cidade”, localizando os pontos críticos e as situações de risco. Utilizar os registros existentes e as plantas gerais de ocupação do Carnaval dos últimos três anos.

Elaborar a “versão preliminar” da proposta de ordenamento e uso do solo na área do Carnaval do Centro da cidade, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final da proposta, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Na formulação de todos os produtos do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador que abordem o “Carnaval do Centro da cidade” sob os mais diversos enfoques de natureza positiva. Também será de fundamental importância como subsídio para a estruturação dos Planos Operacionais do Carnaval de policiamento, contingência, defesa civil, vigilância sanitária, entre outros que devem subordinar o enfoque específico do tratamento do espaço da festa às diretrizes gerais que serão fornecidas por essa proposta de ordenamento e uso do solo na cidade efêmera do Carnaval.

PROPOSTA DE ORDENAMENTO E USO DO SOLO NAS ÁREAS DO CARNAVAL DOS BAIRROS

Conceituar, definir e propor o ordenamento das atividades e usos, demandados pelo Carnaval realizado em alguns bairros de Salvador, promovendo a adequada distribuição e interação entre tais atividades com aquelas que estão vinculadas à dinâmica cotidiana de cada uma dessas áreas da cidade.

O Carnaval realizado em alguns bairros de Salvador, ainda que não detenha, no momento, uma importância significativa na configuração geral da festa, deve merecer igual atenção desse Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador.

A proposta de ordenamento e uso do solo para o Carnaval dos bairros deve considerar as características próprias e como o evento se “especializa” em cada um desses territórios, o que não justifica, portanto, a adoção de um padrão uniforme para todas as situações a serem trabalhadas. No entanto, a definição de diretrizes básicas e o tratamento das demandas comuns a todos os eventos similares pode contribuir para o tratamento da questão.

Essa proposta de trabalho não deve focar apenas o Carnaval que ocorre no momento. Deve incluir também outros territórios que apresentem as condições necessárias para realizar eventos nessa natureza, seja pelas tradições locais, seja pelas condições especiais vinculadas a dinâmica cotidiana de cada área.

De modo amplo, essa proposta pode contribuir também para a Estruturação Físico-Ambiental dos eventos, a exemplo das festas de largo e dos espaços temáticos (o “Espaço do Rock”, na praia de Piatã, o “Espaço Infantil do Passeio Público” e o “Palco do Reggae”, na Praça Cairu), que demandam um ordenamento e uso do solo similar ao Carnaval dos bairros.

Atividades

Definir dois espaços temáticos e três bairros de Salvador, dentre aqueles onde ocorre ou ocorreu o Carnaval, que deverão ser adotados como referência para a realização dessa proposta. A escolha desses locais, a ser feita juntamente com o Grupo de Coordenação-Geral de Elaboração do Plano, deve considerar a diversidade de situação quanto: à vocação histórica dos lugares como territórios de eventos de rua; à dinâmica cotidiana atual; à forma de apropriação dos lugares pelo evento; e à relação destes com o “Carnaval do Centro da cidade”.

Proceder, de forma preliminar, o levantamento da situação de cada lugar escolhido, com vistas a caracterizar três “situações-tipo” do Carnaval dos bairros em Salvador.

Elaborar a “versão preliminar” da “Proposta de ordenamento e uso do solo nas áreas do Carnaval dos bairros”, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias, além do monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final da proposta, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Na formulação de outros produtos do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, que abordem o Carnaval dos bairros e os eventos de rua de natureza similar, a exemplo das festas de largo e dos espaços temáticos. Também será de fundamental importância para subsidiar os Planos Operacionais do Carnaval de Salvador, que não se restrinjam ao enfoque do “Carnaval do Centro da cidade”. Será aplicado também no Planejamento Físico-Ambiental dos eventos de rua de natureza similar que se pretenda realizar, não apenas no período do Carnaval.

PLANO OPERACIONAL DE CIRCULAÇÃO E TRANSPORTE DURANTE O PERÍODO DO CARNAVAL

Conceituar, definir e propor um Plano Operacional que garanta a circulação e o transporte durante o período do Carnaval, dentro de um padrão de eficiência adequado às condições de segurança e conforto que essa situação transitória requer.

Entre os impactos mais significativos que a realização do Carnaval impõe à cidade do Salvador, destacamos as mudanças temporárias nas condições cotidianas de circulação e transporte. O efeito polarizador do Carnaval do Centro e a realização do Carnaval dos bairros determina novas demandas de circulação e transporte, em horários distintos aos convencionais. Somam-se ainda a intensificação dos fluxos de deslocamento para os terminais de transporte, nas diversas modalidades, e o

acesso às rodovias. A circulação e o transporte no período do Carnaval determinam também mudanças quanto aos meios adotados pela população durante esse período. O transporte coletivo, o táxi e os transportes alternativos; o transporte individual e o deslocamento a pé compõem um leque de possibilidades organizadas de forma diferenciada pelo evento. A natureza lúdica do Carnaval determina também uma motivação diferenciada naqueles que se deslocam em função da festa, ampliando os limites de tolerância para as variáveis distância e tempo. Acrescente-se também a abordagem dos fluxos de circulação e transporte determinados pela manutenção dos serviços e da infraestrutura urbana durante esse período. Deslocamento de trio elétricos e carros de apoio, das garagens e oficinas até os pontos de vistorias e áreas de desfile, viaturas policiais, carros-pipas da limpeza pública, fornecimento de gelo, bebidas e alimentos são exemplos de alguns dos elementos a serem considerados. Através desse Plano Operacional de Circulação e Transporte, abre-se a perspectiva de abordar de forma mais ampla o processo de “carnavalização da cidade”, não apenas no período de realização da festa. O impacto do evento sobre a cidade já não está contido nos limites das áreas diretamente ocupadas, mas interfere de forma significativa em muitos setores que caracterizam a vida da cidade e de seus cidadãos.

Atividades

Proceder ao levantamento de estudos, propostas e planos já realizados, executados ou não, que abordem a questão, bem como os Relatórios Técnicos elaborados pelos órgãos públicos que atuam na área. Elaborar uma síntese do material estudado.

Proceder, de forma preliminar, ao levantamento e caracterização dos fluxos de circulação e transportes que são adaptados em função do Carnaval. Enfocar o deslocamento de pessoas em transporte coletivo, táxi, transporte alternativo, transporte particular e a pé. Definir os pontos de origem e destino mais significativos durante o período da festa (centro, bairros, terminais, orla). Utilizar os registros disponíveis do Carnaval de Salvador nos últimos três anos.

Fazer um mapeamento preliminar dos referidos fluxos nos quatro períodos do “dia padrão” do Carnaval do Centro e nos dois dias que antecedem e sucedem a realização do evento. Utilizar os registros existentes do Carnaval de Salvador nos últimos três anos.

Elaborar a “versão preliminar” do Plano Operacional de Circulação e Transporte durante o período do Carnaval, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final da proposta, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Na formulação de produtos do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador que abordem, direta ou indiretamente, questões vinculadas à circulação e ao transporte durante o período da festa. A definição, direcionamento e quantificação das linhas de transporte coletivo, a localização dos terminais provisórios, a localização dos pontos de táxi, a localização e dimensionamento dos estacionamentos de veículos, a identificação e tratamentos dos principais caminhos de acesso à festa são algumas das aplicações previstas. Deve subsidiar, portanto, a estruturação de outros Planos Operacionais do Carnaval, vinculados à questão, a exemplo de transporte, policiamento e defesa civil. A abordagem ampla da cidade, não apenas nos limites dos trechos ocupados pela festa, permitirá também que a realização desse Plano Operacional possa contribuir, ainda que de forma inicial, com o planejamento urbana da cidade do Salvador em situações de ocupação por megaeventos de rua, a exemplo do Carnaval.

PLANO DE EXPANSÃO DO CARNAVAL DE SALVADOR

Este plano tem por objetivo definir as diretrizes gerais para a expansão do Carnaval de Salvador, devendo também fornecer os parâmetros necessários ao desenvolvimento de projetos que venham a ser indicados.

O Plano de Expansão aqui proposto impõe-se como um produto do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, diante da necessidade preliminar de sistematizar e aprofundar o tratamento conceitual dessa “área temática”, condição indispensável para que sejam formuladas as propostas e projetos de natureza específica. A adoção imediata de alternativas de expansão, sem a necessária consistência de razões de ordem conceitual e técnica, pode determinar consequências indesejáveis para o evento e para a cidade. O plano de expansão deve indicar quais os estudos imediatos a serem realizados, dentro de procedimentos metodológicos específicos, construídos a partir dos subsídios fornecidos pelas outras duas áreas temáticas do Plano de Estruturação Físico-Ambiental: ordenamento e ambientação. Nesse sentido, a avaliação crítica do desempenho das atuais áreas do Carnaval do Centro da cidade e dos bairros, e também dos eventos similares realizados em outros períodos e em outras cidades, é de fundamental importância para definir diretrizes de expansão do Carnaval de Salvador. Em suma, a urgência demandada para o tratamento dessa questão justifica a realização desse plano de expansão.

Atividades

Proceder ao levantamento e o registro preciso das principais propostas de ampliação do Carnaval de Salvador, determinando claramente os interesses, as motivações, as expectativas e as indicações operacionais dos setores que as formulam.

Proceder à caracterização conceitual e às condições específicas de viabilidade das seguintes possibilidades de expansão do Carnaval de Salvador: 1) incorporando novas áreas, contíguas àquelas já apropriadas pelo “Carnaval do Centro da cidade”; 2) estabelecendo outro “núcleo polarizador”

para o Carnaval, em área distante daquela já apropriada pelo evento, com o intuito de dividir o papel polarizador ora exercido pelo Carnaval do Centro; 3) estabelecendo um modelo “policêntrico” para o evento, com a distribuição da festa por vários lugares da cidade, com importância equivalente; 4) reformulando o “circuito” – forma hegemônica de apropriação e uso do espaço da cidade pelo Carnaval – com vista a estabelecer uma nova relação espaço *versus* tempo para a festa; e 5) enfatizando a realização de eventos similares ao Carnaval em outros períodos do ano.

Realizar a avaliação crítica das possibilidades de expansão com vista a configurar possibilidades efetivas de expansão que venham a conjugar, interativamente, tais possibilidades.

Elaborar a “versão preliminar” do “Plano de expansão do Carnaval de Salvador”, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final da proposta, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Na indicação de propostas e projetos específicos que possam viabilizar as diversas formas de expansão do Carnaval de Salvador, através de múltiplas possibilidades de tratamento do problema: o acréscimo de outras áreas, a revisão geral da base físico-ambiental do Carnaval de Salvador, o melhor ordenamento da festa, o melhor tratamento dos eventos similares, entre outras.

PROJETO DE DESENHO AMBIENTAL URBANO DOS TERRITÓRIOS DO CARNAVAL DE SALVADOR

Conceituar e definir os procedimentos metodológicos, as diretrizes operacionais e a abordagem técnico-constructiva adequados à elaboração dos projetos de desenho ambiental urbano dos territórios, de natureza efêmera, demandados pelo Carnaval de Salvador.

O Carnaval de Salvador, em especial o do Centro da cidade, diante da complexa configuração físico-ambiental que apresenta no momento, demanda um processo de ordenamento e uso do solo estruturado a partir da definição de inúmeros territórios, distintos quanto à natureza, intenção, forma e funcionalidade. O “modelo conceitual do Circuito e de suas áreas envolventes” possibilita aprofundar a compreensão das atribuições de cada lugar da festa e sua relação com a base físico-ambiental apropriada à cidade. Cada “território-tipo” concebido conceitualmente por esse modelo deve subsidiar a abordagem específica do projeto de cada lugar distinto da festa, considerando, para tanto, a diversidade dos aspectos das áreas apropriadas pelo Carnaval. Exemplificando: os projetos dos inúmeros lugares de permanência/participação do “folião pipoca” na primeira envolvente do circuito serão desenvolvidos a partir do modelo conceitual do “território-tipo” e sua adequação às características específicas dessa área da cidade. Esse projeto justifica-se pela necessidade de garantir a adequada estruturação de todos os territórios demandados pelo evento, mantendo a unidade nos propósitos e a diversidade das soluções adequadas a cada lugar projetado. A formulação dos projetos de desenho ambiental urbano de caráter efêmero pressupõe a adoção de conceitos, diretrizes, procedimentos e soluções técnico-constructivas distintas daquelas utilizadas para as intervenções de caráter duradouro. No entanto, ainda que transitórias, essas intervenções projetuais devem garantir o pleno desempenho dos territórios trabalhados, durante todo o período de vigência da ocupação prevista, preservando também a integridade da base física da cidade apropriada nessa ocupação.

Atividades

Proceder, de forma preliminar, a identificação dos “territórios-tipo”, de natureza temporária, que são implantados pelo Carnaval, com suas respectivas caracterizações: natureza do uso; usuários básicos; ciclo de funcionamento durante o evento; relação com a morfologia e dinâmica cotidiana do lugar; impacto ambiental; delação com outros territórios da festa, com o entorno e com os fluxos de circulação; imagem ambiental mais adequada; fatores de risco. Utilizar os registros existentes do Carnaval de Salvador dos últimos três anos.

Fazer um mapeamento preliminar dos “territórios-tipo” a partir de uma abordagem tridimensional de cada lugar enfocado, utilizando os registros do Carnaval de Salvador nos últimos três anos, nas áreas apropriadas pelo Carnaval do Centro da cidade e dos bairros.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto de desenho ambiental urbano dos territórios do Carnaval de Salvador”, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final do projeto, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

No desenvolvimento de projetos de desenho ambiental urbano dos diversos territórios que compõem o Carnaval de Salvador, abrangendo o “Carnaval do Centro” e o “Carnaval dos bairros”. Aplica-se também no desenho dos territórios de outros eventos de rua que acontecem não apenas no período do Carnaval, a exemplo das festas de largo, Farol Folia, entre outros. As diretrizes e procedimentos indicados devem contemplar

as inúmeras possibilidades de elaboração dos projetos em questão, seja por equipe técnica dos órgãos públicos, seja através de contratação ou convênio.

PROJETO DE *DESIGN* DOS EQUIPAMENTOS, MOBILIÁRIO E COMPONENTES DO AMBIENTE DO CARNAVAL DE SALVADOR

Conceituar e definir os procedimentos metodológicos, as diretrizes operacionais e a abordagem técnico-construtiva adequados ao desenho e à produção de estruturas, módulos de comércio e serviços, elementos de proteção temporária de áreas e edificações, veículos adaptados, utensílios, lonas/tecidos e outros componentes vinculados ao Carnaval de Salvador.

O processo de crescimento do Carnaval de Salvador, associado ao tratamento desse evento sob o enfoque do mercado do turismo e do entretenimento, tem demandado a inclusão de novos elementos ao mobiliário da festa. O apelo do mercado quanto à necessidade de agregar qualidade aos produtos da festa tem motivado a “profissionalização” na abordagem desses problemas, impondo, por um lado, a substituição das soluções de natureza informal e, por outro, a importação e adaptação de outras alternativas nem sempre adequadas. Constitui-se em grande desafio agregar qualidade aos inúmeros componentes do mobiliário do Carnaval, considerando os elementos tradicionais das festas de rua de Salvador, responsáveis também pela preservação da identidade cultural da cidade, expressa nos múltiplos lugares e coisas dessas festas. Incentivados pelas instâncias de gestão do evento, nas áreas pública e privada, os profissionais do *design* podem encontrar soluções que, de forma criativa, respondam às múltiplas demandas do Carnaval. Cabe a esse projeto do plano definir os parâmetros técnicos necessários à concretização de tal esforço. A cidade do Salvador, na medida em que incorpora crescentemente a realização de eventos de rua ao seu cotidiano, deve ser o cenário adequado na busca de novas soluções para o tratamento dos elementos utilizados na apropriação temporária das áreas abertas de uso público da cidade. Com tal

iniciativa, o Carnaval de Salvador poderá se consolidar também como referência nacional, ou até mesmo internacional, para o *design* múltiplo e diversificado dos componentes e produtos vinculados à realização de “megaeventos de rua”.

Atividades

Proceder ao levantamento de estudos, propostas e projetos, das estruturas (arquibancadas, camarotes, pórticos etc.), módulos de comércio e serviços, elementos de proteção temporária de área e edificações, veículos adaptados, utensílios e tecidos, através do registro das soluções existentes, executadas ou não.

Realizar a avaliação crítica de tais elementos, com a participação dos técnicos envolvidos com as propostas e gestores dessa área de trabalho, considerando os seguintes indicadores de qualidade: desempenho funcional, viabilidade construtiva (transporte, montagem e desmontagem), interação com a base física (adequação, redução de danos); impacto ambiental, contribuição à imagem do lugar; viabilidade de custo, fatores de risco.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto de design dos equipamentos, mobiliário e componentes do ambiente do Carnaval de Salvador”, para ser apresentada e discutida no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final do projeto, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

No desenvolvimento de projetos específicos de estruturas, módulos de comércio e serviços, elementos de proteção temporária de áreas e edificações, utensílios, tecidos e objetos vinculados ao Carnaval de Salvador.

Aplica-se, de forma ampla, na busca de soluções para outros eventos de rua que acontecem não apenas no período do Carnaval, a exemplo das festas de largo, Farol Folia, entre outros. As diretrizes e procedimentos indicados devem contemplar as inúmeras possibilidades de elaboração de projetos, seja por técnicos dos órgãos públicos, seja através da contratação de profissionais. Para os projetos desenvolvidos exclusivamente pela iniciativa privada, a exemplo dos veículos adaptados (trios elétricos e carros de apoio), camarotes em áreas privadas, entre outros, cabe ao projeto definir os parâmetros conceituais e técnico e construtivos adequados.

PROJETO INTEGRADO DE INFRAESTRUTURA DE SANEAMENTO E REDES DE ABASTECIMENTO E COMUNICAÇÕES

Conceituar e definir os procedimentos metodológicos, as diretrizes operacionais e a abordagem técnico-construtiva adequados à elaboração dos projetos de infraestrutura de saneamento e redes de abastecimento e comunicações.

A realização do Carnaval de Salvador, especialmente o do Centro da cidade, impõe a montagem de infraestrutura de saneamento e redes de abastecimento e comunicações específicas. A “cidade efêmera do Carnaval” reúne um conjunto de características singulares de grande relevância para o equacionamento dessa questão: altas densidades durante grandes intervalos de tempo; grande consumo de alimentos e bebidas; elevada produção de lixo e dejetos orgânicos; elevado consumo de energia elétrica e água; intensa atividade comercial; demandas de utilização de rede especializada de comunicação; elevado risco de acidentes e danos materiais e físicos, entre outros. Durante o período da festa, as áreas da cidade diretamente apropriadas apresentam níveis de demanda de infraestrutura de saneamento e serviços muito acima dos padrões urbanísticos adotados no cotidiano. Essa situação configura-se como excepcional, acarretando invariavelmente grandes investimentos dos órgãos do poder público responsáveis pela oferta de tais serviços. O caráter transitório do evento acrescenta a esse quadro outros desafios, quanto à necessidade

de criar procedimentos diferenciados para a montagem dessa infraestrutura, visando à integração com as redes preexistentes. Os custos com essas obras e serviços de infraestrutura urbana, a serem propostos, justificam-se pela expectativa de resolução dos problemas em longo prazo, o suficiente para justificar tais investimentos. No momento em que se pretende atender às necessidades de curto prazo, a exemplo do Carnaval, é necessário desenvolver novos referenciais de natureza conceitual e técnico-construtivo que possibilitem a realização de tais intervenções dentro de limites de custo compatíveis com a realidade. Tratando-se de infraestrutura urbana e rede de abastecimento e comunicações, resulta mais oneroso ainda a construção do que será desmontado após funcionar durante um pequeno período de tempo. No entanto, a apropriação cíclica das mesmas áreas da cidade pelo Carnaval e outros eventos de rua pode justificar a adequação da infraestrutura permanente para atender também nesses momentos de maior demanda.

Atividades

Proceder ao levantamento de estudos, propostas e projetos existentes, executados ou não no Carnaval de Salvador dos três últimos anos, em especial os Planos Operacionais de natureza setorial elaborados pelos órgãos e empresas prestadoras de serviços.

Realizar a avaliação crítica de tais elementos, com a participação dos técnicos envolvidos com a elaboração e execução das propostas e gestores dos órgãos públicos e empresas vinculados a esses setores, com vistas a avaliar o desempenho de cada projeto/piano específico e a interação entre eles e com a cidade.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto integrado de infraestrutura de saneamento e redes de abastecimento e comunicações”, para ser apresentado e discutido no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final do projeto, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

No desenvolvimento dos projetos específicos de infraestrutura de saneamento e rede de abastecimento e de comunicações realizados em função do Carnaval e de outros megaeventos de rua. Como subsídio e complemento aos projetos de desenho ambiental urbano dos territórios do Carnaval de Salvador e também aos projetos de *design* de equipamentos, mobiliário urbano e componentes do Carnaval. As diretrizes e procedimentos indicados nesse projeto devem orientar a realização de obras e serviços, executados por órgãos públicos ou através de contratação de empresas especializadas.

PROJETO INTEGRADO DE AMBIENTAÇÃO CÊNICA DO CARNAVAL DE SALVADOR

Conceituar e definir os procedimentos metodológicos, as diretrizes operacionais e a abordagem técnico-constructiva dos projetos específicos vinculados à ambientação cênica do espaço do Carnaval de Salvador que considere como pressuposto básico a interação entre a paisagem natural e construída da cidade com os elementos da festa (estruturas, módulos, elementos de proteção de áreas e edificações, veículos adaptados, sinalização e publicidade).

O espaço do Carnaval de Salvador é um espaço da cidade e não apenas um espaço na cidade, como ocorre em outros eventos similares. Ou seja, a festa guarda uma profunda relação com o lugar que a acolhe. O Carnaval de Salvador desenvolve-se em áreas ricas de beleza (natural e construída) e de grande significação histórica e cultural. Nada mais próprio, portanto, que vincular a imagem da festa à imagem da cidade. Sendo o Carnaval

o evento de maior significação turística da cidade, o momento de maior fluxo de visitantes, é necessário também entender a ambientação cênica como uma forma de valorização da cidade através da festa. O projeto aqui proposto estrutura-se a partir de um novo enfoque conceitual e metodológico, tratando a dimensão cênica e espetacular do ambiente como resultado/síntese da interação física e simbólica da cidade com o Carnaval. Os elementos construídos para o Carnaval (estruturas, módulos, proteção de áreas e edificações, entre outros) interferem de forma significativa na formulação da imagem ambiental da festa. O mesmo ocorre com a presença marcante dos veículos adaptados, os trios elétricos e os carros de apoio. Devem ser tratados, portanto, como elementos que integram a ambientação cênica do Carnaval. A viabilidade desse projeto pressupõe a qualificação do ambiente como mais um produto do Carnaval de Salvador. Agrega aos conceitos de conforto, segurança e desempenho a possibilidade de tratar a imagem ambiental como mais um produto que possa ser estruturado como elemento de identidade cultural e artística da cidade e da festa.

Atividades

Proceder ao levantamento dos estudos, propostas e projetos de decoração, sinalização, *merchandising*, elaborados em função do Carnaval de Salvador dos últimos três anos.

Realizar a avaliação crítica de tais elementos, com a participação dos técnicos envolvidos com a elaboração e execução dessas propostas e gestores dos órgãos públicos e empresas vinculadas a tais atividades, determinando o desempenho específico de cada elemento e do conjunto dessas iniciativas, responsáveis pela configuração do ambiente cênico do Carnaval de Salvador.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto integrado de ambientação cênica do Carnaval de Salvador”, para ser apresentado e discutido no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final do projeto, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

No desenvolvimento dos projetos específicos de composição do cenário da festa, a exemplo da ornamentação lúdica, da sinalização e da publicidade. Para subsidiar o projeto de patrocínio do evento, através da formulação de uma nova abordagem conceitual para a questão, que apresente outras opções quanto à natureza das peças de *merchandising* a serem oferecidas. O projeto em questão tem como um dos pressupostos básicos a possibilidade de ser realizado através do patrocínio integral das empresas que queiram associar sua marca ao ambiente da festa. Para subsidiar os projetos de desenho urbano ambiental e de *design* do mobiliário e componentes do Carnaval de Salvador.

PROJETO DE AMBIENTAÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL DO CARNAVAL DE SALVADOR

Conceituar e definir procedimentos metodológicos e as diretrizes operacionais com vistas a subsidiar a execução de planos e projetos específicos de empresas públicas e privadas, que pretendam veicular o Carnaval de Salvador através da mídia (televisiva, em especial) e do espaço virtual.

O propósito de consolidar o Carnaval de Salvador como evento de grande importância turística, associado à necessidade de divulgar produtos bandas, cantores, atrações, blocos através da festa, tem motivado a busca de uma maior cobertura da mídia, em especial a televisão, bem como a divulgação do evento através da internet. Nos últimos carnavais,

verifica-se uma crescente ampliação do tempo de abordagem televisiva do evento. No entanto, o enfoque permanece restrito a um limitado “repertório” de imagens e situações, que não apresentam a amplitude, diversidade e pluralidade do evento. Persiste a tendência em abordar o Carnaval de Salvador como “espetáculo”, a exemplo do Carnaval do Rio de Janeiro. No entanto, o “Carnaval participação” de Salvador requer outro enfoque, que enfatize a multiplicidade de situações, de territórios, de protagonistas, compatíveis com o caráter lúdico, irreverente, imprevisível da festa. O “espaço virtual da festa” interfere também na estruturação do “espaço físico”, pois confere a este o valor resultante da possibilidade de maior ou menor visibilidade pela mídia, direcionando a distribuição dos investimentos para a qualificação específica dos territórios da festa. A crescente relação entre o “espaço físico” e o “espaço virtual” da festa impõe que os projetos direcionados a ambientação contemplem essas duas dimensões, que pretende-se que estejam incorporadas em todos os ambientes significativos do Carnaval de Salvador. A “agenda” da festa não pode se restringir à cobertura do desfile, das atrações e das “celebridades”. Outras possibilidades devem ser apresentadas por esse projeto, que motivem os órgãos de imprensa a investirem na construção de uma nova estratégia de cobertura do Carnaval de Salvador.

Atividades

Proceder ao levantamento: 1) dos relatórios e avaliações técnicas quanto à cobertura de mídia do Carnaval de Salvador dos últimos três anos, em especial a televisiva, bem como da veiculação do evento pela internet; 2) da opinião de técnicos e pessoal qualificado do setor; e 3) das peças gráficas de promoção do evento folhetos, mapas, cartazes e *outdoor*.

Elaborar um documento preliminar de avaliação crítica e definição de diretrizes, visando a adoção de novos pressupostos para a veiculação do Carnaval de Salvador e submeter à apreciação dos técnicos, gestores de órgãos, dirigentes de entidades e empresários vinculados à realização e divulgação do Carnaval.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto de ambientação do espaço virtual do Carnaval de Salvador”, para ser apresentado e discutido no I Seminário Técnico.

Definir as diretrizes técnicas e os procedimentos operacionais para a elaboração e execução das “propostas experimentais” a serem implantadas no Carnaval de 2001.

Elaborar uma proposta de trabalho de campo para o Carnaval de 2001, visando realizar os estudos e pesquisas necessárias e o monitoramento de desempenho de “propostas experimentais” específicas.

Elaborar a versão final do projeto, a partir dos subsídios incorporados à versão preliminar pelo trabalho de campo.

Aplicação

Os Planos Operacionais das empresas públicas e privadas que pretendam realizar a cobertura do Carnaval de Salvador. A elaboração de peças de divulgação do Carnaval de Salvador, pela mídia impressa, televisiva e pela internet. Os projetos de patrocínio do evento, a partir da ampliação das possibilidades de tratamento do espaço da festa pela mídia. Os projetos de desenho urbano ambiental e de *design* do mobiliário e componentes do Carnaval de Salvador.

PROJETO DE DIFUSÃO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO

O objetivo seria o de definir as diretrizes, procedimentos e ações integradas de natureza diversa, que devem ser adotadas com o intuito de garantir as condições necessárias à difusão e implantação do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador. A singularidade do objeto a ser focado por esse plano, a apropriação e uso temporário da cidade por um evento de rua do Carnaval demanda um tratamento diferenciado para a estruturação das medidas que pretendam garantir a difusão e implantação do mesmo. O caráter cíclico anual do evento impõe que a implantação do plano seja concebida a partir dessa modulação de tempo e que as medidas propostas sejam incorporadas em alguma das

etapas do processo permanente de planejamento, que ocorre ininterruptamente durante todo o ano. Outro aspecto significativo a ser considerado por esse projeto é o amplo domínio público do debate em relação ao Carnaval, alimentado pelo “saber” de todos os que se sentem autorizados, em nome da significativa e relevante experiência vivencial de alguns e dos interesses próprios de outros, a emitirem opiniões sobre os mais diversos aspectos que envolve a realização da festa. Difícil afirmar o “saber técnico/científico” dentro de universo tão diversificado, alimentado por um intenso debate, polêmico e apaixonado.

Entende-se que a divulgação do plano deve acontecer desde o momento em que seja instalado o processo de elaboração do mesmo. Garantir a visibilidade das ações e assegurar a ampla participação da comunidade em momentos reservados para esse fim justificam a instalação desse projeto desde o momento inicial. As audições públicas, previstas para três momentos distintos do processo de elaboração do plano, além de debates outros, devem atender ao que estabelece a Lei Municipal do Salvador nº 3.345/83, de 14 de dezembro de 1983 (do Processo de Planejamento e da Participação Comunitária), regulamentada pelo Decreto nº 7.139, de 5 de dezembro de 1984. Outrossim, a Programação de Trabalho prevista para a elaboração do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador considera a possibilidade de algumas propostas serem efetivadas, experimentalmente, durante o período de elaboração do referido plano, no Carnaval de 2001. Ou seja, a implantação de parte dos produtos passa a ocorrer durante a elaboração, subsidiando de forma direta os resultados conclusivos do referido plano. Mais um motivo para que o projeto de divulgação e implantação tenha vigência efetiva durante todo o período de elaboração.

Atividades

Proceder à elaboração e manutenção de mecanismos permanente de divulgação e acompanhamento das atividades do plano através das mídias disponíveis, inclusive internet (*home page*).

Participar da organização dos seminários técnicos e das sessões das audiências públicas, previstas pelo Cronograma de Atividades, e de outras oportunidades de discussão e divulgação do plano.

Acompanhar todas as etapas do processo de planejamento do Carnaval de 2001 que aconteçam durante o período de elaboração do plano, visando à sistematização final e posterior implementação do plano.

Monitorar o processo de elaboração e execução das propostas experimentais que serão implementadas no Carnaval de 2001.

Elaborar proposta de trabalho de campo com o propósito de monitorar o processo de realização do Carnaval de 2001.

Elaborar a “versão preliminar” do “Projeto de divulgação e implantação do Plano”, para ser discutido no Seminário Técnico.

Elaborar o Relatório Técnico Final, que deverá conter a versão definitiva do “Projeto de divulgação e implantação do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador”.

Aplicação

Subsidiar a elaboração dos Produtos Propositivos; na organização dos seminários técnicos e audiências públicas, subsidiar os Planos Operacionais do Carnaval.

A partir de agosto de 2000, começamos a construir o Plano de Estudo do Carnaval (PEC), viabilizado através de um convênio de cooperação técnica, celebrado entre a Prefeitura de Salvador e a Universidade Federal da Bahia, através da Pró-Reitoria de Extensão e a Faculdade de Arquitetura. Foram estabelecidos os estudos que seriam necessários, convidamos todos os órgãos envolvidos a participarem do trabalho e definimos a metodologia que tínhamos que adotar – Manuel José conseguiu montar uma equipe de profissionais e estudantes de arquitetura entusiasmados com o trabalho e que foram extraordinariamente competentes. Estamos conectados até hoje.

Da análise dos estudos, vários fatos interessantes foram observados e uma terminologia própria começou a ser usada. Manoel foi buscar noções de como a multidão se comportava durante os desfiles utilizando noções da mecânica dos fluidos. O Corredor da Vitória, que durante o ano todo é uma área considerada “nobre” da cidade, onde moram pessoas de alto poder aquisitivo, no Carnaval virava área de estacionamento de trios elétricos (depois disso passamos a utilizar o estacionamento da Graça como área para estacionamento desses veículos). Passamos a entender melhor os “atritos” e as áreas de fricção entre a “cidade do Carnaval” e a “cidade cotidiana”. Os elementos da arquitetura efêmera passaram a ficar familiares ao serem utilizados e nos ensinaram que as estruturas, embora usadas por poucos dias – os seis dias do Carnaval –, deveriam ser de qualidade, bem-acabadas e visualmente bonitas.

Depois de infindáveis estudos técnicos, seminários, palestras, reuniões, trabalhos de campo e oficinas, o PEC, que teve sua coordenação-geral também exercida pelo professor Manuel José, concentrou suas propostas em três áreas temáticas – ordenamento, ambientação e expansão.

Nos Carnavais dos anos de 2001, 2002 e 2003, conseguimos implementar algumas propostas, sendo as mais importantes:

1. Estabelecimento de parâmetros e indicadores confiáveis para o dimensionamento e Planejamento Físico-Ambiental dos eventos de rua

Considero que a maior contribuição do PEC foi a proposta de zoneamento da “cidade efêmera do Carnaval”, que levou em consideração a densidade de foliões nas áreas de livre acesso como elemento diferenciador das possibilidades de desempenho para atividades e usos da cidade e da festa. Através do Estudo de Comportamento Ambiental, foi possível definir uma escala de variação de densidades a partir dos registros do Carnaval de 2001 e das simulações realizadas em oficinas. Essa variação foi expressa em três zonas contíguas designadas pelo PEC como Áreas de Grande Densidade (vermelha), Áreas de Média Densidade (laranja) e Áreas de Baixa Densidade (amarela) que adotaram como densidades as referências: 6 pessoas/m², 1 pessoa/m² e 0,2 pessoas/m². Até hoje consideramos esses parâmetros para estabelecer o cálculo de pessoas nos eventos de rua.

2. Decoração dos tapumes

A “cidade cotidiana” se protege do Carnaval erguendo tapumes, em geral de *madeirit*, e esses elementos de proteção, horrorosos, surgem da noite para o dia. Para melhorar o visual da cidade do Carnaval, foram escolhidas, através de concurso público, padronagens que, impressas em *offset* e aplicados aos tapumes, deram um tratamento cênico desses elementos, melhorando consideravelmente o visual da festa. Ainda nesse sentido, convidamos os grafiteiros da cidade para atuarem na Praça da Piedade. Uma *towner* cheia de *sprays* Colorgin fez a festa dos grafiteiros. A estátua do poeta Castro Alves, na praça do mesmo nome, recebeu um atabaque tribal que simbolicamente marcou o Carnaváfrika – tema do Carnaval daquele ano (2002).

3. Portais do Carnaval

A proposta de criação dos portais surgiu a partir da constatação de que, em alguns lugares situados nos limites da mancha contínua de ocupação, ocorria um grande fluxo de chegada e saída de foliões, constituindo as principais áreas de acesso ao Carnaval. Visando a consolidação dessas áreas como portais, foi proposta a sua qualificação, através do tratamento das condições ambientais e da estruturação de serviços de atendimento ao folião. Dos cinco portais propostos foram viabilizados três:

- Portal Ondina;
- Portal Barra;
- Portal Vale do Canela.

4. Projeto integrado de sinalização e *merchandising*

Tendo como objetivo a parte integrante do Sistema de Informação e Orientação Geral para o Folião, composta pelas peças de sinalização e *merchandising*, esse projeto previu um tratamento lúdico a esses elementos incorporando-os à imagem da festa, tipicamente alegre e irreverente, dissociando-os do padrão formal utilizado no cotidiano da cidade.

5. Praças de convivência na Praça Castro Alves e Ondina

Pretendeu-se oferecer aos foliões ambientes dotados de condições diferenciadas de conforto, onde fosse possível sentar, comer, beber, descansar, paquerar, encontrar e fazer amigos.

No Carnaval 2002 foram implantadas duas praças de convivência, sendo uma na Praça Castro Alves e a outra na Praça Bahia Sol, em Ondina. Nesses espaços, além da presença das barracas de bebida e lanche, buscou-se uma oferta diferenciada de comércio, a exemplo da criação de barracas-restaurantes, dotadas de infraestrutura para o preparo de refeições, servindo comidas típicas e regionais.

Na praça de convivência da Castro Alves foi registrada uma grande movimentação de foliões, especialmente no primeiro platô, destacando-se a presença da barraca-restaurante e do telão como principais atrativos. Na praça de convivência de Ondina foram implantadas duas barracas-restaurantes que contaram com uma significativa presença de foliões, apesar de localizadas mais distantes do leito do

desfile. Na avaliação junto aos concessionários das barracas-restaurantes e dos foliões que as frequentaram, houve uma boa aceitação desse novo espaço.

Merina Aragão

Arquiteta da Empresa Salvador Turismo.

AS PROPOSTAS
PARA O CARNAVAL
DE SALVADOR

AS PROPOSTAS PARA O CARNAVAL

As propostas do Plano de Estudo do Carnaval (PEC) para o Carnaval de 2002, ora apresentadas em versão preliminar, passam a compor o conjunto das atividades que se pretende realizar, não mais com o caráter de “propostas experimentais”, mas como o início da implantação do referido plano.

Tais propostas consideram as prioridades detectadas nos estudos já realizados e, em especial, no trabalho de campo do Carnaval de 2001. Espera-se que possam também exercer um papel multiplicador, atuando efetivamente no conjunto das questões vinculadas à dimensão físico-ambiental do evento e sua relação com a cidade.

A adoção dessas e de outras propostas deve considerar a pertinência e a viabilidade de implementação das mesmas para o próximo Carnaval, face aos procedimentos a serem adotados, vinculados aos prazos necessários e à disponibilidade de recursos.

Nessa versão preliminar, as propostas são apresentadas a partir das áreas temáticas do PEC nas quais estão inseridas. Julgamos procedente a estruturação da área temática de imagem ambiental a partir do desdobramento da área temática de ambientação, considerando as especificidades do enfoque metodológico e do objeto a ser tratado.

Incluímos também, à guisa de sugestão, outras propostas que, mesmo não estando diretamente vinculadas às referidas áreas temáticas, terão um rebatimento na dimensão físico-ambiental do Carnaval de Salvador.

As propostas ora apresentadas estão circunscritas ao Carnaval do Centro da cidade, delimitado pela mancha contínua de ocupação, que se

estende da Ondina ao Pelourinho, configurando o que convencionou-se chamar de “cidade efêmera do Carnaval”.

Abordar o Carnaval do Centro, inicialmente, foi uma definição adotada no início dos trabalhos de elaboração do PEC, considerando-se a prioridade em conhecer e atuar nessa área tida como de fundamental importância na relação do evento com a cidade.

O Carnaval de bairros, espaços temáticos e também a repercussão do Carnaval na cidade e na região, ainda que estejam presentes nos estudos do PEC, deverão ser enfocados com maior ênfase em etapas posteriores de trabalho.

Cada proposta está enunciada e descrita de forma sucinta, acompanhada da respectiva justificativa, que emana da avaliação crítica da situação vivenciada pela equipe técnica no trabalho de campo do Carnaval de 2001 e pelos estudos realizados pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia desde 1997.

Os procedimentos relacionados a cada proposta visam subsidiar as decisões que nortearão as ações a serem implementadas.

O primeiro desafio foi mapear o Carnaval e isso nós fizemos. Hoje já temos uma possibilidade de compreensão do Carnaval que já foi usada metodologicamente para esse Carnaval de 2002 e, ainda que não seja uma dimensão muito visível do trabalho, é aquela que mais nos empolgou, que foi todo o processo de discussão que nós tivemos com os 28 órgãos públicos que atuam no Carnaval de Salvador, levando até eles a nossa compreensão da maneira como o espaço do Carnaval se estrutura.

ORDENAMENTO

A área temática de ordenamento do PEC enfoca as possibilidades de ampliar o desempenho das áreas da cidade apropriadas pelo Carnaval, considerando a interação entre a dinâmica cotidiana da cidade e aquela imposta pela festa.

Para tanto, trata o ordenamento da cidade efêmera do Carnaval como um elemento que compõe o Planejamento Físico-Ambiental da cidade do Salvador quando submetida temporariamente a condições diferenciadas. Estas se explicitam nas atividades e usos distintos daqueles que caracterizam, no cotidiano, as áreas da cidade apropriada direta e indiretamente pelo Carnaval.

O Planejamento Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador tem sido realizado pelos diversos órgãos que atuam no evento, sendo a Emtursa responsável pela articulação das ações e elaboração das plantas dos circuitos Dodô e Osmar. Estas representam o ordenamento das áreas temporariamente apropriadas pela festa, objeto dos decretos da Prefeitura de Salvador que estabelecem as condições especiais de uso e ocupação das áreas públicas durante o referido período.

Nesse sentido, a proposta da área de ordenamento para o Carnaval de 2002 consiste em realizar um exercício de planejamento que incorpore novos procedimentos metodológicos, formulados e instrumentalizados garantindo, dessa forma, um melhor resultado.

CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DAS PLANTAS GERAIS DO CARNAVAL DE 2002

Trata de forma integrada toda a área da cidade apropriada pelo Carnaval do Centro, que compreende a mancha contínua de ocupação, da Ondina ao Pelourinho, e configura a cidade efêmera do Carnaval; identifica e trabalha as múltiplas vinculações da cidade efêmera do Carnaval com as demais áreas da cidade, em especial aquelas situadas nos limites de ocupação e nas conexões com o sistema viário; hierarquiza, na elaboração das plantas gerais, os usos de natureza temporária que são demandados pelo evento: os espetáculos, os fluxos e acessibilidade de pessoas e veículos e os espaços do folião. Esses são os usos de maior poder estruturante do evento; o ordenamento dos usos de comércio e serviços são decorrentes dos usos acima referidos; abordar a relação entre os usos e destes com a dinâmica cotidiana, na morfologia e na imagem ambiental da cidade.

ZONEAMENTO DA MANCHA CONTÍNUA DE OCUPAÇÃO

Nós concebemos uma forma de zoneamento para toda a mancha contínua de ocupação e as dividimos em três tipos.

O que nós chamamos de ocupação em mancha vermelha é aquela primeira ocupação com as maiores densidades do Carnaval, que se estendem, portanto, por todas as vias por onde o desfile acontece. Nós detectamos durante o Carnaval situações em que o folião pode chegar a uma densidade de oito a 10 pessoas por metro quadrado, o que parece um absurdo, mas que acontece na prática. É aquela situação em que a gente não sabe onde estão nossos pés e nem para aonde estamos indo.

Mas a densidade que nós trabalhamos como a referência para a mancha vermelha é em torno de seis pessoas por metro quadrado, que poderia ser considerado como o indicador médio nas áreas de maior densidade do Carnaval de Salvador.

Ao redor dessa mancha vermelha há a mancha laranja, que são os espaços de permanência do folião, que apresentam densidades menores e a possibilidade de um espaço de permanência maior.

A mancha amarela são as conexões da mancha contínua de ocupação com a cidade cotidiana, onde estão os terminais de transporte, os estacionamento, os caminhos de chegada e de saída.

Portanto, a partir desses indicadores foi possível propor aos órgãos que atuam no Carnaval uma nova forma de estruturá-lo.

Na mancha vermelha é necessário reservar o maior espaço possível para o folião "pipoca". Portanto, é preciso retirar dessa área todas as estruturas que estavam anteriormente nos espaços laterais, recuá-las para as manchas laranjas e só permanecer na mancha vermelha as estruturas dos órgãos que fazem o policiamento, os órgãos que controlam o fluxo do desfile, a vigilância sanitária e os praticáveis das televisões e imprensa de um modo geral.

As grandes delegacias e as grandes estruturas foram todas deslocadas para as manchas laranjas. Assim, começamos a ter um controle mais sistemático sobre toda a área lateral, evitando a colocação de obstáculos que possam trazer danos físicos para aqueles que estão brincando na rua.

Áreas de grande densidade/mancha vermelha

Motivação: assistir, participar, acompanhar o desfile/atração. Deslocar-se dentro da área do Carnaval;

Densidade referência: 6 pessoas/m²;

Mobilidade: muito restrita;

Foco da atenção: desfile/atração;

Gestual predominante: em pé, movimentos ritmados, tendência à sincronia;

Campo visual: restrito até 2 m de altura;

Acesso de veículos: trio e carros de apoio, emergência (eventuais);

Estacionamento em vias públicas: em pontos definidos, trios e carros de apoio;

Quanto ao tratamento ambiental: liberar o máximo de áreas públicas para o folião pipoca. Proporcionar espaços de fácil percepção, abertos e contínuos. Dotar espaços de sinalização adequada. Tratar os elementos-limite (balcões, tapumes, camarotes, acessos às edificações, transversais). Desobstruir acessos, facilitar fluxos. Atender às demandas do Plano de Contingências do Carnaval;

Quanto à locação de comércio: restrito apenas àqueles que não ocupam o espaço público;

Quanto à locação da bases físicas e serviços: locar apenas estruturas imprescindíveis para a gestão e transmissão do espetáculo e a segurança do folião. Ser sempre de uso-múltiplo (compartilhada por vários órgãos). Em número e dimensões restritas ao extremamente necessário.

Áreas de média densidade/mancha laranja

Motivação: conversar, encontrar pessoas, descansar, acessar serviços e comércio. Circular dentro da área do Carnaval;

Densidade referência: 1 pessoa/m²;

Mobilidade: restrita;

Foco da atenção: auditivo – expectativa em relação ao desfile/atrações; visual – disperso;

Gestual predominante: em pé, caminhando/passeando. Sentado, interação em grupos;

Campo visual: livre;

Acesso de veículos: táxis, vans e ônibus nos portais. Ambulâncias, viaturas corpo de bombeiros, imprensa;

Estacionamento em vias públicas: em pontos definidos. Trios e carros de apoio, serviços e emergência;

Quanto ao tratamento ambiental: permitir fácil deslocamento de pessoas e fácil acesso às áreas de grande densidade. Possibilitar espaços agradáveis para a permanência do folião. Prover visibilidade para os serviços e pontos comerciais. Tratar visualmente as estruturas instaladas para o Carnaval. Estender a qualificação ambiental a toda área;

Quanto à locação de comércio: áreas preferenciais para comércio que possibilitem a permanência do folião. Pontos de comércio voltados ao atendimento do folião que circula;

Quanto à locação das bases físicas e serviços: bases físicas voltadas ao atendimento ao folião. Bases que necessitam estar próximas à multidão e que devam ter acesso fácil. Bases que realizam a remoção de pessoas e objetos.

Áreas de baixa densidade/mancha amarela

Motivação: acesso à mancha do Carnaval (entrada e saída);

Densidade referência: 0,2 pessoa/m²;

Mobilidade: sem restrições;
Foco da atenção: dirigido ao desfile;
Gestual predominante: em pé, caminhando. Só ou em grupos;
Acesso de veículos: definidos pela Superintendência de Trânsito do Salvador (SET);
Estacionamento de vias públicas: definidos pela SET;
Quanto ao tratamento ambiental: permitir fácil deslocamento de pessoas. Prover boa iluminação e sinalização. Possibilitar espaços seguros para a circulação de foliões. Prover visibilidade para os serviços e pontos comerciais;
Quanto à locação de comércio: comércio de ambulantes, preferencialmente nos terminais e caminhos de maior movimentação;
Quanto à locação das bases físicas e serviços: bases físicas que não são voltadas ao atendimento ao folião.

Caracterização geral dos portais

O que identifica um portal: terminal de ônibus, ponto de parada do táxi, grandes áreas para estacionamento, proximidade e vias para os que se deslocam a pé;

Objetivos: tratamento das condições ambientais do lugar. Estruturação dos serviços de atendimento ao folião;

Composição de equipe do portal: equipe de receptivo, equipe operacional;
Equipe do receptivo: composta por diretores teatrais, atores e um expressivo grupo de jovens provenientes de projetos culturais. Encenação de rua para receber os foliões que chegam, de forma interativa.
Equipe operacional: composta por funcionários dos órgãos públicos que atuam no Carnaval. Deve prestar informações e orientações básicas aos que chegam e saem da festa.

Potencialidades: campanhas educativas, publicidade e *merchandising*, terminal de internet, comércio ambulante, telefones públicos, sanitários químicos.

AMBIENTAÇÃO

A área temática de ambientação visa contribuir para a melhoria das condições ambientais do Carnaval de Salvador, estabelecendo as orientações adequadas à elaboração de projetos de desenho ambiental urbano, tridimensional, dos territórios de natureza efêmera estruturados pela festa.

A adoção de medidas visando incentivar o *design* e a produção de equipamentos, mobiliário, estruturas e outros componentes dos ambientes do Carnaval de Salvador, compõem, também, a referida área temática.

O Estudo VI do PEC, “A ambientação da cidade durante o Carnaval”, enfoca a necessidade de identificar e compreender cada um dos inúmeros “ambientes tipos” que se repetem em lugares diferentes da área do Carnaval do Centro, e que devem ser projetados segundo a diversidade de morfologia e dinâmica urbana específicas a cada lugar.

O trabalho de campo realizado pelo PEC durante o Carnaval de 2001 evidenciou, de forma mais ampla e profunda, o quanto é necessário investir na qualificação desses “ambientes tipos”. A grande extensão da área contínua apropriada pelo Carnaval do Centro e a diversidade de situações a serem trabalhadas configuram o desafio que representa a implementação de tais projetos.

Eis porque, para o Carnaval de 2002, optou-se por trabalhar alguns dos “ambientes tipos” que compõem o Carnaval do Centro da cidade, selecionados pela relevância para o evento e pelo efeito multiplicador que certamente exercerão no processo de qualificação ambiental dos espaços públicos da cidade apropriado pelo evento.

Na área temática de ambientação apresentam-se as seguintes propostas para o Carnaval de 2002:

ESTRUTURAÇÃO DOS PORTAIS DA CIDADE EFÊMERA DO CARNAVAL

Durante o trabalho de campo no Carnaval de 2001, a Equipe do PEC constatou que, em alguns lugares situados nos limites da mancha contínua de ocupação, ocorriam um grande fluxo de chegada e saída de

foliões; a presença de terminais de ônibus, pontos de parada de táxis, grandes áreas para estacionamento de veículos particulares e a proximidade de vias para os que se deslocam a pé caracterizam tais espaços; essa proposta consiste em trabalhar as principais áreas de borda com essas características, qualificando-as como portais através do tratamento das condições ambientais do lugar e da estruturação de serviços de atendimento aos foliões; para o Carnaval de 2002, sugere-se implantar os portais da cidade efêmera do Carnaval em cinco áreas distintas:

- Ademar de Barros/Garibaldi;
- Centenário/Shopping Barra;
- Vale dos Barris/Lapa;
- Vale do Canela/Campo Grande/Contorno;
- Praça Cairu/Elevador Lacerda/Praça Municipal.

Os portais funcionarão, ininterruptamente, nos períodos do pré-desfile, desfile e pós-desfile, com equipes compostas de funcionários de órgãos públicos que atuam no Carnaval e com um expressivo grupo de jovens que comporão o “receptivo” de cada portal; deve ser instalado, em cada portal, um posto do Serviço de Atendimento ao Folião (SAF), que deve prestar as informações e orientações básicas aos que chegam e aos que saem da festa; a proposta enfoca ainda a localização e funcionamento dos terminais de transporte, pontos de táxi, estacionamentos e a oferta de serviços (telefones públicos, sanitários, terminal da internet) e de comércio ambulante (alimentos, bebidas etc.) em cada uma dessas áreas; o projeto ambiental dos portais deve enfatizar o caráter lúdico da festa e as múltiplas possibilidades de tratamento desses espaços abertos, diferenciados e sem limites físicos claramente definidos; a presença de grande público, a visibilidade e importância propostas para os portais, os habilitam como suportes adequados para publicidade e *merchandising*.

CRIAÇÃO DE PRAÇAS DE CONVIVÊNCIA

Esta proposta está estruturada a partir da releitura funcional e simbólica das tradicionais festas de largo de Salvador, que são manifestações populares de grande relevância para a construção da identidade cultural e artística de nossa cidade.

A Praça Castro Alves, a partir dos anos 1970, incorporou definitivamente a festa de largo ao Carnaval de Salvador, reforçando a ideia de que não basta desfilar, acompanhar o bloco e o trio e ver o desfile. Os que brincam nosso Carnaval desejam também permanecer e circular no espaço da festa.

Com as praças de convivência, pretende-se oferecer aos foliões alguns ambientes dotados de condições diferenciadas de conforto, onde seja possível sentar, comer, beber, descansar, conversar, paquerar, encontrar e fazer amigos.

A localização, próxima ao leito do desfile, permite ao folião participar da festa, sem estar no meio da multidão.

Para o Carnaval de 2002, propõe-se a implantação de três praças de convivência em pontos distintos da mancha contínua de ocupação do Carnaval do Centro:

- Na Praça Castro Alves;
- No Farol da Barra, utilizando a via lateral existente e trecho da praia;
- E na Ondina, com uma das opções: Centro de Esportes da Universidade Federal da Bahia, praça ao lado do Ondina Apart Hotel ou o canteiro central da avenida Adhemar de Barros.

Cada praça terá ofertas diferenciadas de comércio, serviços e atrações locais:

- Barracas-restaurantes, exploradas por quituteiras famosas da cidade ou por um restaurante de reconhecida qualidade. Serão dotadas de infraestrutura adequada ao preparo de refeições através de um projeto personalizado que explicita a identidade de quem a explora e contribua para a diversidade da imagem do ambiente.

- Barracas e pontos de venda de bebidas, lanches prontos, caldo de cana, frutas e outros petiscos, baianas de acarajé e ambulantes de produtos diversos.
- Posto do Serviço de Atendimento ao Folião (SAF), telefones públicos, terminal de acesso à internet, sanitários químicos, contando ainda com a apresentação de atrações locais (bandinhas, grupos de dança e recreação infantil) e instalação de telão com imagens, ao vivo, de outros lugares do Carnaval de Salvador, mensagens e informações de interesse do folião.

As praças de convivência funcionarão, ininterruptamente, nos períodos do pré-desfile, desfile e pós-desfile, explorando novos horários, a exemplo do “café da manhã do folião”, e se constituem em formas efetivas de expansão do Carnaval de Salvador, incorporando a presença de foliões de diversas faixas etárias e procedência.

QUALIFICAÇÃO DE LUGARES-REFERÊNCIA DA CIDADE E DA FESTA: PRAÇA CASTRO ALVES E FAROL DA BARRA

O Carnaval de Salvador apropria lugares de grande significado para a cidade. A festa acrescenta, temporariamente, a tais ambientes, outros elementos decorrentes das novas funções que passam a exercer durante a festa.

Nem sempre os usos demandados pela festa são compatíveis com a importância que esses lugares-referência exercem no cotidiano da cidade e no período da festa.

A presença de tapumes, módulos de serviços, estruturas elevadas para imprensa, sanitários químicos e outros elementos, implantados de forma desordenada sobre essas áreas, comprometem o significado funcional e simbólico desses lugares.

É necessário, portanto, preservar, durante a festa, essa condição de lugares-referência, através de uma ação planejada de desenho ambiental urbano que os qualifiquem, enaltecendo sua importância e significado para a cidade.

Para o Carnaval de 2002, propõe-se realizar a qualificação ambiental de dois lugares-referência da cidade e da festa:

- A Praça Castro Alves;
- O Farol da Barra.

O projeto ambiental que se pretende realizar tem como diretriz básica a leitura simultânea e interativa das duas dinâmicas (cotidiana e efêmera) e dos elementos morfológicos que as caracterizam, além da compreensão das diversidades morfológicas de cada uma das duas realidades físico-territorial desses lugares.

Na Praça Castro Alves se quer enfatizar sua condição de mirante e ponto de convergência de vias e caminhos, considerando a existência de muitos pisos que a circundam em direção à Barroquinha e à Ladeira da Montanha. Busca-se valorizar, também, a estátua do poeta, o mar da Baía de Todos-os-Santos e o “mar de gente” que compõem a identidade da imagem ambiental desse lugar.

Para a área do Farol da Barra, são elementos a serem trabalhados: a relação com a Baía de Todos-os-Santos (insolejamento, ventilação, imagem); a presença da área gramada e sua interação com a calçada e a praia e a possibilidade desta última se configurar como um novo caminho de ligação entre o Farol e o Morro do Cristo.

Ainda que sejam de grande relevância, as propostas de implantação de praças de convivência nesses lugares não esgotam as possibilidades do que possa vir a ser realizado.

A qualificação ambiental pretendida ampliará o interesse do folião e da mídia pelo lugar, que poderá ser utilizado também para o *merchandising* do evento.

QUALIFICAÇÃO DE LUGARES DE GRANDE CONCENTRAÇÃO DO FOLIÃO PIPOCA: RELÓGIO DE SÃO PEDRO E RUA N.

Esses lugares caracterizam-se por serem áreas abertas às margens do leito do desfile, onde o folião pipoca se comprime com o intuito de assistir, dançar e brincar o Carnaval. Tal situação se repete em vários pontos dos Circuitos Dodô e Osmar, especialmente naqueles que oferecem uma melhor condição de permanência e visibilidade.

O Carnaval de Salvador é conhecido e reconhecido como o “Carnaval participação”. A imagem da multidão brincando ao som do trio elétrico sintetiza essa singularidade da festa, tornando o folião pipoca sujeito do espetáculo, ao invés de mero espectador.

No entanto, as elevadas densidades de alguns lugares extrapolam o limite suportável pelos foliões, acarretando o desconforto, provocando danos físicos e propiciando condições favoráveis à ocorrência de episódios de violência e a prática de delitos na área.

Diante do exposto, acredita-se na possibilidade de contribuir para a elevação da qualidade de desempenho desses espaços da festa, a partir da elaboração de projeto ambiental que considere a interação entre os elementos morfológicos do lugar (da cidade e da festa) e a dinâmica comportamental das multidões.

Para o Carnaval de 2002, propõe-se realizar a qualificação ambiental de dois lugares de grande concentração do folião pipoca:

- O Largo do Relógio de São Pedro;
- Área da rua N, na Ondina.

Ambas identificam-se pela grande densidade e pelo estigma da violência e desconforto para os foliões. Eis porque a escolha representa um grande desafio para o Planejamento Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador.

A qualificação ambiental pretendida ampliará o interesse do folião e da mídia pelo lugar, que poderá ser utilizado também para o *merchandising* do evento.

IMAGEM AMBIENTAL

O objeto de trabalho desta área temática é a imagem ambiental da cidade durante o Carnaval, especialmente dos lugares diretamente apropriados pelo evento, na mancha contínua de ocupação que se estende da Ondina ao Pelourinho, perpassando pontos de singular importância para a afirmação da identidade da cidade do Salvador.

A complexidade e especificidade do enfoque dessa questão motivou a criação dessa nova área temática – imagem ambiental – desdobrada da área de ambientação indicada originalmente pelos Termos de Referência do PEC, elaborado pela Emtursa em junho de 2000.

Entende-se por imagem ambiental o conjunto visual resultante da interação dos elementos que compõem e identificam determinados ambientes. Em se falando de cidade, a imagem desta é uma resultante da interação entre o meio físico (paisagem natural) e o antrópico (paisagem construída), interagindo com os ritos de apropriação e uso do espaço próprios a cada localidade.

Esta área temática enfoca os elementos que compõem a imagem da cidade e da festa, buscando a valorização desses através da vinculação da imagem efêmera do Carnaval com a paisagem perene da cidade.

Para tanto, na área temática de imagem ambiental apresentam-se as seguintes propostas para o Carnaval de 2002:

ELABORAÇÃO DE UM PROJETO INTEGRADO DE SINALIZAÇÃO E MERCHANDISING PARA O CARNAVAL DE SALVADOR

Entende-se o “Projeto integrado de sinalização e merchandising” como parte de um amplo Sistema de Informação e Orientação Geral do Carnaval de Salvador, que deve ser implantado, previamente, através das peças de divulgação (internet, imprensa e folheteria), com vistas a facilitar a circulação de pessoas (em especial do folião) durante o evento. A sinalização deve ser compreendida como elemento facilitador que contribui para o conforto e segurança dos foliões.

O projeto deve contemplar toda a área da mancha contínua de ocupação, que se estende da Ondina ao Pelourinho até as principais vias de acesso à cidade efêmera do Carnaval, além de outros pontos de interesse da cidade – terminais de transportes aeroviários, rodoviários e marítimos, subcentros urbanos – Iguatemi, Calçada, Liberdade, Paripe – e núcleos urbanos da Região Metropolitana – Lauro de Freitas, Simões Filho e Itaparica.

Na área da mancha contínua de ocupação do Carnaval do Centro impõe-se a necessidade de atender aos que chegam, aos que saem e aos que circulam entre os múltiplos ambientes da festa. Deve enfatizar as situações de contingência nas quais a sinalização pode desempenhar um papel relevante para evitar danos maiores aos foliões.

O projeto de sinalização deve ser concebido dentro de uma linguagem lúdica que incorpore o espírito da festa.

A configuração das peças deve garantir o destaque necessário na imagem de cada ambiente, uma vez que estes são compostos por inúmeros elementos de forte apelo visual. O desafio, nesses casos, é diferenciá-la da sinalização da cidade cotidiana ao mesmo tempo que a destaca em meio aos fortes elementos visuais da festa.

Deve-se garantir a mensagem unificada do que se pretende informar, considerando a diversidade morfológica dos lugares que compõem o espaço da festa.

Com tais características, o projeto de sinalização passa a compor a ambientação da festa e se constitui em suporte qualificado para o *merchandising* do evento.

TRATAMENTO CÊNICO DOS ELEMENTOS DE PROTEÇÃO (TAPUMES) DE EDIFÍCIOS PÚBLICOS, MONUMENTOS E PRAÇAS SITUADOS NA ÁREA DO CARNAVAL

Durante a realização do Carnaval, as edificações e praças situadas nas áreas de maior concentração de público são protegidas por elementos montados para esse fim, que acabam se incorporando de forma significativa na imagem ambiental da cidade e da festa.

O caráter transitório de tais elementos, associados ao curto tempo disponível para sua montagem, determinam, quase sempre, a precariedade de execução e acabamento, reutilizando materiais disponíveis a baixo custo e mão de obra sem grande qualificação.

Mesmo encobertos pela multidão durante o período do desfile, tais elementos comprometem a imagem da cidade, especialmente para aqueles que nos visitam. Além do que, transmitem uma sensação de cisão entre a cidade e a festa, o que pode estimular negativamente o comportamento dos que vivem tais ambientes durante a festa.

Algumas iniciativas, em anos anteriores nos elementos de proteção de edificações e praças, reforçam a necessidade de atuar de forma mais planejada na qualificação desses elementos.

Para o Carnaval de 2002, propõe-se restringir a proposta à edifícios públicos, monumentos e praças, acreditando que o êxito do projeto poderá motivar, no futuro, iniciativas similares em edificações privadas que estão situadas na área da festa.

Nesse sentido, sugere-se tratar os elementos de proteção: das estátuas de Castro Alves, do Barão de Rio Branco, do monumento ao 4º Centenário da Cidade e do Relógio de São Pedro; das Praças da Piedade e canteiros do Largo de São Pedro e; dos prédios da Prefeitura Municipal, Palácio Rio Branco, Câmara Municipal e Teatro Castro Alves. Sugere-se conferir caráter lúdico e decorativo a tais elementos de proteção, que devem trabalhar a imagem e significado do monumento, edificação e lugar que se está preservando, sua relação com a cidade e com a festa.

Deve estimular a utilização de novos materiais e tecnologias que possam contribuir para a qualificação da imagem ambiental e estimular novos investimentos.

Assim concebidos, os elementos de proteção podem funcionar como suportes para *merchandising* do evento.

*ESTRUTURAÇÃO DE UM NOVO ENFOQUE DO ESPAÇO
DO CARNAVAL DE SALVADOR PARA SER VEICULADO NOS
IMPRESSOS DE DIVULGAÇÃO E INTERNET*

A crescente importância do Carnaval de Salvador como evento de grande potencial turístico tem motivado a ampliação quantitativa e qualitativa, dos meios de divulgação da festa no plano local, nacional e internacional.

A proposta tem por objetivo contribuir na estruturação de um novo enfoque da imagem ambiental do Carnaval, veiculada nos impressos de divulgação elaborados pela Emtursa e outros órgãos que atuam no evento, e nos *sites* que veiculam, via internet, informações sobre a festa. Este enfoque enfatiza a imagem ambiental da cidade, seus monumentos, edificações e lugares. Além disso, contribui para ampliar as possibilidades de expansão de público, através de uma oferta mais diversificada de lugares e situações, não restritas apenas ao desfile dos blocos e atrações nos circuitos.

A passarela da Praça Municipal, as novas praças de convivência, a qualificação do espaço do folião pipoca, o tratamento cênico dos elementos de proteção e a estruturação dos portais são alguns dos elementos que também devem ser apresentados.

Em suma, pretende-se dar visibilidade aos múltiplos ambientes do evento, montados sobre lugares de grande significação para a cidade que o promove.

A linguagem gráfica dos mapas e dos esquemas de orientação espacial deve facilitar a compreensão da cidade, em especial das áreas diretamente apropriadas pelo evento.

Essa proposta, juntamente com o “Projeto integrado de sinalização e merchandising”, compõem um amplo sistema de orientação e divulgação do Carnaval de Salvador.

*PROMOÇÃO DE DISCUSSÃO SOBRE NOVAS POSSIBILIDADES
PARA O ENFOQUE DA TRANSMISSÃO TELEVISIVA DOS
MÚLTIPLOS AMBIENTES DO CARNAVAL DE SALVADOR*

A cada ano, as redes de televisão locais, nacionais e internacionais aumentam o tempo de cobertura do Carnaval de Salvador. Esse fato contribui de forma decisiva para a divulgação do evento, que se consolida como uma das mais expressivas festas de rua do país.

Constata-se, no entanto, que o enfoque das transmissões ainda está restrito a um limitado repertório de imagens e situações que não refletem o conjunto das possibilidades oferecidas pelo Carnaval de Salvador.

São vários os espetáculos e situações que ocorrem, simultaneamente, em lugares distintos, com a oferta de imagens de grande interesse para a mídia televisiva. No entanto, é necessário dar visibilidade prévia a essas possibilidades para que possam ser incorporadas no planejamento de trabalho para o Carnaval de 2002.

Pretende-se, portanto, apresentar de forma sistemática e criativa as múltiplas possibilidades de tratamento da imagem ambiental da festa através da transmissão televisiva, com o objetivo de incentivar um novo enfoque, mais amplo e diversificado do nosso Carnaval.

Para a efetivação dessa discussão, propõe-se a realização de um seminário com a participação dos dirigentes dos órgãos públicos envolvidos com o tema e representantes das redes de televisão que realizam a cobertura do Carnaval de Salvador.

OUTRAS PROPOSTAS

Além das propostas para o Carnaval de 2002, formuladas segundo a conceituação básica das áreas temáticas de ordenamento, ambientação e imagem ambiental do Plano de Estudo do Carnaval (PEC), julgamos oportuno apresentar algumas sugestões de natureza diversa que podem

contribuir, ainda que indiretamente, para a qualificação das condições ambientais da cidade e da festa.

Os trabalhos realizados durante esse período inicial de elaboração do PEC evidenciaram a vinculação das questões de âmbito e natureza diversas que compõem o processo de planejamento e execução do Carnaval de Salvador.

Nesse sentido, torna-se difícil estabelecer os limites de atribuições do PEC, desde quando as questões de natureza físico-ambiental perpassam outras áreas de atribuição do planejamento do evento.

Eis porque julgamos oportuno apresentar, à guisa de sugestão, as seguintes propostas, que abordam mais diretamente a estruturação e execução dos espetáculos que compõem o Carnaval do Centro, além de outras vinculadas à divulgação do evento e compreensão da sua dimensão físico-ambiental.

REALIZAÇÃO DA ABERTURA OFICIAL DO CARNAVAL DE 2002 NA PRAÇA CASTRO ALVES

No ano em que a África é o tema do Carnaval de Salvador, justifica-se homenagear o “poeta dos escravos”, realizando a festa de abertura oficial do evento no lugar da cidade e da festa mais vinculado ao seu nome – Praça Castro Alves.

Será também uma oportunidade de atrair as atenções dos foliões e da mídia para um dos lugares em que se pretende investir mais diretamente na qualificação ambiental, inclusive com a criação de uma das praças de convivência.

O evento proposto poderá ser consolidado a partir de 2002, repondo à Praça Castro Alves a importância devida no Carnaval de Salvador.

CONSOLIDAÇÃO DO ENCONTRO DE TRIOS NO FAROL DA BARRA COMO EVENTO DE ENCERRAMENTO DO CARNAVAL DE SALVADOR

O Farol da Barra consolida-se, a cada ano, como uma nova referência simbólica de espaço do Carnaval de Salvador, principalmente para os jovens foliões para quem a Barra se constitui em território da vida cotidiana e da festa.

O encontro de trios, realizado na área em frente ao Farol, tem crescido em importância e hoje já se constitui, de fato, no evento de encerramento do Carnaval de Salvador.

Nos últimos anos, o encontro de trios do Farol da Barra tem roubado a cena da Praça Castro Alves e promovido a releitura desse espetáculo, a partir de outros elementos cênicos, agora oferecidos por esse novo lugar.

O desfile dos trios no contrafluxo (Ondina/Barra), a presença das grandes atrações e a possibilidade de ainda pular nos arrastões que se deslocam no sentido da Orla são alguns dos elementos que também compõem esse evento.

OCUPAÇÃO DO TEMPO DO PRÉ-DESFILE NOS CIRCUITOS DODÔ E OSMAR COM ATRAÇÕES ALTERNATIVAS AO DESFILE DE BLOCOS E TRIOS

Na divisão do tempo do dia padrão do Carnaval, conceituado nos Termos de Referência do PEC, o período do pré-desfile é aquele que se estende do momento em que todas as condições estão garantidas para a realização do desfile até o momento em que este efetivamente se inicia. São algumas horas de espera nos Circuitos Dodô e Osmar, acentuadamente nas áreas da Ondina e Carlos Gomes. As ruas limpas e vazias e a ausência de atrações acentuam a expectativa daqueles que já se encontram na área.

Propõe-se preencher esse tempo com a presença de atrações de natureza diferenciada daquelas que compõem o desfile nos circuitos. Batucadas,

grupos de percussão, atrações performáticas que motivem a participação do folião pipoca, sem interferir na preparação do desfile.

AFIRMAÇÃO DA VOCAÇÃO DA PRAÇA MUNICIPAL COMO LOCAL DE DESFILE DE FANTASIAS

A iniciativa da Emtursa em promover o desfile de fantasias gay, em passarela montada na Praça Municipal, tem crescido em importância, a cada ano, não só para os que assistem o desfile, mas também para a imprensa que faz a cobertura do evento.

Trata-se de um espetáculo que retoma antigas tradições do Carnaval de Salvador, a exemplo do desfile no palanque da Praça da Sé e nas escadarias da Praça Castro Alves, agora acrescido da participação de fantasias apresentadas nos bailes de Carnaval de outras cidades.

Propicia-se que um grande público assista a um espetáculo de salão, agora convertido em espetáculo de rua, pelo Carnaval de Salvador.

Propõe-se a realização de outros desfiles de fantasia, ampliando a agenda de eventos da passarela da Praça Municipal:

- Fantasias infantis;
- Fantasias do folião pipoca (individual e em grupos);
- Fantasias de blocos e entidades que participam dos desfiles nos circuitos.

QUALIFICAÇÃO DO DESFILE NO CIRCUITO BATATINHA

O Circuito Batatinha oferece aos foliões um espetáculo diferenciado daquele que caracteriza os Circuitos Dodô e Osmar.

Nele desfilam entidades, em sua grande maioria, vinculadas à representação simbólica da cultura africana, assim ligadas diretamente ao tema do próximo Carnaval.

Durante o trabalho de campo no Carnaval de 2001, a equipe do PEC pôde perceber as imensas dificuldades que são enfrentadas na realização desse desfile.

Dentre as inúmeras questões a serem trabalhadas, destaca-se a necessidade de investir na qualificação do desfile, o que certamente resultará em ganhos significativos para a estruturação físico-ambiental do Circuito Batatinha.

A melhor organização do tempo de desfile, a localização da comissão julgadora e a valorização do trecho da rua da Ajuda podem também contribuir para a melhoria do espetáculo.

Ressalte-se a grande importância desse território do Carnaval do Centro, que garante a interação entre o Carnaval do Pelourinho e o Circuito Osmar, oferecendo uma outra opção de espetáculo e festa.

INCENTIVO À MAIOR INTERAÇÃO ENTRE OS ESPETÁCULOS QUE COMPÕEM O CARNAVAL DO CENTRO

O Carnaval do Centro é composto de territórios diretamente vinculados a formas diferenciadas de espetáculo e de festa: os Circuito Dodô e Osmar, a Praça Castro Alves, o Circuito Batatinha, a passarela de desfile da Praça Municipal, o palco e o baile da Praça da Sé e o Carnaval do Pelourinho.

Mesmo reconhecendo as especificidades de cada uma dessas manifestações, é recomendável, para manter a coesão e integridade do Carnaval do Centro, estimular a interação entre tais espetáculos. É uma forma de costura lúdica da pluralidade da festa.

Nesse sentido, o desfile das entidades que perpassam alguns desses territórios, a exemplo do Gandhi, e do Ilê Aiyê, devem ser enfatizados, ganhando um merecido destaque na programação do Carnaval. Sugere-se, também, fortalecer a interação entre as entidades que desfilam no Pelourinho e no Batatinha, considerando-se a semelhança de porte e recursos cênicos empregados.

CRIAÇÃO DE UM PERSONAGEM-SÍMBOLO, VIRTUAL, PARA O CARNAVAL DE SALVADOR

Uma prática inserida desde muito na realização de grandes eventos de natureza diversa, consiste na criação de um personagem-símbolo que contextualiza o propósito do evento à identidade do lugar onde se realiza.

Assim tem sido nos Jogos Olímpicos, Copas do Mundo e Feiras Mundiais, entre outros.

Sugere-se adotar medida semelhante para o Carnaval de Salvador.

Criar um personagem-símbolo, virtual, que atue como elemento facilitador para todos os que participam.

Vinculado simbolicamente à cidade e ao tema da festa – África –, deve figurar em todos os materiais de divulgação do Carnaval: *homepage*, folheteria, *outdoor*, peças de sinalização, campanhas educativas, publicações em jornais etc.

INTENSIFICAÇÃO DA ABORDAGEM DA DIMENSÃO FÍSICO-AMBIENTAL DO CARNAVAL DE SALVADOR NOS TREINAMENTOS DE PESSOAL REALIZADOS PELOS ÓRGÃOS PÚBLICOS QUE ATUAM NO EVENTO

A experiência vivenciada no processo de elaboração do PEC enfatiza a importância da compreensão dos elementos vinculados ao espaço da cidade apropriado pela festa, para todos os que atuam no planejamento e execução do Carnaval;

Nesse sentido, julga-se oportuno disponibilizar esse conhecimento, contribuindo nas iniciativas dos órgãos públicos que promovem o treinamento do pessoal que vai trabalhar na festa;

Conhecer a morfologia de cada lugar e os elementos que caracterizam a dinâmica local são alguns dos elementos a trabalhar nesses treinamentos.

GLOSSÁRIO

CORSO

Desfiles de carros particulares, que ocorriam até a primeira metade do século XX, nos trajetos para os bailes carnavalescos, transportando grupos de parentes e amigos que expunham suas fantasias nas ruas da cidade.

CORTEJO

Evento de rua em que os participantes acompanham e participam livremente do séquito, a exemplo das procissões religiosas, passeatas políticas e manifestações de natureza cívica e cultural. Motiva-se a participação dos que se encontram no percurso. É imprevisível quanto ao crescimento da manifestação ao longo do percurso.

DESFILE

Evento de rua, em que se estabelece nítida diferença de papéis entre os que participam e os que assistem, a exemplo das paradas militares, dos desfiles cívicos, esportivos e culturais. A adesão dos que assistem não é estimulada, quando não reprimida com vigor. Os desfiles possibilitam um rígido controle da manifestação.

DIA PADRÃO DO CARNAVAL DO CENTRO DE SALVADOR

O “circuito”, forma de apropriação e uso do espaço da festa, impõe também o crescente controle do tempo. A definição do horário de desfile nos circuitos condiciona o “dia padrão” do Carnaval do Centro, que se repete em todos os dias da festa e tem ampla repercussão também nas rotinas das áreas de entorno, e até mesmo em toda a cidade. O “dia padrão” se divide em quatro períodos: 1) Preparação: limpam-se as ruas, recolhe-se o lixo, abastece-se o comércio de bebidas e comidas, mantêm-se abertas as barreiras de trânsito em algumas áreas; 2) Pré-desfile: é o período que antecede, de forma imediata, o início do desfile nos circuitos. As barreiras de acesso de veículos são repostas. As equipes técnicas dos blocos arrumam

os trios e os carros de apoio. Os foliões circulam livremente pelas ruas, ainda desimpedidas. Acontece o desfile dos “blocos infantis”. É também o momento preferencial dos grupos de fantasiados. Intenso movimento de chegada, nos terminais, caminhos e estacionamentos; 3) Desfile: é o período que comporta todo o tempo estabelecido oficialmente para a apresentação das atrações previstas para o dia. É o período de tempo controlado rigorosamente; e 4) Pós-desfile: após a conclusão do desfile. Novamente os foliões passam a circular livremente pelos espaços dos circuitos, até serem expulsos pela espuma do serviço de limpeza urbana. Intensifica-se o fluxo de saída, os terminais, estacionamentos e caminhos.

ENCONTRO DE TRIOS

Concentração com a participação de vários trios elétricos, que se apresentam simultaneamente. Evento que ocorre na Praça Castro Alves, marcando o final do Carnaval, ao amanhecer da Quarta-feira de Cinzas. No ano de 2000 ocorreu também no Farol da Barra.

ESPAÇOS TEMÁTICOS

Territórios do Carnaval de Salvador que são constituídos a partir de uma motivação específica, a exemplo do “Espaço do Rock”, na praia de Piatã, o “Espaço Infantil do Passeio Público, no Centro, e o “Palco do Reggae”, na Praça Cairu, no Comércio. Podem adotar outras formas de apropriação e uso do espaço da cidade, diferentes das utilizadas no Carnaval do Centro e dos bairros.

EVENTOS DE CONCENTRAÇÃO

Megaeventos de rua que congregam o público em torno de um ponto de atração. *Shows*, concertos, comícios, manifestações religiosas, entre outros. A mobilidade do público é limitada ao local ocupado, com grandes deslocamentos apenas na chegada e saída do lugar.

EVENTOS DE FLUXO

Megaevento de rua que ocorre a partir de um eixo de percurso de um desfile ou cortejo, de natureza cultural, artística, recreacional, religiosa ou esportiva.

FAROL FOLIA

Megaevento de rua, com forma de apropriação e uso do espaço semelhante ao circuito carnavalesco. Ocorre na mesma área do Circuito Barra/ Ondina, durante um único dia, no mês de janeiro, em data próxima à Festa do Bonfim.

FESTA DE LARGO

Forma tradicional de apropriação do espaço público. Tem origem nas festas religiosas, representando o desdobramento “profano/popular” do “novenário” que antecedia a comemoração do dia do padroeiro. Quermesses, jogos, barracas de comidas e bebidas, rodas de samba, serviam de pretexto para que as pessoas permanecessem no local. O termo faz uma alusão à tipologia preferencial do espaço: o largo.

FOLIÃO PIPOCA

Todos os que estão fora das cordas dos blocos e dos espaços de uso restrito em determinado momento do Carnaval. Mesmo os associados dos blocos são “foliões pipoca” quando não estão dentro das cordas.

LINHA DE TRAJETO DO DESFILE

Traçado contínuo de ruas e avenidas que são apropriadas para a realização do desfile. Percurso preestabelecido para a realização do desfile.

MEGAEVENTO DE RUA

Atividades de natureza efêmera cuja realização impõe, invariavelmente, a ruptura da dinâmica urbana cotidiana de um lugar, do entorno, de toda a cidade, quando não da região. Congregam grande público, ocupando ruas, avenidas, praças, praias e espaços abertos da cidade, com impactos na circulação de veículos de veículos, acessibilidade às edificações e, de modo geral, no padrão de desempenho dos serviços públicos e infraestrutura urbana.

PONTOS DE FRICÇÃO

Aqueles onde, durante o período de montagem, realização e desmontagem da festa, ocorrem atritos entre as condições preexistentes da “cidade cotidiana” e aquelas condições desejadas com a “cidade efêmera do Carnaval”.

PRÉSTITO

Desfile de entidades carnavalescas, com figurantes e carros alegóricos, a exemplo dos grandes clubes que existiram em Salvador como o Fantoches, Cruz Vermelha e Inocentes em Progresso.

SAÍDA DOS BLOCOS

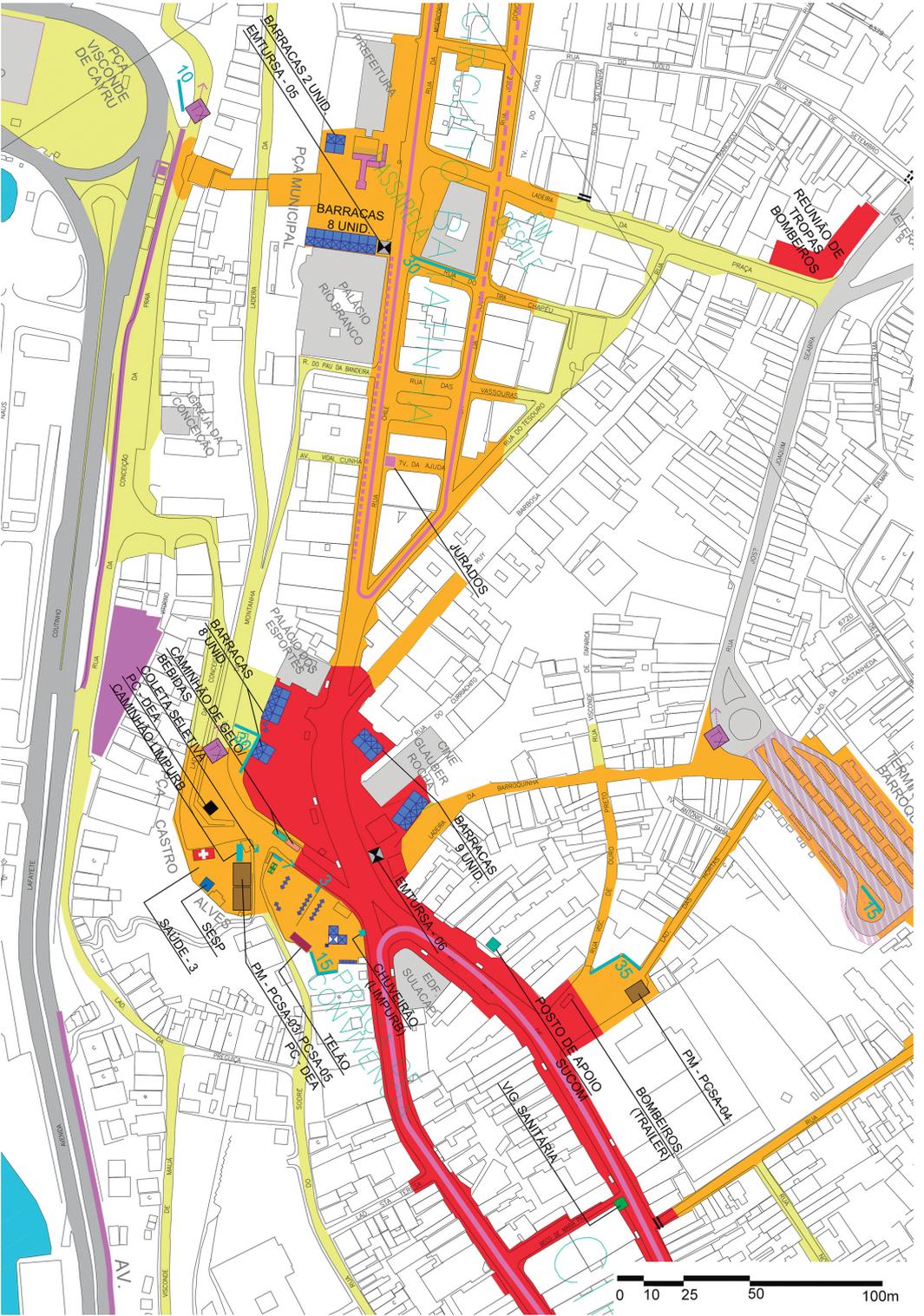
Concentração e cortejo que marca o início do desfile das entidades carnavalescas. Ocorre em locais de grande significado para os participantes, podendo ocorrer rituais de natureza cultural e religiosa.

Fonte: Termos de Referência para o Plano de Estruturação do Carnaval de Salvador

CARTOGRAFIA
E FOTOS AÉREAS
DA CIDADE EFÊMERA
DO CARNAVAL

**CARTOGRAFIA:
PRAÇA CASTRO ALVES**

FONTE: ELABORADA
PELA EQUIPE DO PEC.







**INTERVENÇÃO NA FOTO
DA PRAÇA CASTRO ALVES**

FORNE: FOTOGRAFIA
DE NILTON SOUZA.

CARTOGRAFIA:
BARRA

FONTE: ELABORADA
PELA EQUIPE DO PEC.



BARRA

BOMBEIROS (TRAILER)
 IMPRENSA - ÁREA PARA CAMINHÕES

IMPRENSA - PÓRTICO

GUARDA VIDA / PM

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAHIA)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAND)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (JORNAL A TARDE)

IMPRENSA - GRUA (TV BAHIA)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV MANCHETE)

EMTURSA - 10

PM - PCSA-17
 PC - DEA
 TELEFONES
 IMPRENSA - PRATICÁVEL

BOMBEIRO (TRAILER)
 IMPRENSA - ÁREA PARA CAMINHÃO (TV ARATU)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAND - GLASS)

GUARDA VIDA / PM

IMPRENSA - ÁREA PARA CAMINHÃO (TV BAND)
 CAMINHÃO DE BEBIDAS
 CAMINHÃO DE GELO

PM - PCSA-16
 PC - DEA

IMPRENSA - PRATICÁVEL (CARNAFOLIA)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAND)

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAND)

VIG. SANITÁRIA

GUARDA VIDA / PM

IMPRENSA - PRATICÁVEL (TV BAND)

IMPRENSA - GRUA (TV BAHIA)

EMTURSA - 09

TELEMAR

IMPRENSA - CAMINHÃO (TV BAHIA)

CAMINHÃO LIMPUR

COLETA SELETIVA

BANCAS EXISTENTES 10 UNID.

BANCAS (5 UNID.)

TELEFONES INTERNET

VIG. SANITÁRIA
 SESP
 PM - PCSA-15
 PC - DEA
 IMPRENSA - MICROONDAS (TV BAHIA)

SUMAC

EMTURSA - 08







**INTERVENÇÃO NA FOTO
DA BARRA**

FONTE: FOTOGRAFIA
DE NILTON SOUZA.

**CARTOGRAFIA:
CAMPO GRANDE**

FONTE: ELABORADA
PELA EQUIPE DO PEC.





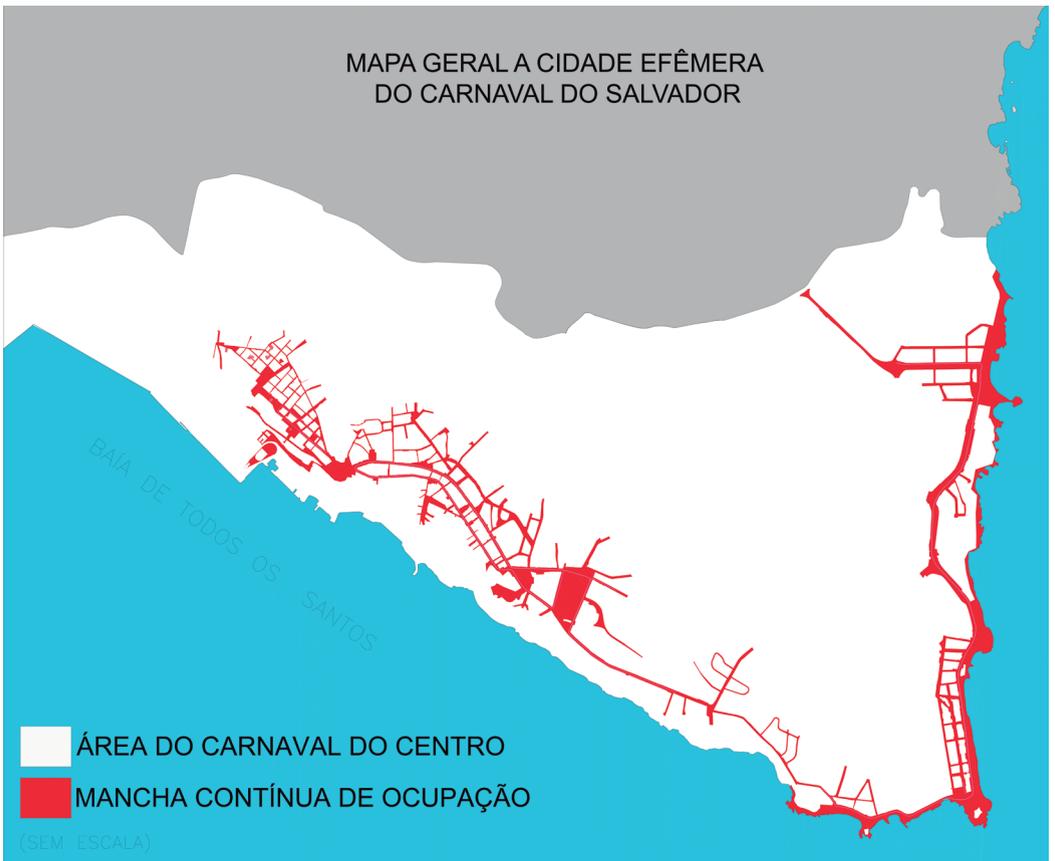
**INTERVENÇÃO NA FOTO
DO CAMPO GRANDE**

FORTE: FOTOGRAFIA
DE NILTON SOUZA.

**MAPA GERAL DA CIDADE
EFÊMERA DO CARNAVAL
DE SALVADOR**

FONTE: ELABORADO
PELA EQUIPE DO PEC.

MAPA GERAL A CIDADE EFÊMERA
DO CARNAVAL DO SALVADOR



Com o Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval da cidade, inaugurou-se uma nova etapa no planejamento da festa por meio do enfoque integrado do espaço do Carnaval e sua relação com a cidade, resultando em um aprimoramento das condições físico-ambientais da cidade durante a festa, ampliando o conforto e a segurança dos que brincam, trabalham e vivem no espaço da festa.

Merina Aragão

Arquiteta da Empresa Salvador Turismo.

ERÓTICA, SAGRADA E LÚDICA: A CIDADE SEGUNDO MANOEL

por Álamo Pimentel, pedagogo, professor da Universidade Federal do Sul da Bahia

Manoel José Ferreira de Carvalho lutou em vida pela liberdade da cidade. Fez e refez a si mesmo ao lado do povo em comunhão com as paisagens ecourbanas da sua Soterópolis. Praticou a contemplação das mudanças dos espaços-tempos da cidade por meio das dinâmicas sociais que movem e transformam os largos, as ruas, os becos, as travessas e as encruzilhadas da capital baiana. Desse movimento que articula a visão interior com a visão exterior, produzia alegorias para dizer a cidade segundo as dinâmicas do espírito humano.

Durante o tempo de convívio que desfrutamos na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA), três alegorias da cidade através do olhar de Manoel marcaram-me profundamente. A cidade como um corpo exposto à fecundidade do desejo. A cidade templo, terceiro a céu aberto para as práticas da fé. A cidade lúdica, potência da alegria na produção da existência.

Certa feita, durante uma longa reunião em que discutíamos a participação da UFBA em projetos de intervenção na Ilha de Itaparica, Manoel impôs uma pausa para relatar-nos uma viagem que havia feito no seu fusca durante a juventude no retorno da Ilha para Salvador. Voltava com amigos. Resolveram vir pelo continente. Naquele dia, a Baía de Todos-os-Santos se apresentou como uma negra, gigante, amorosa e sedutora. Penetrou-a com o seu olhar. Ampliou a sua paixão por aquelas curvas que conciliam a superfície da terra habitada pelas pessoas às profundezas do oceano. Desde então, a Baía de Todos-os-Santos tornara-se musa do seu desejo pela cidade. Foi assim em vida e em morte. Recomendara que as

suas cinzas fossem depositadas no colo da sua desejada negra. Assim foi feito. Incorporou-se à Baía no seu retorno às cinzas.

Durante o exercício do cargo como pró-reitor de extensão, criticava duramente a ausência da UFBA no convívio com as comunidades do entorno acadêmico. Deteve-nos durante uma reunião em que buscávamos estratégias para aproximar a comunidade acadêmica das comunidades vizinhas para descrever o ritual de Omulu no bairro de São Lázaro. Ali, em uma das encruzilhadas que fazem o caminho do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), os banhos de pipoca materializam os rituais de cura do espírito. As chagas de Omulu transformadas em manacás pela generosidade de Iansã simbolizam a ocupação da rua com práticas negro descendentes da fé. Nos arredores da Igreja de São Lázaro, símbolo da ocupação colonial da capital baiana, os terreiros de candomblé praticam formas de resistência cultural. Devolvem às ruas da cidade o seu estatuto sagrado. Manoel José mostrava-nos que para os praticantes de religiões não cristãs, as ruas eram tão sagradas quanto naves de igrejas. Favoreciam o exercício da espiritualidade a céu aberto, em comunhão com a natureza.

A trajetória intelectual de Manoel José estava profundamente vinculada às suas vivências. Refazia-se à medida que se fazia na contemplação da cidade. Durante a Festa do Senhor do Bonfim, recebia os amigos e as amigas em sua casa. Oferecia farto café da manhã. Após a refeição, liderava o grupo a festejar a cidade na caminhada do Largo do Campo Grande até a Colina Sagrada. No meio do caminho, interrompia-nos para narrar experiências com o povo e a festa. Envolvia-nos como menino na experiência brincante da redescoberta das ruas. Do calor da sua casa para o calor urbano, participávamos todas e todos da alegria de fazer a cidade.

Penso que Manoel José Ferreira de Carvalho arranjava-se bem como artesão da vida. As suas atitudes combinavam com rara criatividade, o espírito dos geômetras ao espírito das sutilezas, como nos lembra Blaise Pascal (1973). Dos primeiros incorporara os princípios da sua formação como arquiteto, dos sutis adotara a ótica certa de ver e dizer o mundo conforme a experiência sensível. A potência das suas criações

intelectuais estava em fazer ver a força do efêmero na multiplicação da vida em que as solitárias planificações e cálculos das estruturas projetam imaginação dos vazios.

O peregrino da Soterópolis constituiu-se educador como arquiteto e pessoa do povo da cidade. Fez da contemplação a sua pedagogia do ver. (HAN, 2015) Portador da coragem de se deixar deter pelas formas em que a cidade inscrevia-se no seu inquieto espírito contemplativo, Manoel José também sabia interromper-nos com a sua intempestividade por vezes irada, outra tantas vezes divertida, para nos indicar alegorias humanas emergentes dos tecidos móveis da cidade. Dentro e fora de si, dentro e fora da universidade, tornou-se educador pela incansável luta na devolução social da cidade em que compartilhava com o povo a transformação do olhar.

Manoel José Ferreira de Carvalho continua presente. Persiste como testemunho do presente a favor da liberdade da cidade. (HARVEY, 2013) Fez da sua vida uma luta coletiva pelo “direito de mudar a cidade com o desejo de nossos corações”. (HARVEY, 2013, p. 28) Combinara a política com a ética e a estética no incansável labor de si com os outros.

Erótica, sagrada e lúdica, a cidade, segundo Manoel José Ferreira de Carvalho, produz pulsões de vida. Quando o ânimo de todas as lutas sociais esmorece, em algum lugar da cidade sempre haverá potência para o desejo, a fé e a alegria para refazer-nos com a cidade.

Referências

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARVEI, D. *A liberdade da cidade*. In: MARICATO, E. (org.). *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, SP: Boitempo/Carta Maior, 2013.

PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo, SP: Ed. Abril, 1973.

A VOZ DE MANOEL SE ELEVA OUTRA VEZ

por *Edvard Passos*, organizador

A ideia original foi organizar um livro, do começo ao fim, com as palavras de Manoel José. Até mesmo a epígrafe de Caribé é uma transcrição feita por ele, que encontrei num pedaço de papel pautado nas suas caixas, entre os arquivos do Projeto Cidade Carnaval Cidade.

Reuni, assentei no papel e dei forma, através de uma perspectiva cronológica, a formulação teórica do mestre para que não se disperse no ar a produção intelectual mais vibrante que tive o privilégio de ter contato durante a minha passagem pela Faculdade de Arquitetura. Faço isso para que outros tenham a oportunidade que eu tive e que fez de mim um estudante de arquitetura muito melhor, um artista muito melhor, um soteropolitano muito melhor.

Dispus o livro em três momentos: 1. Cidade Carnaval Cidade; 2. Um plano para a cidade efêmera; 3. Propostas para o Carnaval de Salvador. São três estágios da ação de pesquisa, ensino, extensão e intervenção de Manoel. Um ciclo completo, que nasce na academia, rompe os muros da universidade e finda na intervenção direta na vida da cidade. Momento 1: gestação, no seio da Faculdade de Arquitetura, e nascimento do projeto para a sociedade em geral, nos anos de 1997 e 1998; Momento 2: desenvolvimento das ideias para elaboração do plano de estruturação do espaço do Carnaval, nos anos 1999 e 2000; Momento 3: intervenção, a partir da celebração do convênio entre a Universidade Federal da Bahia e a Prefeitura Municipal de Salvador, nos anos 2001 e 2003.

A publicação é constituída da fala de Manoel José no evento Seminários de Carnaval de 1998, transcrita no livro *Seminários de Carnaval II*, organizado pelo professor Paulo Lima; do roteiro do vídeo *Configuração*

Físico-Territorial do Carnaval de Salvador, escrito por Manoel em 1998, no âmbito do Projeto Cidade Carnaval Cidade, da Faculdade de Arquitetura da UFBA; dos Termos de Referência para o Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, coordenado por ele, em 2000; da fala de Manoel transcrita na publicação *Quem Faz Salvador*, resultante de um extraordinário ciclo de palestras realizado na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em 2001; do documento “Propostas para o Carnaval 2002”, resultado do convênio de cooperação técnica estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Salvador e a Universidade Federal da Bahia; da entrevista de Manoel José cedida à TV UFBA, no começo de 2003; além de apontamentos avulsos, contidos nos arquivos de Manoel.

Esses conteúdos foram minimamente editados, somente ao ponto de quebrar o formato burocrático-protocolar de alguns documentos para proporcionar a fruição contínua do leitor.

Este livro não nasceria sem a sensibilidade da dirigente da Edufba, Flávia Goulart Rosa, que percebeu, nas comemorações dos 70 anos da Universidade Federal da Bahia, a oportunidade de publicar Manoel José. Como Manoel dedicou-se enormemente à UFBA, tornou-se uma espécie de sinônimo da instituição. Portanto, homenageá-lo é celebrar a própria universidade. Agradeço a todos da Edufba pelo acolhimento e empenho, em especial às queridas profissionais envolvidas diretamente na elaboração da publicação: Angela Garcia Rosa, Gabriela Nascimento, Letícia Rodrigues, Sandra Batista e Amanda Lauton.

A publicação também contou com a adesão, em peso, da Reitoria da Universidade, expressa aqui através da presença prestigiosa dos textos do reitor João Carlos Salles, do vice-reitor Paulo Miguez e do professor Paulo Lima. Muitíssimo obrigado, professores. O gesto de vocês engrandece demais essa homenagem.

Todo o trabalho seria impossível sem a confiança e o apoio irrestrito e amoroso da família de Manoel, de seus três queridos irmãos, Fernando Guerreiro, Hilda Amitay e Carlos Eduardo Carvalho, que contribuíram em tudo, em todas as áreas, com conteúdo, orientações, muito entusiasmo e emoção.

Agradeço à Faculdade de Arquitetura da UFBA, na figura da professora Naia Alban, diretora da unidade, que proporcionou a infraestrutura espacial, bem como recursos humanos que facilitaram sobremaneira a tarefa de organização do livro.

Quero fazer um agradecimento especial e destacar a participação imprescindível de uma das colaboradoras mais leais que Manoel já teve, a professora Mariely Santana, guardiã do acervo completo de Manoel José, há 11 anos. Quando Erivaldo e eu, no final de 2005, na desmontagem do apartamento de Manoel, enchemos um carro com livros, arquivos e estantes do mestre, tivemos como destino o Centro de Estudos da Arquitetura Baiana (CEAB) e os cuidados de Mariely. Nenhuma outra decisão seria mais acertada. Todas as fontes que compõem este livro foram encontradas lá e todo trabalho de organização se deu por lá, nas instalações do CEAB. O tesouro de Manoel permanece intacto, em perfeito estado e catalogado, graças a Mariely. Tudo pronto para gerar outras publicações, como assim espero. Que, na linha de *A Cidade Efêmera do Carnaval*, nasça o próximo livro *Cidade Carnaval Cidade*, e renasça todo o projeto de pesquisa de arquitetura efêmera e eventos de rua.

Agradeço também a todos os amigos, colegas, professores e funcionários que contribuíram com depoimentos sobre Manoel José e que compõem a seção sobre o autor, exclusiva dessa edição especial comemorativa dos 70 anos da Universidade Federal da Bahia e que tanto ajuda no delineamento do perfil do grande homenageado.

Por fim, agradeço aos meus talentosos parceiros da lida diária da organização do livro: Ana Beatriz Ramos e Tarcísio Assis, pela disposição, pelo convívio bem-humorado, pelos debates, pelo interesse, pelas ideias, pelas contribuições efetivas que foram norteadoras dos rumos da empreitada. É à presença deles que atribuo a atual feição gráfica da pesquisa e a pronta reunião de todas as fontes em meio digital, que possibilitou a escultura do livro em tempo hábil.

A voz de Manoel se eleva outra vez. Ecoa na Mastaba, vaza no Auditório 1, ganha o pórtico e atravessa o portão da faculdade. Invade a rua Caetano Moura, vai ao Gantois, ao Binóclo, ao Calabar, ao Salão Nobre

da Reitoria, dá voltas no Campo Grande, vai à Fonte Nova em dia de jogo do Bahia, passeia de saveiro pela Baía de Todos-os-Santos e pede a benção ao Senhor do Bonfim. Sobe o Elevador Lacerda e, de cima do trio elétrico, irradia, pelas cinco pontas da Praça Castro Alves, da mancha vermelha, até os confins da amarela, até os portais de sua cidade efêmera do Carnaval.

Espero que tenha ficado do seu agrado, meu amigo.

SOBRE O AUTOR

Depoimentos de:

Paulo Costa Lima

Antonio Albino Canelas Rubim

Silvio Almeida

Maria das Graças Montenegro

Edson Borba

Elizabeth Ulisses

Mara Castagno

Ana Carla Lira

Ernesto Galindo

Daniel Mellado Paz

Rafael Cordeiro

Silvio Nascimento

Hilda Ferreira de Carvalho

Carlos Eduardo Carvalho

Manoel José Ferreira de Carvalho

*Manoel via coisas em mim
que eu não via ou não enxergava.
Aprender sobre si mesmo não é coisa fácil.
De onde vinha a autoridade daquele mestre
senão do timbre da camaradagem?
Entre histórias e piadas portuguesas, bem
ao largo e bem além, aprendi algo que
transcende o sal do indivíduo,
embora esteja em suas raízes
e em sua ética – o olhar da amizade.*

A paleta da amizade. Busco aqui um desafio metodológico: proceder a partir da indução, tomando como caso exemplar algo tão inefável e tão concreto como o olhar do amigo, tecendo em fios de memória e de análise um painel de atitudes, de feições – esforço sincero de captar uma inteireza impossível, mas tão real. O valor da amizade grudado no valor-convicção de que a vida se trama em rede – de pessoas, de conversas, discussões, projetos e assembleias: agucem os ouvidos, todos, podemos ouvir no alto e bom som da memória a inesquecível voz de Manoel, sempre tão decisiva em situações públicas, sempre tão amiga, suave e sincera nos colóquios de pé de ouvido.

Ouso dizer que para Manoel a amizade ia além da dimensão da troca entre indivíduos. Havia esse mais além que era da ordem dos valores, como se fosse uma convocação mais ampla. Quase diria que era da ordem da militância, mas só escrevo isso se o leitor entender que essa categoria foi sendo ampliada ao longo de sua trajetória: da resistência à ditadura com todos os seus métodos e subterfúgios, passando pela vida universitária – a consciência aguda do papel social da universidade, expressa em suas

ações como Superintendente Estudantil, diretor da Faculdade de Arquitetura e pró-reitor de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – até incluir o próprio Carnaval, uma militância radical e gozosa que nos constitui como lugar cultural. Essa é uma ideia a ser acalentada, a militância como um *template* que vai sendo configurada a cada situação e desafio. Todavia, permaneceria a pergunta: a que responde essa práxis?

E também não era todo Carnaval que caía em sua rede. Era o Carnaval da Bahia, com suas manchas envolventes, seu *dégradé* de papéis, funções e luzes. A montagem e desmontagem de uma cidade sobre a outra, de um imaginário sobre outro. Foi com Manoel que aprendi que a dinâmica de rua do nosso Carnaval descendia das nossas seculares práticas religiosas, as procissões. E que o relevo de Salvador, e toda a dinâmica de ruas estreitas que se encontram e até se atropelam, entrava na equação como substrato das emoções sentidas e cultivadas. Em seu primeiro texto sobre a relação da cidade com o Carnaval, oriundo de uma apresentação nos seminários realizados no início de 1998 – e que tive a honra de editar e publicar no livro *Seminários de Carnaval II* (1999, p. 181-193) –, Manoel enfatiza:

O trio elétrico é um elemento fundamental, porque ele vem e subverte completamente os ritos de apropriação do espaço. O que existia, até então, se configura de uma forma diferente, porque o trio elétrico não respeita percursos, mistura as pessoas, não admite a rigidez do pré-tito, nem os horários. E a gente entende que o trio traz consigo, no início da década de 50, toda uma gênese de uma nova ordem de apropriação do espaço.

Quantas conversas tivemos sobre trio elétrico! Sobre o trio como desafio arquitetônico, como concepção de espaço móvel desencadeando todo esse tipo de transformação na cidade. Isso nos dá a medida da abrangência do seu pensamento sobre o Carnaval – o espaço como algo que define tudo, onde a festa (e o espírito) encarnam. Eis aí a espinha dorsal de sua pesquisa – em contradição explícita com todas as tendências contrárias,

que pensam e tratam o espaço como mera consequência, como adereço e, portanto, como obstáculo, diria Manoel.

E foram essas conversas que me animaram a refletir com mais vagar sobre o significado do trio elétrico como construção musical. Alguns anos depois escreveria (2010, p. 38):

Quem já assistiu à passagem de um trio elétrico trazendo em torno de si todo o repertório humano de um bairro popular, saberá do que estou falando. Encantamento total na junção entre música e dança. O calor e a euforia são tão grandes que alguns tiram a camisa pra rodar por cima da cabeça. Tem casais abraçados, crianças montadas no pescoço dos pais, gente de meia-idade, mulheres em grupos, vendedores ambulantes vendendo e dançando, disputa pra ver quem faz a melhor pirueta, e vez por outra aquele empurrão no meio do bloco...

Éramos naqueles anos um grupo aberto a reflexões e estímulos que circulavam a partir do entusiasmo de uma universidade outra, pensada de forma estruturante como diálogo com outros agentes da sociedade – não apenas os considerados “de dentro”, mas justamente os que considerados “de fora” tinham muita a coisa a dizer sobre o todo da instituição. Estávamos em plena gestão do Programa UFBA em Campo, cuja parte prática acontecia no espaço da Faculdade de Arquitetura. O diretor lá estava muitas vezes, inicialmente para cumprir a formalidade de anfitrião. Mas com o passar do tempo, ele foi percebendo que aquela dinâmica era muito próxima do que ele pensava, do que ele era. Não sei dizer ao certo em que momento já não havia o diretor da Faculdade de Arquitetura como alguém distinto do membro apaixonado pelas possibilidades de construção pela via da extensão universitária. E isso aconteceu mesmo estando (eu e ele) em grupos políticos da universidade que se afastaram e entraram em conflito. Também vivemos esse capítulo. Discordamos em vários pontos, mas quando percebemos, estávamos juntos de novo, trabalhando com mais firmeza ainda...

Vale registrar que o olhar de Manoel sobre o Carnaval da Bahia tinha maturidade política. Ele sabia que cada gesto e cada movimento desencadeavam significados e interferências na esfera do poder, pela via da cultura. Colocar-se diante do todo que é esse Carnaval requer essa visão abrangente e acolhedora da diversidade – étnica, social, econômica e política. Olhava pra mim com aquele ar de cumplicidade matreira e dizia: “pois é, Paulo, a culpa é da água!”. O quê? A água que irriga as casas da Bahia. A loucura passa pela água, fazendo esse lugar improvável que somos. Manoel tinha consciência aguda da excentricidade do lugar cultural que vivia.

Ora, é o mesmo Manoel que se põe em defesa da causa das cotas raciais na UFBA e empresta sua voz e sua presença marcante diante de coletivos e assembleias a esse caminho inovador que por aqui foi traçado. Manoel frequentou não sei quantas escolas de segundo grau para expor as ideias do projeto, deu entrevistas, participou de debates. Sabia que essa era uma transformação estruturante, a exigir a concorrência de uma militância específica. Nesse período, já como pró-reitor de extensão, no reitorado Naomar Almeida, também concebe e realiza um programa dedicado à interlocução criativa com as vizinhanças da UFBA, comunidades com quem dividimos o espaço em Salvador. É ou não é mais uma comprovação do valor da amizade?

Essa visão e sintonia com os cotistas foi o resultado de um longo processo de dedicação ao tema “estudantes da UFBA”. De maneira mais específica, a sua atuação exemplar durante o reitorado da professora Eliane Azevedo. O cargo de superintendente estudantil passou a ser mais do que uma representação oficial da estrutura e burocracia da universidade diante do tecido estudantil, muitas vezes um verdadeiro amigo do estudante. Ali estava alguém que entendia em profundidade a experiência de ser estudante na UFBA, a dimensão da participação política do estudante na vida universitária.

Peço que abram aí um espaço para o registro da importância e sutileza da dimensão da metodologia nesses pensamentos e ações que aqui registro. Metodologia entendida em sua acepção ampla, o cuidado com

a escolha dos caminhos. Durante as décadas de implantação da pós-graduação na UFBA, era quase como se o uso da palavra “metodologia” exigisse imediatamente algum tipo de pagamento de franquia, algum gesto de alinhamento com o tipo de pensamento sistemático conduzido pelos programas de pós-graduação. Ora, Manoel não seguiu o rumo da pós-graduação (a qual, aliás, muito perdeu com isso), cultivou a extensão, algumas vezes como antídoto e garantia de liberdade. Ora, sua preocupação com métodos e caminhos era intensa e definidora de tudo. Isso, aliás, está lá na raiz da formação de arquiteto; afinal, o que é mesmo um projeto, se não o desenho de um caminho metodológico?

Um exemplo: durante a concepção e realização do Programa Quem faz Salvador?, entre 2000 e 2002 na Pró-Reitoria de Extensão, no reitorado Heonir Rocha, e tendo ele próprio como coordenador, depois de todo o ciclo de mesas-redondas, reunindo dezenas de pesquisadores falando sobre temas da cidade – posteriormente editados em livro –, precisávamos também registrar o discurso de lideranças populares, para que a pergunta geradora do projeto não caísse no vazio da exclusão de tantas vozes e perspectivas importantes sobre a cidade, e muito diferenciadas dos discursos dos pesquisadores.

Foi Manoel que propôs a solução que passamos a adotar: identificamos cerca de 50 professores da UFBA que tinham o pé na estrada, no barro das comunidades, e pedimos a eles que indicassem duas ou três lideranças comunitárias que traduzissem o espírito da construção conjunta e troca de saberes entre universidade e comunidades. Sem essa decisão metodológica e política, o conjunto de 160 entrevistas colhidas e publicadas sob a forma de CD, sem critério definido, dificilmente faria sentido. Por que essas pessoas? Como a UFBA escolheu essas vozes? O cuidado metodológico veio de Manoel.

Continuo no tema da metodologia, mas volto a tratar da primeira apresentação do projeto Cidade Carnaval Cidade, nos seminários de Carnaval de 1998, mesmo evento que deu origem à publicação citada anteriormente. Qual foi o caminho traçado? Depois de longas conversas tidas

por Manoel José com Isaias Carvalho, Paulo Miguez e Mônica Mcallister, reconhecendo a abrangência da questão e de caminhos, surge o desafio:

A dificuldade era saber por onde começar, e aí surgiu a ideia de que nós deveríamos começar pela graduação, ou seja, pela graduação seria possível se moldar o ponto de partida e, a partir daí, se veria como o trabalho continuaria. A partir dessa ideia, nós resolvemos assumir uma turma de uma das disciplinas práticas de projeto da Faculdade de Arquitetura, que nós chamamos de Planejamento VII e Planejamento VIII. São turmas de alunos concluintes, e convidamos os alunos antes do semestre, explicando qual era a nossa ideia, o nosso propósito, e, conseqüentemente, o nível de compromisso e responsabilidade que significava aderir a esse projeto. Para felicidade nossa, para as vinte vagas que a turma teria, nós conseguimos a adesão de vinte e nove estudantes, e uma lista de espera de quatro, o que demonstra que havia, na verdade, um interesse grande dos alunos em trabalharem com esse tema.

Está aí a prova dos nove. Diante de uma ideia promissora, podendo escolher formas distintas de desenvolvê-la – inclusive o fechamento da proposta em um projeto individual –, Manoel José opta pelo caminho da construção de um coletivo que se dedicasse ao tema, e assim corrigisse uma dívida histórica da Faculdade de Arquitetura.

Um grupo de algumas dezenas de jovens que abraçou de forma apaixonada a trilha de estudo do Carnaval, que foi a campo para observá-lo de perto, que construiu seminários e discussões diversas sobre os resultados que iam sendo contabilizados. Um grupo que se faz presente até hoje, na edição deste livro.

Sendo assim, não estamos muito longe da formulação inicial: a militância como uma prática que estrutura a vida e dá origem a uma abertura para caminhos e metodologias os mais distintos, amizades aí incluídas.

Não que a militância seja um valor em si, seria mais algo como uma espécie de *template* – variável a depender da situação, objetivos e desafios – e que responde à visão utópica de uma sociedade que tem (pode ter, precisa ter) a capacidade de se entender e de se transformar, sendo o Carnaval uma grande aplicação e metáfora de tudo isso.

Alguns outros fios de memória:

No tempo de ligação direta com o partido, Manoel José recebia missões, tarefas. Uma delas foi acompanhar em viagens o estudante Ruy Cesar, recém-eleito presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), no comecinho da década de 1980. Precisava zelar pela integridade política do que estava em jogo, pois existia, ainda na ditadura, a possibilidade de reconstrução nacional da atuação e do imaginário da UNE (Figueiredo levando adiante a abertura de Geisel);

Estávamos descendo a escada sinuosa da velha casa da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. Manoel falou no tom mais casual possível: “você não sabe a dificuldade de ser substituído, não é?”. Estávamos em fim de gestão. Eu, de fato, nunca tinha pensado daquela forma, fiquei surpreso e agradecido pelo carinho do amigo. Mas não era apenas carinho, ele pensava assim mesmo. Acho que motivado por esses pensamentos, não desistiu um segundo até que meu nome fosse indicado para uma próxima empreitada, a presidência da Fundação Gregório de Mattos. Fez contatos, conversou com os envolvidos e até entrou na lista dos possíveis indicados, só para abrir caminho para mim. Manoel, Manoel, fiz de tudo para não decepcionar o seu olhar de confiança. Mas no meio do caminho você partiu. Saudade!

Paulo Costa Lima

Compositor e professor.

Conheci Manoel José em tempos difíceis. A ditadura civil-militar infernizou a vida dos brasileiros entre 1964 e 1985. O país respirou medo no início dos anos 1970, período mais brutal da ditadura. A grande mídia festejou um Brasil grande, harmônico e pacífico, além de seus altos índices de crescimento econômico. Por adesão e, às vezes, por ação da censura, a grande imprensa silenciou: repressão, tortura, corrupção, arrocho salarial, concentração econômica, agressão ambiental, aumento da dívida, assassinatos políticos no campo e na cidade e outros males, fielmente escondidos. O medo quase paralisou a vida. A Polícia Federal e os agentes do regime pareciam estar em todos os tempos e lugares. Além deles, outros queriam prestar serviços à ditadura como forma de se aproximar do poder. Alguns deles foram prefeitos, governadores e ministros. A delação e o medo teciam o presente.

Nesse clima de medo e repressão, conheci Manoel José. Eu e colegas do curso de jornalismo da Escola de Biblioteconomia e Comunicação buscávamos reorganizar o Diretório Setorial de Jornalismo, até então fechado. Nesse movimento, conhecemos Manoel José, já articulando a reconstituição do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), fechado pela ditadura. Tempos difíceis. A coragem, a clareza, a disposição e a liderança de Manoel José impressionavam. Ele circulava por toda a UFBA, parecia onipresente. Ele foi vital para o ressurgimento do movimento estudantil na UFBA e do movimento político naqueles tempos tenebrosos. Lembro do Boletim dos Estudantes da Bahia – creio que era assim que se chamava – circulando, informando e alimentando as lutas para a reconstrução do movimento estudantil; dizendo o que não podia ser dito e animando novos e velhos combatentes da ditadura. Tempos difíceis, mas também tempos do Centro Universitária de Cultura e Arte (Cuca) e de manifestações culturais politicamente engajadas

na luta pela democracia. Lembro aqui um colega de Manoel José, na Faculdade de Arquitetura, Frederico Mendonça, e seu trabalho no Cuca. DCE e Cuca, política e cultura, com Manoel e Fred, reunidos na luta contra a ditadura, por liberdades e pela democracia.

Na luta pela democracia fora da universidade, reencontro Manoel José e sua capacidade de articulação e liderança no Trabalho Conjunto, desmembrada reunião de grupos e instituições, nas lutas urbanas, estaduais e nacionais. Momento ímpar, em suas tensões, de conexão da luta com setores cada vez mais amplos da sociedade. Agora, Manoel José não só articulava, congregava e lutava na Universidade, mas se fazia presente no crescente movimento de redemocratização do país.

Contingências da vida, do trabalho e das lutas nos distanciaram. Voltei a conviver com Manoel José já professor da UFBA, como eu. Compartilhamos novamente lutas e projetos. Estivemos juntos no Conselho Universitário, ele como diretor da Faculdade de Arquitetura e eu como diretor da Faculdade de Comunicação. Constituímos então um grupo afinado que, inclusive, participou ativamente das disputas do poder universitário, colaborando na democratização da UFBA. Pouco depois, Manoel José dirige a Pró-Reitoria de Extensão, realizando, com todo seu empenho, um trabalho inovador.

Nas conversas com Manoel José, aprendi muito sobre vida, luta, cidade e Carnaval, algumas de suas paixões. Nelas, a engenhosidade do Carnaval adquiria lugar especial. A organização da festa, sua admirável complexidade, a exemplo da “arquitetura efêmera” acionada, era desvelada pelo olhar atento, competente e apaixonado de Manoel José. Muitas são as memórias e recordações. Pequeno é o espaço para preencher com todas elas. Os diversos depoimentos vão permitir olhares diversos sobre Manoel José, mas imagino que muitos apontarão sua capacidade política e sua paixão pela democracia, pela universidade e pela vida.

Antonio Albino Canelas Rubim

Professor da UFBA e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Professor Manoel José era um homem generoso, um homem simples. Eu trabalhava de segurança na época, ali no estacionamento, e observava ele. O carro dele nem parecia o carro do diretor. Era um Fiat Uno, tranquilo, o carro mais simples que tinha era o dele, como diretor. E ele, como pessoa também, era assim, muito popular, e tem uma passagem que retrata isso.

Tinha uma funcionária da limpeza que pegou o salário dela e guardou no armário, mas foi todo furtado. Ela chorou muito (alguém do meio, que sabia onde ela guardava o salário dela, furtou). Além do salário todo, os *tickets* de vale-transporte. A queixa chegou na Diretoria e ele saiu dando um giro em todas as salas. Quando chegou a tarde, ele mandou chamar ela e disse “*Olha, eu já recuperei seu salário todo, só não consegui seus vales-transportes, mas eu passei de sala em sala daqui, lá do CEAB, e aí consegui uma vaquinha rápida, seu salário tá aqui*”. Ele, sozinho, saiu daqui da Diretoria para fazer uma vaquinha com todo mundo que ele conhecia. Ligou para Belas Artes, pediu a outros amigos dele de lá e todo mundo colaborou. Ele era assim, ele pegava sua causa. Não importava se fosse uma pessoa terceirizada, um funcionário ou professor. Ele era muito amigo.

Silvio Almeida

Compositor e técnico-geral da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

A característica principal de Manoel José era a generosidade. Ele era um ser humano generoso e também gostava muito do trabalho, gostava muito do que fazia.

Ele fazia bem para as pessoas, mas era muito “fechado” em relação a isso. Gostava de fazer as coisas, mas sempre calado, pois não transmitia o que tinha feito.

Um excelente chefe, era muito alegre, adorava comida, vatapá, caruru, mocotó – adorava essas coisas, comida pesada era com ele mesmo. Ele gostava demais de festas.

A gente tinha convivência forte com o Diretório de Arquitetura dos Estudantes. Os alunos davam palpites em tudo, foi uma gestão muito bacana.

Também, quando ele se chateava, saísse de baixo. Tinha uma personalidade fortíssima e não gostava de ser contrariado. Mas também quando ele gostava... Ele não suportava gente preguiçosa.

Manoel José foi uma perda irreparável aqui para a Escola. Ele se dava com todo mundo.

Depois ele foi pró-reitor de Extensão, foi muito querido lá também. Eu acho que os depoimentos contrários devem ser pouquíssimos, porque ele tinha luz própria. Gostava de brilhar. Foi de muita camaradagem a gestão dele aqui. Eu gostei demais.

Maria das Graças Montenegro

Funcionária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Professor Manoel José foi um exemplo, uma pessoa muito carismática, cuidadoso com todos os colegas dele, professores e nós, técnicos-administrativos da UFBA também. Na gestão dele como diretor, fui secretário e foi um grande aprendizado. Ele me ensinou muita coisa, lutamos, fizemos uma grande reforma na faculdade, na época, das pranchetas, das salas de aula...

Foi um excelente diretor, sempre pensou no mais fragilizado, que é o terceirizado, como o pessoal da higienização, da vigilância... Não podia ver as pessoas passarem certa dificuldade que ele ajudava. Até ajudava na parte financeira, com medicamentos, essas coisas todas, mas também um cara rigoroso nas suas atitudes administrativas porque ele queria sempre as coisas certas.

Um grande exemplo, um grande professor, os alunos dele comentavam muito. O próprio filho do ex-governador Wagner foi aluno dele. Edvard também, né? Alguns hoje são professores já. Como professor, ele recebe muitos elogios por parte dessas pessoas.

Teve a questão do Cidade Carnaval Cidade, que nós também trabalhamos. Era um sonho dele mudar o Carnaval. Espero que alguém venha levantar esse projeto, inclusive até em homenagem a ele. Foi um grande projeto.

A gestão dele terminou e aí ele foi convidado para a Pró-Reitoria de Extensão. Eu até tentei ir para lá, trabalhar com ele, tínhamos um bom fundamento na questão administrativa. Mas não foi possível porque o outro diretor me segurou aqui.

Edson Borba

Funcionário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Uma coisa que eu nunca esqueço é que, isso antes dele ser diretor, eu e outra colega ficávamos esperando nossos maridos ali na frente, aí ele dizia: “quando eu for diretor, eu vou botar ali uma cadeira para esperar marido”. E outra coisa que eu nunca esqueço é que nós tínhamos uma colega, uma amiga em comum, e ele sempre dizia assim: “diga a Cris que quando ela for diretora de qualquer coisa eu serei o vice dela”. É uma coisa que marcou minha vida, todas as vezes que eu me lembro dele, eu me lembro dessas coisas, e quando eu olho lá para Casinha, para aquele *hallzinho* ali da frente, eu lembro que ele dizia que ia botar a “cadeira espera marido”.

Ele foi um diretor muito atuante, ele vivia a Escola.

Como diretor, ele realmente fez muita coisa aqui. A vida dele era essa escola.

Da última vez que eu falei com ele, já estava como pró-reitor de extensão. Nós tínhamos outra colega, que era amiga em comum, Elísia, que era professora daqui e, assim que ela se aposentou, ele levou ela para lá, para trabalhar com ele. Ela dizia assim: “Manoel José vive tirando meu couro! Eu vou sumir”. Mas ele dizia a ela que enquanto ele estivesse lá, os dois estariam juntos.

Elizabeth Ulisses

Professora, atualmente secretária da Diretoria.

Vulcão de ideias e emoções, arrebatava com voz grave, profunda e segura as assembleias do movimento estudantil na década de 1970. Excelente colega e aluno, concluiu o curso de arquitetura em 1975. Manteve-se engajado nos movimentos de luta contra a ditadura e era liderança do Trabalho Conjunto de Salvador, iniciativa pioneira que congregava profissionais liberais, estudantes e representantes dos movimentos sociais em busca de uma cidade mais justa. Comprometido com as causas urbanas, Manoel encarava a arquitetura como um serviço em prol do bem coletivo.

Sua relação com a cidade de Salvador era apaixonada e imbuída de uma cumplicidade sensorial que dava significado especial aos lugares: Piedade, Comércio, Pituba e Periperi ganhavam forma e vida através da sua percepção do urbano que incluía e mesclava relevo, sons, cheiros, construções e, acima de tudo, a apropriação da cidade pelas pessoas. As festas e ritos eram tratados como fatos urbanos que, na sua efemeridade, transfiguravam o significado dos espaços.

Compadre Manoel possuía o dom raro e especial de valorizar cada ser humano no seu convívio diário, identificando saberes e potencialidades escondidas as quais fazia aflorar com maestria. Essa generosidade despertava aptidões adormecidas e nos abria novos horizontes profissionais e pessoais. Trabalhar em uma equipe liderada por Manoel era uma experiência única, quase uma aventura radical que exigia esforço e dedicação amplamente recompensados pela inovação, desafios e crescimento coletivo. Manoel tinha grande prazer no trabalho e mergulhava de cabeça em cada projeto, nos arrastando junto.

Compadre querido e amigo de muitíssimos carnavais, sua casa e seu coração estavam sempre abertos para acolher e compartilhar as dores, sonhos e projetos individuais e coletivos e multiplicar as relações de afeto.

Saiu de cena num sábado, 3 de dezembro de 2005, a tempo de encontrar Yansã para participar da sua festa e saborear acarajés, bobó de camarão e muitas moquecas. Sua risada ecoa nos cortejos e batuques e seu olhar paira intrigado nos descaminhos da cidade do Salvador.

Mara Castagno

Arquiteta.

Falar de Manoel é falar da minha história. Da minha e talvez de mais algumas dezenas de pessoas que tiveram a sorte de verem seus caminhos influenciados por um líder nato, um mestre visionário, um orador eloquente, um acadêmico irreverente, um orientador impecável e, acima de tudo, um homem incrível, de humor contagiante e uma capacidade enorme de compreender e acolher as pessoas, tal qual coração de mãe.

Falar de Manoel é ser piegas mesmo. É estampar um sorriso bobo no rosto, ficar com lágrimas nos olhos e coração acelerado. É saber que sua existência marcou a minha trajetória em um antes e um depois. Participar de um grupo de pesquisa sobre megaeventos de rua foi a minha porta de entrada no seu universo e a dele no meu. Jamais poderia imaginar que a partir dali se desenvolveria uma relação de amizade tão bonita e marcante, desde sempre permeada pelo mais puro respeito e uma profunda admiração. E ali, naquela fase tão fértil da vida, ele soube plantar sementes de um conhecimento que até hoje não encontrei nos livros. Ali, no seio do mundo acadêmico, Manoel abriu a minha cabeça e me ensinou a ver o mundo com poesia nos olhos, a entender a cidade a partir das pessoas que a conformam, a valorizar a experiência para além da teoria, a enxergar que festa também é coisa séria e que pode haver uma ordem por detrás do caos. Ou não. Planejar o Carnaval de Salvador era apenas uma alegoria do mundo de desafios e possibilidades que ele então suscitava àquele grupo de meninos e meninas, tão verdes. Éramos os “meninos de Manoel”, título que me enchia de alegria, mesmo sem ainda ter a noção da dimensão que aqueles momentos ganhariam na minha vida.

Falar de Manoel é trazer à tona acontecimentos inusitados, experiências marcantes, divertidas e deliciosas gargalhadas, tudo isso regado a muito

trabalho e, sempre que possível, a bastante comida. Como *workaholic* convicto e glutão assumido, Manoel frequentemente se relacionava com o mundo através de afazeres, ideias, projetos e, de preferência, acompanhados de petiscos ou de um bom prato. Lembro de irmos com ele a um bar no Rio Vermelho em pleno sábado à noite para discutir uma nova frente de trabalho e de outros tantos almoços dedicados a traçar os planos das próximas etapas. E assim, de projeto em projeto, Manoel guiou meus passos por algum tempo. Só depois compreendi que essa era a maneira dele de nos ter por perto. Era como se ele não se permitisse estar ao nosso lado sem contribuir de alguma maneira com a nossa formação. E a confiança que sempre depositou em mim foi algo que me fez crescer de uma maneira bem especial, não só como profissional, mas sobretudo como ser humano. Às vezes me pergunto o que seria da minha caminhada hoje se ele ainda estivesse aqui.

Manoel faz parte do que sou. Foi ele quem me empurrou à docência. Hoje, na sala de aula, com frequência me pego trazendo para os meus alunos palavras e ideias que vieram dele. E é nele que eu me espelho toda vez que penso no tipo de professora que um dia quero chegar a ser. Todos os caminhos que venho trilhando depois da sua partida seguem permeados pela sua presença, seja intelectualmente, seja como exemplo de material humano da melhor qualidade.

Ana Carla Lira

Professora e arquiteta.

A década de 1960 é profícua em estudos, ensaios e aplicações da arquitetura efêmera, algo que na prática sempre esteve, de forma popular (ou vernacular, para dar um tom mais pomposo), vinculada à própria condição nômade de grupos humanos. Situação geral pela qual boa parte da humanidade já viveu no passado longínquo e que hoje é a exceção. Ainda assim, pode-se considerar que a arquitetura efêmera ainda é prática popular, não mais pelo nomadismo, mas pela garantia de ocupação precária e vulnerável pela qual ainda passa boa parte da população.

Manoel José, querido professor e orientador, foi sem dúvida um visionário nesse assunto. Injustamente, ele ainda não é visto assim, seja pela nossa incapacidade como seus pupilos de consolidar seu pensamento e produção, seja pelo lugar ainda não privilegiado que a discussão tem dentro da arquitetura e urbanismo. Seu lugar na história, ao meu ver, se deve por ele inaugurar efetivamente algo que gostaria de chamar de urbanismo efêmero (mas que fique claro que ele nunca adotou esse termo!). E a melhor forma de homenageá-lo é revelando seu pensamento seminal, que antecedeu muitas das discussões e tendências hoje existentes na arquitetura, no urbanismo, na geografia e em outras áreas que de alguma forma abordem o espaço e seu uso múltiplo no tempo.

Os desafios do uso diferente do espaço ao longo do tempo já são retratados na discussão sobre rugosidade e na relação de influência dos fluxos pelos fixos. Essa polêmica baliza até mesmo as diferentes tendências de abordagem do patrimônio cultural material sobre qual o uso mais adequado de imóveis e áreas tombadas, ou até mesmo as linhas de conservação ambiental de florestas: usá-los ou não usá-los e de que forma para conservá-los? A abordagem do tempo trabalhada por Manoel José, entretanto, é outra, tanto do ponto de vista da linha do tempo (cíclica

em lugar de linear) quanto do ponto de vista da escala (dias e horas em lugar de séculos, décadas e anos).

Na abordagem de Manoel José, os usos que cada grupo dá a um mesmo espaço ao longo de um dia ou em um evento recorrente ao longo de um ano tem que se adaptar ao desenho urbano, aos equipamentos e sua distribuição no espaço, bem como aos eventuais usos concomitantes, conflitantes ou não com a “atividade principal” daquele momento. Uma praça de escoamento ou permanência de servidores públicos em intervalo de trabalho pode rapidamente, ao cair do dia, passar a ser local de encontro de boêmios, reunião de jovens, palco para *show*, dormitório de população de rua e, mais recentemente, estacionamento de *food-trucks*. Cada uma dessas apropriações enseja uma diferente dinâmica do espaço e configura um diferente território com diferentes atores, sem que seja necessário existir na cidade locais diferentes para cada uma dessas atividades. Espaços fechados como escolas, principalmente em cidades carentes de equipamentos, pode ser em determinado horário ou dia da semana local aberto para lazer da população. Essa era a visão preconizada e defendida por Manoel.

Parece claro, explicando desse modo, que esse é um objeto de estudo sim da arquitetura e do urbanismo, mas não é o padrão de entendimento da academia. Não apenas é um tema ao qual nossa área de conhecimento deve se debruçar, como é um tema ainda mais desafiador e espinhoso, já que agrega a dificuldade intrínseca de se projetar um espaço, a constatação de que ele pode e deve ser apropriado de diversas formas por diversos grupos e pessoas. Isso reforça a tomada de posição do arquiteto e urbanista sobre a quem se destina o projeto, ao mesmo tempo que exige também uma preocupação ainda maior com a tecnologia a adotar pensando no múltiplo uso dos objetos que projetamos ou na facilidade e praticidade de sua montagem e desmontagem. Os legisladores de normas de fiscalização, de vigilância sanitária, do código de obra, dos códigos de conduta e os arquitetos e urbanistas: nenhum deles está preparado para isso, ensinados a pensar o espaço como fixo e não como fluxo. Manoel nos traz todas essas

preocupações subvertendo o pensamento e o uso tradicional do espaço na direção de uma visão social da apropriação do espaço.

Essa visão manoelina está vinculada a uma discussão muito cara à geografia, só que tratada em outra escala de tempo: a territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Essa dinâmica de configuração de diferentes territórios com base em sua ocupação por diferentes grupos, mas num ritmo cíclico e mais acelerado, permite remeter à adaptação de outro conceito adotado pela geografia (que, na verdade, é emprestado da filosofia): a heterotopia. O embate e construção de um espaço não hegemônico, mesmo que por alguns instantes do dia, instigam a um olhar mais atento ao que ocorre na cidade. Podemos até mesmo chegar à vinculação da abordagem de Manoel ao movimento de intervenção urbana, que considera o espaço como produzido e não apenas reproduzido, a partir do movimento artístico que dá um novo uso efêmero do espaço chamando a atenção a um local ou um monumento da cidade.

Da academia para a economia, a abordagem manoelina trata de uma tendência do mundo atual: o compartilhamento. Especificamente, ele trata de uma forma de compartilhamento: do espaço. Diversas empresas e pessoas compartilham suas casas, seus automóveis, hotéis etc. Isso é visto hoje como uma tendência crescente e já é tema de discussão e de abertura de novas e complexas atividades. Manoel José já tratava dessa discussão (compartilhamento do espaço no tempo, no curto tempo) e, embora o foco fosse no espaço público, ao abordar o comércio em eventos de rua, por exemplo, ele adentrava na mudança de uso de espaços privados também. Em eventos de rua, o uso domiciliar se torna comercial, o comércio de saúde se torna ponto de venda de bebidas etc., a despeito da informalidade dessa alteração ou da precariedade de sua permissão. Uma prova da incapacidade de nossos legisladores, gestores e administradores de tratar do “urbanismo efêmero”.

Os eventos de rua, mais pontualmente os megaeventos de rua, foram o grande objeto de estudo dessa abordagem de Manoel José. Em alguns casos, esses eventos podem subverter a dinâmica de uma cidade inteira e, portanto, merecem uma abordagem espacial e devem ser foco do planejamento

urbano. A intensidade e padrão de demanda se altera (colapsando, por exemplo, os serviços de água e luz), vias projetadas para uma demanda e um modo de transporte são usados para outros fins, o fornecimento de produtos para o comércio e as residências se alteram, a capacidade de atendimento de equipamentos públicos e privados não mais dão conta da procura etc.

Fica claro que, mesmo com a enxurrada de estudos sobre megaeventos que se sucederam à definição do Brasil como sede de diversos eventos (Panamericano, Copa do Mundo, Olimpíadas), a abordagem manoelina continua não sendo trivial. Esses estudos focam nos tais impactos ou legados (pós-evento) para a cidade e não do seu alterado uso temporário. A importância econômica do olhar de Manoel José trata da pontual distribuição de renda para a população com o aluguel de suas casas e venda de produtos para a festa, trata da injeção de recursos na economia local e o mais importante, foca em geral em eventos periódicos (eventos religiosos ou pagãos em datas festivas, cidades de peregrinação etc.), e não em eventos pontuais que, em geral, são recebidos uma vez em toda a existência da cidade.

Naturalmente, portanto, um primeiro e grande potencial da contribuição de Manoel José é a visão do Carnaval de Salvador, das festas de largo e do São João. Pode-se dizer que, ao menos no Carnaval, houve de fato uma aplicação de suas teorias que influenciaram a organização e gestão da festa até hoje. Seu legado, de uma forma geral, entretanto, permanece adormecido na academia, aguardando o beijo de um Pierrot ou uma colombina para enfim despertar e cair na folia.

Ernesto Galindo

Arquiteto.

Manoel José Ferreira de Carvalho foi meu maior Professor. Assim, com P maiúsculo. Acredito que exista o cargo, a profissão, Professor. Assim, com P minúsculo. É hoje o meu caso. Concursado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), lotado na Faculdade de Arquitetura (FAUFBA), em teoria seria colega do amigo Manoel, caso estivesse vivo. Mas isso seria falso.

Porque o professor não é uma relação formal, institucional, de alguém matriculado em uma disciplina ministrada por alguém. É uma relação real, na qual alguém (doravante o professor) serve de exemplo a outrem (doravante o aluno), serve de inspiração e o incita a ser cada vez melhor em algum assunto. Em lampejos, frases ocasionais, víamos o seu credo. Certa vez ele disse que, para ele, não fazia o menor sentido um professor não desejar que seu aluno o superasse. Essa deveria ser a meta de um professor. Bingo. Sendo eu, hoje, um professor, sonho em ser, em me tornar, para alguém, algum dia, um professor. Estive matriculado apenas uma vez em uma disciplina ministrada por ele – uma Atividade Curricular em Comunidade. Naquele então, já fazia alguns anos que era seu aluno.

Talvez desde quando, na condição de diretor da FAUFBA, me acolhera em um pleito, um problema que tivera com uma professora já no primeiro ano. A sala da Diretoria estava aberta. Sempre estava aberta. Literalmente. Ninguém esperava do lado de fora. Esperava dentro, acompanhando qualquer conversa que ele tivesse com qualquer pessoa. Assim, aluno, ia sendo introduzido aos arcanos da Direção. Portas abertas, a absoluta igualdade com que tratava as pessoas, o entusiasmo genuíno em conversar, eram coisas à flor da pele. A Direção da Faculdade parecia ser um bate-papo simples, em uma sala arejada e bem-iluminada de uma casa avarandada, cercada dos belos quadros feitos por antigos e atuais professores.

Era impressionante, olhando em retrospecto, como parecia navegar com facilidade no que são as águas turbulentas das relações humanas. E dos cargos. Em um cargo importante, parecia ser um homem cotidiano. No cotidiano, tinha a nobreza das investidas. Do mundano, do banal, enxergava as recorrências e padrões, reconhecia a humanidade de cada um, extraía desse aluvião corriqueiro a sabedoria. Que não guardava para si: em frases lapidárias, em conversas comuns, a devolvia ao mundo.

Não sendo um animal das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), dos Currículos Lattes, das referências cifradas e escrita abstrusa – por que é mal escrita, não por ser profunda –, era um homem culto. Mais do que se imaginava à primeira vista (contava que, jovem, em viagem pela Europa, optara por um sanduíche no almoço para poder ter dinheiro para visitar a Bayreuth de Wagner. Como eu, gostava de quadros de uma exposição, de Modest Mussorgsky, mas na versão orquestrada de Ravel. E por aí ia). E, mais importante, um animal que estava a todo momento pensando, ali, ao vivo, sondando possibilidades, vendo caminhos para a expressão de uma beleza que passava despercebida. Vendedores ambulantes, como quando incitou um amigo, Ernesto Galindo, a organizar um *pic-nic*, um Convescote como se chamou oficialmente, em plena Faculdade, sustentado por ambulantes, o forte cheiro de milho cozido e pipoca no ar. Um desconhecido *luthier* de berimbau (sonhava em montar uma atividade que reconhecesse esse seu amigo, que lhe desse alguma importância). O ato de chegada do calouro, afoito por novidades (a recepção Calourosa, hoje, oficial na Universidade). Aquele estacionamento ocioso da UFBA (tornado o Camarote Universitário). Aquele aluno que tinha a propensão para o desenho (e incentivou-lhe a fazer um *fan-zine*). Aquele outro, timorato, que queria tentar uma pós-graduação em São Paulo (e deu-lhe, do seu bolso, algum dinheiro para ajuda de custo). Em tudo ele via as vocações, clamando por realizar-se, por uma mãozinha.

Era genial em suas percepções do comum. Sua visão do Carnaval e dos eventos de rua não teve a merecida documentação e difusão – garanto, após uma década acompanhando o tema e a literatura da área, nacional e internacional... É genial. É surpreendente. Tão surpreendente que parece óbvia.

Essa, aliás, era outra habilidade sua. Ver o óbvio que ninguém mais via. Expô-lo como se óbvio fosse. E fazer seu ouvinte achar que, de tão óbvio que era, era ideia sua, e aí tocá-la adiante. Manoel, um sábio, não fazia questão da autoria. Fazia questão, sim, que as coisas acontecessem.

A Universidade é um ambiente cioso de vaidades. Entendamos: o professor não tem recompensas pecuniárias. O que lhe resta é o minúsculo prestígio entre um punhado de pares e impressionáveis alunos. Um campo minado. Pois bem. Nesse vespeiro de vaidades, Manoel circulava, semeando ideias, costurando ações, apostando em pessoas, como um pescador de homens.

Voltando ao Carnaval (sua paixão, nos últimos anos de vida), não era apenas uma série de concepções para entender o evento. E sim para agir no evento. A tal ponto tinha *insights* fecundos que ainda hoje vários permanecem pendentes, pedindo para serem escarafunchados. Mas aqui chegamos a um outro ponto: a ação.

Ele era um homem de ação. As ideias se sucediam e estava a todo momento a tentar realizá-las. Embora extremamente capaz de liderar – como um motivador e como um administrador, com tudo em mente, a cada instante e com uma serenidade impossível no meio dos maiores vendavais –, fazia questão propagá-las. Que outros as desenvolvessem. Era um pontífice, um construtor de pontes. Via a Universidade como um meio plástico ideal para isso. Uma espécie de espaço de fantasia que não tinha regras rigorosas. Na Pró-Reitoria de Extensão, então, sentiu-se em casa. Tratava de coerir pedaços da sociedade (vizinhos, associações de moradores, o Poder Público), mesmo aqueles que tudo teriam para conversar entre si. E penso aqui nas inúmeras secretarias municipais que não se conversavam na gestão do Carnaval. Ou nas instâncias, e mesmo grupos, da UFBA. Lembro dele logrando articular em frentes unificadas professores que, excêntricos, de outra maneira jamais se sentariam juntos. Alguns que sequer se conversavam.

Assim, a Universidade poderia propor Atividades Curriculares em Comunidade dos mais variados tamanhos. Ou interagir com os seus vizinhos, os bairros populares do entorno imediato. Ou pensar a cidade, naquele maravilhoso ciclo de palestras que foi o Quem Faz Salvador.

Ou estudar, pensar e propor um Carnaval inteiro, junto com a Prefeitura Municipal de Salvador, das quais ainda restam vestígios, ideias e concepções incorporadas como que se de domínio público. Ou conceber uma performance de *break* em um palco montado no Doutoral, aquela longa mesa do Salão Nobre da Reitoria da UFBA. Ou fazer um relatório performático, uma “peça” teatral, a ser encenada na rua ou em qualquer outro ambiente (como foi), que sintetizava o resultado de um semestre de investigações na Praça Visconde de Cayrú. Tudo era possível.

E nós?

Nós embarcávamos entusiasmados.

Em dado momento, quando o professor Paulo Lima estava dirigindo a Fundação Gregório de Mattos, descreveu-o como “um homem inteligente que deixava os outros serem inteligentes”. Cá entre nós... E com uma piscadela marota... Tenho certeza absoluta que sabia estar falando também dele mesmo.

Daniel Mellado Paz

Professor e arquiteto.

Manoel era como o sol. Um farol para iluminar os caminhos, fazendo as pessoas girarem em torno dele ao mesmo tempo em que estimulava o melhor de cada indivíduo. Sua voz e oratória eram praticamente irresistíveis, transformando missões muitas vezes impossíveis em trivialidades.

Sabendo que na época da formação da equipe do Plano de Estudo do Carnaval (PEC) eu já estava trabalhando – o que, em princípio, impossibilitaria minha entrada no grupo –, Manoel encontrou uma solução certa: me convidou para “inicialmente” fazer desenhos para um dos impressos do PEC, que ilustravam situações do Carnaval de Salvador. Quando me dei conta, já estava totalmente envolvido com os outros aspectos do projeto e oficialmente integrado à equipe.

Manoel deu seu último abraço em Yemanjá há 11 anos atrás. Mas como todo indivíduo maior que si mesmo, deixou um legado que ecoa até hoje através de todas as pessoas tocadas por ele.

Rafael Cordeiro

Ilustrador e arquiteto.

Como o tempo passa rápido, desde o momento que fui convidado pela minha ex-professora a escrever um projeto social que se transformou, também, numa das minhas grandes realizações profissionais, que foi pensar, escrever, implementar e curtir os resultados com muitos jovens moradores e seus familiares de Periperi. Num desses encontros com essa professora, fui apresentado a Manoel José.

Foram muitas reuniões e logo ficamos amigos. O seu planejamento de trabalho era como uma assessoria. Como eu era muito observador, percebi o mundo de coisas que abraçava, além da universidade federal. Sempre cercado por pessoas, era difícil encontrá-lo. Manoel me convidou para um momento de orientações que realizava aos diversos níveis de conhecimento daquela faculdade. Fiquei admirado pelo alto grau de organização, metodologia e pedagogia e a busca constante de conhecimentos para os diversos contextos que aqueles educandos apresentavam. Vieram também seminários que me aproximaram de vez de um mundo o qual não percebia até então.

Uma ressalva foi feita como grande incentivador, de não mais assinar meus projetos sociais, lançando um desafio, de entrar na faculdade, que até então era ainda um grande sonho. Objetivo alcançado.

A aproximação maior se concretizou com a participação no projeto cultural que eu coordenava e o planejamento e orientações de Manoel José a uma retomada de rumo de um dos blocos mais conhecidos naquele momento na história da Bahia. Surgem os adereços e o formato do trio acompanhando a banda, dando uma linha de comunicação com o público.

Dali surge o projeto Plano de Estudo do Carnaval (PEC) de Salvador, o qual fui convidado a integrar o Estudo de Ambientação da Cidade para a festa.

Vimos nascer e florescer uma amizade durante esses momentos de reuniões e planejamentos, agora com uma equipe e diversos estudos, bate-papos e almoços em sua casa principalmente aos sábados dia que não rejeitava a famosa feijoada de Ninha, sua tudo.

A marca da disponibilidade, a atenção e orientações que me fizeram entender o papel desse amigo, na alegria e nas nossas necessidades que eram acolhidas. Daí trago sua marca mais evidente que até hoje minha mãe comentou para que eu pudesse terminar esse texto que até a ela chegou, um dia e permanecerá. Aprender a fazer parte como lembrança boa na vida das pessoas.

Silvio Nascimento

Gestor ambiental.

Nós éramos pequenos e ainda morávamos na rua Direita da Piedade. Num fim de tarde, nossos pais chegaram preocupados porque o diretor do Colégio Maristas falara que Manoel José era o segundo caso de inteligência na Bahia – gênio. Questionavam como acompanhá-lo, se nem sequer tinham um diploma. Muito tempo depois, ao observar o tom e o teor das conversas do casal, pude devolver que eles eram mesmo “os pais” à altura daquele filho.

Não era pequena a confiança depositada na capacidade dele. O pai tinha uma lojinha de representações no Comércio; quando viajava para resolver negócios, ele entregava à Manoel – na ocasião, com apenas 13 anos – a responsabilidade de responder até pelas questões bancárias.

Sempre fui muito grata por contar com a bondade do meu amado irmão. cursava eu o terceiro ano pedagógico e, no mês do estágio, tinha de preparar cartazes para dar aulas. Mas quase todas as noites, com minha falta de jeito, acabava derramando nanquim no desenho. E aí começava a chorar. Logo, ele descia a escada correndo e rapidinho resolvia o estrago.

Muito presente, Manoel quase que adivinhava como ajudar a cada um de nós. “Oi Dedé”, telefonava eu, “*que tal derrubar aquela parede para dar aulas na minha sala!*” e, de imediato, ele resolvia. Certa feita, ao notar as dificuldades da nossa mãe para arrumar recibos e guardar pequenos objetos de costura, fabricou uma miniestante de madeira com gavetinhas que ela carregava para qualquer parte da casa. Tão leve e tão linda, a cara dele, que tinha muito bom gosto e fazia as coisas com tanto carinho!

Fizemos, na mesma ocasião, o concurso da Universidade Federal da Bahia para professor auxiliar. Em datas diferentes, eu primeiro, o que me deu a oportunidade de assistir às provas dele. Sua aula foi sobre Conjuntos Habitacionais, momento em que deu um *show* de competência

e foi aplaudido de pé! O professor Hernane Sobral desceu as escadas do Auditório e veio abraçá-lo. Ao fim dessa apoteose, Manoel ainda teve a coragem de me perguntar se tinha ido bem. A humildade dele era mesmo marcante!

Tínhamos alguns amigos em comum. Um deles, o professor James Farias, sempre me comentava encantado e com detalhes (como o fato de ouvir todos os presentes) sobre a capacidade de Manoel para liderar reuniões, um traço marcante no perfil dele. Com o mesmo ponto de vista, me teceram elogios recentes o professor Joviniano Neto e o líder sindical, o senhor José de Deus, sem contar muitas e muitas falas nesse sentido que ouvi ao longo dos anos.

Seria injusta se não registrasse aqui que fui filha única de mulher e reconheço que sempre fui tratada com muitos paparicos pelos irmãos, não sei se pelo exemplo do pai ou o de Manoel ou os dois. E quando me questiono o que fazer com tanta saudade e tanta falta dele, só me vem uma resposta: amá-lo cada vez mais hoje e sempre.

Hilda Ferreira de Carvalho

Professora universitária.

MEU IRMÃO, MEU COMPANHEIRO

Manoel José não podia ter morrido. Saiu antes da hora, furou a fila. É um absurdo ele não estar mais por aqui, perda irreparável. Meu irmão querido, companheiro indispensável, foi para mim sempre o outro, o diferente.

Tia Mariazinha falava com ele de mediunidades e espíritos, conversas de que eu ouvia pedaços, transformadas em cochichos quando ela percebia que eu ainda não dormira ou quando eu aparecia de repente. Mariazinha contava da mãe dela, Idalina, nossa bisavó, mulher excepcional, pela bondade, pela alegria, pela tenacidade diante dos golpes que sofreu na vida, amada por todos de que ouvi falar dela. Manoel nasceu de uma gravidez difícil e quase morreu no parto traumático, tirado a fórceps, que deixou sua cabeça um pouco deformada, mas não havia marcas no homem lindo que se tornou. Idalina estava doente, melhorou enquanto se temia que o bebê não sobrevivesse. Quando ele enfim reagiu, ela piorou, mas logo o fio delicado outra vez quase se rompeu: Manoel teve pneumonia, em meio a um julho frio e chuvoso, e Idalina melhorou. Quando ele se recuperou, ela piorou de vez e partiu, como se estivesse à espera de que ele vivesse para então morrer e seguir viagem. Os relatos entrecortados eram para mim um jogo de vida e morte, uma sugestão de Idalina reencarnada no menino franzino e muito magro, e que seria cuidado fielmente por Mariazinha desde então.

Eu era o menino gordo, sem graça, sem mediunidade, o que “não ia dar para nada”. Manoel era tudo. Bonito, inteligente, artista, agradável, elegante, jeitoso, gentil. Quando alguém elogiava alguma coisa em mim, logo vinha a adversativa, “... mas seu irmão...”. Na última conversa que tivemos, outubro de 2005, na última melhora que lhe deu o câncer impiedoso, falamos desse tempo de infância como nunca tínhamos falado. Manoel sofria em criança por acreditar que gostavam mais de mim do que dele e eu sofria

por ter certeza de que era o contrário. Ele “se virava” na cama enquanto dormia, em um movimento ritmado para um lado e para o outro, durante um minuto ou mais, algumas vezes por noite, e eu nunca soubera que ele atribuía isso a uma forma de “ninar” a si mesmo. Eu mijei na cama até muito grande. E nós dois não podíamos dormir na casa de algum amigo nem de ninguém, para não “fazer vergonha”.

Fizemos muitas coisas boas na infância. Saímos um dia para comprar a Pastoral de Beethoven, de outra feita foram os seis “pintos de um dia” que compramos sem saber que eram todos machos. Para grande aborrecimento de tia Mariazinha, assistimos juntos o animado erotismo dos jovens frangos transando entre si, até que mandamos todos para a panela, ensopados com batatas. Fizemos uma horta, plantamos legumes, só que eu dei para conversar com as plantas e Manoel foi subindo na consideração da família, ajudava em várias coisas, e eu... Eu continuava o menino bodoso e sem graça. Brigamos feio algumas vezes, mas nunca durou muito. O afeto era enorme e muito natural. Seguimos juntos em muitas coisas, dores e alegrias do nosso tempo, militância política, desencantos, separações, afetos.

Vim embora da Bahia, Manoel ficou. Muitas vezes pensei que eu saíra do “labirinto de labirintos, dentro do apartamento” e Manoel ficara, mas não sei se foi assim. Em um de seus momentos de grande angústia, falei com ele, sem pensar muito, que não podia ser mau o que vinha de dentro de nós. Talvez tenha sido nesses mesmos dias que ele me falou pela primeira vez da homossexualidade, em uma tarde no velho Colón, no pé da Ladeira do Taboão, e se surpreendeu que eu já soubesse. Anos depois tive um sonho perturbador: um tanque cheio de peixes monstruosos e ameaçadores, e Manoel, a meu lado, dizia para eu olhar para eles, que não havia nada de mau ali. E Dona Nitinha, na Casa Branca, ao jogar os búzios para mim, em momento de grande angústia e preocupação com meus filhos, se queixou que Oxóssi estava respondendo, mas que não era meu orixá... Ela não sabia que eu era irmão de Manoel e era ele que respondia nos búzios, outra vez a meu lado.

Nos últimos anos nos reconciliamos com muitas coisas, com nossos pais, com nossa infância. Eu descobri e aceitei que o amor pode ser belo e forte mesmo sem ser o que eu gostaria. De formas diferentes, abrimos as janelas para todos os insetos, até para os gafanhotos e as borboletas, de que eu tinha tanto medo. O importante era saber o que fazer com o que tinham feito do que nós éramos no início, como ele dizia, e caminhar para a grande síntese. Manoel continuou a gostar muito de caruru e de abará e eu de vatapá e de acarajé. Andamos pela Bahia, refizemos trajetos de infância, atravessamos para a ilha, subimos a Sagrada Colina, eu mais preocupado com a Justiça, ele com a Concórdia. Pedro, Diogo e Francisco estiveram muitas vezes com o tio querido e divertido, Luísa não teve esse privilégio.

Manoel falava que morreria cedo. Era raro comentar planos para a velhice, uma casa no Bonfim ou na Ribeira, nada mais que isso. Acompanhamos o envelhecimento e a morte de nossos pais. Ele foi o filho amoroso e sempre presente que eles esperavam. Decidimos deixar mainha comer quanto quisesse, até ela morrer muito obesa, plena de chocolates, acarajés e galinhas ao molho pardo, feliz e reconciliada com a vida, depois de anos antes ter pedido perdão a ele, chorando e de joelhos, em cena mais do que baiana... E painho viajava todo ano para Portugal, assistia missas e lia a epístola, comprava revistas pornográficas em intervalos variados e agradecia a Manoel pela velhice feliz.

Pouco tempo depois da morte dos dois, Manoel sonhou que painho o chamava, já morto, deitado em uma cama em que parecia solitário, frágil e triste, o que o impressionou muito. Na última vez em que veio a São Paulo, ouvimos o segundo movimento do Quinteto op. 163 de Schubert, com Yo-Yo Ma e o Quarteto de Cleveland. Manoel estava em meio à dolorosa ruptura de um relacionamento já muito infeliz, com a esperança de uma renovação da vida. Mudou-se para um *flat* na Gamboa, com ampla vista para as águas mansas e ensolaradas que ele tanto amava, e voltou a trabalhar intensamente no projeto de doutorado, sobre o Carnaval da Bahia.

Logo depois começou a doença, as dores sem explicação, o erro grosseiro de diagnóstico, a luta contra o câncer devastador. Indago até hoje se fiz o certo, se não deveria ter sido mais invasivo, menos respeitador das escolhas dele, trazê-lo para cá, tirá-lo da Bahia, das pessoas que ele mais amava, em troca de uma incerta esperança de cura. Teimoso e autossuficiente ele sempre foi e eu me acostumara a isso, por respeito ou por comodidade. Na última vez em que Ana o viu, ele se disse tranquilo por ter certeza de que eu tomaria as decisões mais acertadas sobre as coisas dele. Onde estavam os limites da autossuficiência, da cumplicidade, do respeito, eu não sei. Creio que fiz o que pude, seja lá o que isso significa diante da doença que derruba o homem cheio de vida, de esperanças e de vontade de viver.

Tantos anos passados, Manoel continua comigo, segue a meu lado. Referência, questionamento, afeto, alegria, humor refinado. As lágrimas entristecem, mas sua risada é mais forte, onipresente como sempre foi.

Carlos Eduardo Carvalho

Economista e professor.

MANOEL POR ELE MESMO

A minha decisão de ser arquiteto foi uma decisão ainda da adolescência. Eu diria que, por um lado, motivado pelo meu interesse de criar: eu trabalhei muito com pintura, com desenho e com toda essa área de criação artística. Por outro lado, pelo meu interesse pela vida. Por ter sido um garoto tímido, eu observava muito as pessoas e isso foi um instrumental que eu acabei apropriando para a minha vida profissional e tem sido de grande importância para mim: a capacidade de ver, olhar, observar, analisar. Para mim, o que define a minha paixão pela arquitetura é o fato de que a arquitetura tem uma vinculação muito grande com a vida, uma vinculação muito grande com os cenários, com as situações... Tanto assim que eu nunca consegui dissociar a minha formação de arquiteto da minha formação humanista, ou seja, da formação da compreensão da arquitetura como serviço. E hoje eu defino muito mais a arquitetura como serviço do que realmente como uma criação. A arquitetura como um ato de ir ao encontro da outra, ao encontro do outro, um encontro de percepção do que as pessoas precisam.

O meu trabalho dentro da Universidade tem sido sempre um trabalho vinculado à atuação profissional, extramuros, a esse vínculo entre a faculdade, entre a universidade e a sociedade. Dentro da arquitetura, a minha trajetória profissional sempre esteve vinculada à arquitetura de interesse social. Eu tive algumas passagens por empresas privadas, trabalhei com construção, trabalhei com projetos de edificações particulares, mas eu diria que o eixo da minha formação como arquiteto sempre esteve vinculado à arquitetura de interesse social; ou seja, trabalhei com espaços públicos, trabalhei com equipamentos comunitários, com equipamentos esportivos, mas de todas essas áreas, a que mais me mobilizou foi exatamente a área dos equipamentos comunitários e a das áreas de

uso coletivo – os famosos espaços públicos da arquitetura. E trabalhei tanto com habitação popular quanto com recuperação de habitações subnormais, ou seja, sempre gravitando ao redor desse eixo que eu diria que foi um eixo de profissão que sempre me motivou muito a trabalhar.

Notas

- 1 Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, em Salvador.
- 2 Da Universidade Federal da Bahia.
- 3 Paulo Lima é professor da Universidade Federal da Bahia desde 1979, atuando na graduação e na pós-graduação. Autor de 90 composições e 300 performances destas, possui graduação em composição, Bachelor of Music (*with honors*) na University of Illinois (1977) e mestrado em educação musical também obtido na University of Illinois (1978). Doutorado em educação pela Universidade Federal da Bahia (1999) e um segundo doutorado em artes, pela Universidade de São Paulo (2000).
- 4 Edifício Oceania, localizado na avenida Oceânica, na Barra.
- 5 Paulo Miguez, vice-reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para o quadriênio 2014-2018. Graduado em ciências econômicas (UFBA, 1979), mestre em administração (UFBA, 1995) e doutor em comunicação e culturas contemporâneas (UFBA, 2002). É professor adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, também da UFBA.
- 6 O afoxé Filhos de Gandhi, fundado por estivadores portuários da cidade no dia 18 de fevereiro de 1949, tornou-se o maior afoxé do Carnaval da Bahia, em Salvador.
- 7 O Ilê Aiyê, primeiro bloco afro da Brasil, nasceu no Curuzu, Liberdade, bairro de maior população negra do país, com aproximadamente 600 mil habitantes. Fundado em 1º de novembro de 1974, com o objetivo de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira.
- 8 Odete Dourado é graduada em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia (FAUFBA, 1970) e doutorada em conservação e restauração de monumentos pela Università Degli Studi Di Roma – La Sapienza (1987). Atualmente, é professora associada da Universidade Federal da Bahia e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA.

Referências

- ALEXANDER, C. et al. *Urbanismo y participacion: el caso de la Universidad de Oregón*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- ALMANDRADE o carnaval e a imagem urbana. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 110-112, mar. 1996.
- AMADO, J. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- ARAÚJO, Z. Alegria e Cidadania no Carnaval da Bahia. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, p. 101-104, mar. 1996.
- ARAÚJO, U. C. (Org.). *Salvador era assim: memórias da cidade*. Salvador: IGHB, 1999.
- AUGÊ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAHIA com muito "agá". *Bahia Análise e Dados*, Salvador, n. 79, p. 22-24, 1997.
- BAHIA ANÁLISE E DADOS Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia SEI / SEPLANTEC, 1997.
- BOAGA, G. *Diseno de tráfico y forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
- BRANDÃO, C.R. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- BRUHNS, H. T. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papirus, 2000.
- CARVALHO, A. de. *Cantando e rindo*. Salvador: Prefeitura de Salvador, [1954]. (Coletânea de versos de Lulu Parola).
- CARNAVAL. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, 1996.

- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORRÊA, R. L. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.
- COSTA, I. F. (Org.). *Segurança Pública em debate: problemas e perspectivas*. Salvador: EAUFBA, 1997.
- COSTA, L. A. 1994: o salto de qualidade do carnaval de Salvador. *Case - EMTURSA/PMS*, Salvador, p. 5-9, fev. 1995.
- COSTA, L. A. Um salto planejado. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 5-11, mar. 1996.
- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. Tradução de Isabel Correia e Carlos de Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CYPRILANO, C. A. de C. A hotelaria no circuito do carnaval baiano. *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p.121-139, 1996.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua; espaço: cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DIAS, T. M. da et al. Ambulantes: histórias das gentes e de seus negócios no Carnaval da Bahia. *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 159-176, 1996.
- DIAS, C. Carnaval Prêt-à-Porter. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 113-115, mar. 1996.
- DIMBLEBY, R.; BURTON, G. *Mais do que palavras: uma introdução à comunicação*. Tradução de Plínio Cabral. São Paulo: Summus, 1990.
- DUMÉT, E. M. B. O gerenciamento do carnaval. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 24-27, mar. 1996.
- FARIAS, E. S. *O desfile e a cidade: Q carnaval-espetáculo carioca*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- FÉLIX, A.; NERY, M. *Bahia, carnaval*. Salvador: [s.n.], 1993.

- FÉLIX, A. *Pelo Pelourinho*. Salvador: EGBA, 1995.
- FERRARA, L. D. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1993.
- FERRARA, L. D. *Ver a cidade; cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.
- FERREZ, G. *Bahia: velhas fotografias, 1858-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos; Salvador: Banco da Bahia Investimentos S.A, 1988.
- FISCHER, T. *Carnaval baiano: negócios e oportunidades*. Brasília, DF: Ed. SEBRAE, 1996.
- GALLO, N. *Bahia de todas as doçuras*. Salvador: Ed. Progresso, 1959.
- GODI, A. J. V. *De índio a Negro, ou o Reverso*. *Caderno CRH*. Salvador, 1991.
- GÓES, F. de. *O país do carnaval elétrico*. Salvador: Ed. Corrupio, 1982.
- GÓES, F. de. *50 anos de Trio Elétrico*. Salvador: Corrupio, 2000.
- GOMES, M. A. A. F. (Org.). *Pelo pelô: história, cultura e cidade*. Salvador, 1995.
- GREINER, C.; BIÃO, A. (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- GUIMARÃES, R. B. *Guia do carnaval da Bahia: a folia nas ruas de Salvador*. Salvador: Ed. Mapa Mundl, 1999.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Tradução de Miguel Serras Pereira. [Lisboa]: Relógio D'Água Editores: Antropos, 1986.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adall Ublrajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HERTZ, J. B. *Ecotécnicas em arquitetura: como projetar nos trópicos úmidos do Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- KOHLSDORF, M. E. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1996.

- LEAL, G. da C. Histórias de Salvador cidade da Bahia. *O Carnaval da Bahia*. Salvador, n. 39, p. 195-209, 1996.
- LEAL, G. da C. *Pergunte ao seu avô*. Salvador: [s.n.], 1996.
- LEAL, G. da C. *Salvador, dos contos, cantos e encantos*. Salvador: Santa Helena, 2000.
- LIMA, V. da C. Festa e religião no Centro Histórico. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 16, 1995.
- LIMA, A.; QUEIROZ, L. Fluxos de mercadorias no carnaval de Salvador: uma primeira aproximação. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 31-44, mar. 1996.
- LOIOLA, E.; MIGUEZ, P. Lúdicos mistérios da economia do carnaval baiano: trama de redes e inovações. *Revista Brasileira de Administração Contemporânea*, [S.l.], 1995.
- LOIOLA, E.; MIGUEZ, P. Tabuleiro da festa: pequenos negócios & muitos negociantes do carnaval baiano. *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 23-46, 1996.
- LUYTEN, J. M. *Sistema de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988.
- LUZ, M. A. Do tronco ao Opa. Exin: o negro e o carnaval. *SECNEB*, Salvador, p. 109-115, 1993.
- LUZ, M. A. Do tronco ao opa: Exin - PaeBurokô/Carnaval Elétrico. *SECNEB*, Salvador, p. 122-129, 1993.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARX, M. *Nosso chão, do sagrado ao profano*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- MATTOSO, K. M. Q. *Bahia, Século XIX: uma província no império*. Tradução de Yedda de Macedo Goares. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.
- McALLISTER, M. *Arquitetura de labirinto*. Salvador, 1993. [Não publicado].

- McALLISTER, M. Circuitos e curtos-circuitos: entre a ampliação e a qualificação do carnaval. *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 47-58, 1996.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1996.
- MEGALE, N. B. *Folclore Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MEIRELLES, E. de P. *A Bahia que eu conheci*. Salvador: Ed. Mensageiro da Fé, 1973.
- MENEZES, R. *Um povo a mais de mil: Os frenéticos carnavais de baianos e caetanos*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.
- MIGUEZ, P. Que Bloco é Esse? o carnaval baiano. *Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 75-103, 1996.
- MIGUEZ, P. Negócios da festa. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 6, n. 4, p. 105-113, mar. 1996.
- MIGUEZ, P. Yes, Nós Temos (Chiclete) Com Banana. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 75-84, mar. 1996.
- MIGUEZ, P. L. Mistérios do Carnaval Baiano. Apresentado no Seminário – Projeto - Cidade Carnaval Cidade - Faculdade de Arquitetura/UFBA, set. 1997.
- MORRIS, D. *O macaco nu*. Tradução de Hermano Neves. São Paulo: Circulo do Livro, 1967.
- MOURA, M. Produtora, mercadora, mercadoria: uma cidade para o carnaval? *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 59-71, 1996.
- MOURA, M. O transcárater do carnaval. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 93-100, mar. 1996.
- MOURA, M. *A fauna humana*. Tradução de Arnaldo Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MOURA, M. Você. *Um estudo objetivo do comportamento humano*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

- MOURA, M. O carnaval como engenho de representação consensual da sociedade baiana. Caderno CRH, n. 24/25. Salvador, 1996.
- NEVES, L. P. O *crescimento de Salvador e das demais cidades baianas*. Salvador: CED UFBA, 1985.
- NOBRE, M. T. R. Meandros da participação: formas de compartilhar o espaço urbano (carnaval baiano). *Revista Ciência e Cultura*, [S.l.], n. 5. São Paulo, 1978.
- NO TABULEIRO da baiana tem. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, n.79, p. 26-27. jul. 1997.
- OLIVEIRA, P. C. M. Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios. Salvador. 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.
- OLMOS. S. *Paisagem urbana e mídia*. Salvador, 1997. (Não publicado).
- ORNSTEIN, S.; BRUNA, G.; ROMERO, M. *Ambiente construído e comportamento: a avaliação pós-ocupação e qualidade ambiental*. São Paulo: Nobel, 1995.
- ORTIZ, R. Carnaval: sagrado e profano/sagrado e político. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 116-127, mar. 1996.
- ORTIZ, R. *Avaliação pós-ocupação do ambiente construído*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- PALÁCIOS, M. A festa e o lúdico na configuração da sociabilidade contemporânea. *Textos de Cultura e Comunicação*, Salvador, n. 37/38, 1997.
- PIERSON, D. *Branco e pretos na Bahia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- PIGNATARI, D. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- PORTO, E. et al. A região turística de Salvador; baía de todos os santos elo de integração regional. *Carta da CPE*, Salvador, n. 29/94, 1994.
- PORTO, E. Carnaval em revista. *Cultura e Planejamento*, Salvador, n. 24, p. 15-17, maio 1996.

- PORTO, E. A. Descentralização Espacial dos Serviços em Salvador. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 6, n. 4, p. 46-52, mar. 1997.
- RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- REBOUÇAS, D. Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX. Salvador: Odebrecht, 1996.
- RIO, V. del; OLIVEIRA, L. de (Org.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- RIO, V del. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.
- RISÉRIO, A. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981.
- RODRIGUES, J. J. S. A voz do olodum. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 59-66, mar. 1996.
- RODRIGUES, J. J. S. Carnaval: as cores da mudança. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 16, 1995.
- RIVIERE, C. *Os ritos profanos*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- RUBIM, A. A. C. *Viver Bahia: convivência e televidência na cidade da Bahia*. In: ENCONTRO ANUAL, 10., 1996. Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 1996.
- SANTOS NETO, I. de C. *centralidade urbana; espaço e lugar: esta questão na cidade do Salvador*. 1991. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- SAMPAIO, A.; HELIODÓRIO, L. *Formas urbanas: cidade real & cidade ideal; contribuição ao estudo urbanístico de Salvador*. Salvador: Quarteto Editora, 1999.

- SANSONE, L.; SANTOS, J. T. (Org.). *Ritmos em trânsito: sócio - antropologia da música baiana*. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador/Ba: Programa a Corda Bahia e Projeto S.A.M.BA., 1997.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTOS, M. *O centro da cidade de Salvador*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.
- SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1998.
- SANTOS, C. N. *A cidade como um jogo de cartas*. São Paulo: Projeto, 1988.
- SEBE, J. C. *Carnaval, carnavais*. São Paulo. Editora Ática, 1986.
- SEMINÁRIOS DE CARNAVAL, 1., 1997. Salvador. *Anais...* Salvador: Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, 1998.
- SEMINÁRIOS DE CARNAVAL, 2., 1998. Salvador. *Anais...* Salvador: Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, 1999.
- SERPA, A. *Urbana baianidade, baiana urbanidade*. Salvador: [s.n.], 1998.
- SERRA, O. J. T. *O simbolismo da cultura*. Salvador: CED-UFBA, 1991.
- SERRA, O. J. T. *Rumores da festa: o sagrado e o profano na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- SERVIÇOS. *Bahia Análise e Dados*, Salvador, v. 8, n. 1, 1998.
- SILVA, J. C. O querer é o eterno poder: história e resistência no bloco afro. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 16, 1995.
- SOMMER, R. *Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EDUSP, 1973.
- SUAREZ, M. A. (Org.). *Bahia, novas fronteiras do turismo*. Salvador. Fundação CPE/SEPLANTEC: BAHIATURSA, 1991.
- TAVARES, O. *Bahia, imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, [1985].

- TEIXEIRA, A. Barracas de alimentação no carnaval de Salvador: uma atividade ao acaso ou uma ação empresarial? *O Carnaval Baiano, Negócios e Oportunidades*, Salvador, p. 147-158, 1996.
- VALENTE, M. S.P. *Conforto térmico em Salvador*. Salvador: CED-UFBA, 1977.
- VERGER, P. *Notícias da Bahia 1850*. Salvador: Corrupio, 1981.
- VERGER, P. *Retratos da Bahia, 1946 a 1952*. Salvador: Corrupio, 1990.
- VIANNA, A. *Casos e coisas da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.
- VIANNA, H. *Antigamente era assim*. Rio de Janeiro: Record; Salvador: FCEB, 1994.
- VILLAÇA, F. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1998.
- YÁZIGI, E. et al. (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

O autor **MANOEL JOSÉ FERREIRA DE CARVALHO** nasceu em Salvador, em 19 de julho de 1951. Passou a infância na rua Direita de Piedade e, em 1967, a família se mudou de vez para a Pituba, então um bairro com ruas de areia e terra. Fez o primário no Colégio Jesus, Maria e José, no Forte de São Pedro, esquina da Ladeira da Fonte, a ladeira onde residiu desde o final dos anos 1970, apaixonado pelo centro de Salvador como sempre foi. No ensino médio, destacou-se como liderança estudantil no Colégio dos Irmãos Maristas, vocação confirmada na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi o primeiro presidente do Diretório Central dos Estudantes reorganizado e liderou a grande greve de 1975, a primeira manifestação estudantil massiva desde a radicalização da ditadura em 1969. Formado arquiteto em 1975, Manoel José liderou o Trabalho Conjunto, frente de entidades, movimentos políticos e movimentos sociais que impulsionou a luta contra a ditadura e pela democratização, e participou do encontro pela anistia em Roma. De 1977 a 1989, foi arquiteto da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social do Estado da Bahia (Setrabes), onde coordenou projetos na área de habitação popular, equipamentos comunitários e esportivos e obras de interesse social e foi gerente de Projetos da Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (1982/1986) e Superintendente da Sudesco (1987/1989), autarquias vinculadas à Setrabes. Atuou em programas de Habitação Popular no Oceplan, órgão de planejamento da Prefeitura de Salvador. Em 1984, tornou-se professor da Faculdade, da qual foi diretor (1995/1999), além de ter ocupado chefia do Departamento da Teoria e Prática do Planejamento (1990/1992), a Coordenação do Programa de Trabalho Final de Graduação da FAUFBA e a Superintendência Estudantil da UFBA (1992/1993). Manoel José desenvolveu ampla atividade de pesquisador

e gestor de projetos e convênios, como professor e consultor em intervenções urbanas de interesse social, equipamentos comunitários, cenografia urbana e arquitetura de eventos. Coordenou o Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, elaborado por meio de Convênio da UFBA com a Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), a Empresa de Turismo Salvador (EMTURSA) e o Programa Quem Faz Salvador – Convênio UFBA/PMS/Secretaria de Planejamento (SEPLAN). Foi secretário executivo do Prêmio Liceu de Design, membro da Diretoria da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e da Diretoria do Departamento da Bahia do Instituto de Arquitetos do Brasil. Por ocasião de sua morte prematura, era pró-reitor comunitário da UFBA e trabalhava intensamente na fundamentação teórica de seu amplo projeto de pesquisa sobre o Carnaval de Salvador, em torno do qual reuniu dezenas de estudantes que cresceram e se formaram com sua presença e liderança fraterna, cuidadosa e arguta.

O organizador EDVARD PASSOS é bacharel em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2002), e mestre em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2016).

Encenador dos espetáculos: *Compadre de Ogum* (Prêmio de Melhor Diretor – Prêmio Braskem de Teatro da Bahia – Salvador, 2015), *Aventuras do Maluco Beleza* (15ª montagem do Núcleo do Teatro Castro Alves – Salvador, 2010), *A Voz do Campeão* (Salvador, 2011), *Flamengo* (Rio de Janeiro, 2015), *A Prole dos Saturnos*, de Castro Alves (Portugal, 2015), e *Faces da Praça Cairu* (Salvador, 2002).

Membro da International Federation of Theatre Research, desde 2014, é colaborador do Theatre Architecture Working Group e cofundador do blog PAUST - Performance, Architecture, Urbanism, Space and Theatre (paustgroup.wordpress.com).

Conferencista nos eventos: Dramatic Architectures (Escola Superior de Artes do Porto – Portugal, 2014); Prague Quadrennial of Performance Design and Space (Praga – República Tcheca, 2015); International Federation for Theatre Research Annual Conference (Hyderabad, Índia, 2015); International Federation for Theatre Research Annual Conference (Estocolmo, Suécia, 2016).

Livros: *Aventuras do Maluco Beleza* (EDUFBA, 2015); *A cidade efêmera do Carnaval* (Organizador, EDUFBA, 2016).

Artigos: “*The Brood of Saturns: appropriation of a traditional theatre building as an unconventional space by staging*”; “*Ogun’s Pal: A theatre play based on Jorge Amado’s novel in dialogue with a historical building in the city of Salvador*”.

Integrou a equipe de elaboração do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador, uma parceria entre a Universidade

Federal da Bahia e a Prefeitura Municipal de Salvador. Passos foi o coordenador do Estudo de Comportamento Ambiental durante o trabalho de campo, em 2002, e o diretor da Oficina de Comportamento Ambiental em Eventos de Rua.

Hoje, Edvard Passos dedica-se à investigação teórica e à prática continuada de realizações teatrais em edificações não convencionais.

Colofão

Este livro foi publicado no formato 155 x 225 mm
miolo impresso na EDUFBA
impressão de capa e o acabamento na Cian Gráfica
tiragem de 400 exemplares
Miolo em papel Alta Alvura 75 g/m²
capa em papel Cartão Supremo 300 g/m²
tipografia composta de Trump Mediaeval LT Std e
Helvetica Neue LT Std.

Em *A cidade efêmera do Carnaval*, o arquiteto e encenador Edvard Passos consolida a produção de conhecimento de seu mestre, o visionário professor, arquiteto e urbanista Manoel José Ferreira de Carvalho. Reunindo transcrições de falas em seminários, ciclos de palestras, entrevistas, documentos dispersos, apontamentos e anotações, Passos organiza e oferece-nos a singular, contundente e pertinente voz de Manoel José que, aqui, se eleva em defesa do planejamento da cidade de Salvador, quando apropriada pelo megaevento de rua do Carnaval.

“Os documentos aqui reunidos, dispendo-se entre o ensaio e o projeto, com sabor misto de peça teórica e instrumento prático, deixam entrever parte da grandeza múltipla de Manoel José Ferreira de Carvalho, aqui a organizar o movimento, a orientar o Carnaval. – **JOÃO CARLOS SALLES**, filósofo, reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

“A atualidade do tema é indiscutível, como comprova a Bienal de Veneza, que dedicou um de seus principais espaços, intitulado “Urbanismo efêmero”, à pesquisa desenvolvida por professores e alunos da Harvard Graduate School of Design (...) Esta publicação recupera, em boa hora, a pesquisa desenvolvida sob a coordenação do professor Manoel José de Carvalho entre 1997 e 2003, que correspondeu à pioneira e até o momento mais importante ocasião em que os professores e alunos da Faculdade de Arquitetura se concentraram em entender esse importante fenômeno urbano que é o Carnaval de Salvador”.

– **NAIA ALBAN**, arquiteta, diretora e professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

“Três alegorias da cidade através do olhar de Manoel marcaram-me profundamente. A cidade como um corpo exposto à fecundidade do desejo. A cidade templo, terreiro a céu aberto para as práticas da fé. A cidade lúdica, potência da alegria na produção da existência. Quando o ânimo de todas as lutas sociais esmorece, em algum lugar da cidade sempre haverá potência para o desejo, a fé e a alegria para refazer-nos com a cidade”. – **ÁLAMO PIMENTEL**, pedagogo, professor da Universidade Federal do Sul da Bahia.



ISBN 978-85-232-1548-4



9 788523 215484